# SALTO

*Por que me encanta?*

Histórias imperdíveis sobre
a terra de Tavares

ACADEMIA SALTENSE DE LETRAS

# SALTO

## *Por que me encanta?*

Histórias imperdíveis sobre
a terra de Tavares

mirarte
2016

© Academia Saltense de Letras, 2016
Todos os direitos reservados

**Edição**
ROSE FERRARI

**Revisão**
ELOY DE OLIVEIRA

**Capa**
ALBA MARA MILIONI

**Projeto Gráfico e Editoração**
VICTOR BENATTI

Ficha catalográfica elaborada por Alair Alencar - CRB 8ª 1728

A168 Academia Saltense de Letras.
s Salto, por que me encanta? Histórias imperdíveis sobre a terra de Tavares. Capa de Alba Mara Milioni. Salto, Mirarte, 2016.

133p. ilus.

Inclui biografias dos autores da coletânea

Coletâneas brasileiras.

CDD.869.88

Índice para o catálogo sistemático.
Coletâneas brasileiras. Título – 869.88

ISBN 978-85-63448-74-3

Editora Mirarte
11 2840-2044

# Sumário

Anna Osta
Apresentação ..... 7

Andrade Jorge
A saga dos paraibanos ..... 11

André Luiz Palhardi
Salto assombrado ..... 16

Anicleide Zequini
Bonecões da Barra: um patrimônio da cultura saltense ..... 22

Antônio Oirmes Ferrari
Os heroicos pracinhas saltenses ..... 28
O saudoso Coleginho da Praça ..... 32

Augusto Gasparini Filho
Urubatão ..... 36

Cristina Maria Salvador
Fragmentos da memória ..... 41

Cynara Lenzi Veronezi
Eu e a Ponte Pênsil ..... 46

Eloy de Oliveira
De bar em bar, vou beber a vida que eu sempre quis ..... 51

Elton Frias Zanoni
Quem foi Tavares? As (in)certezas de um marco inicial ..... 58

Francisco Carlos Garcia
Gracias a la vida, nono Antônio ..... 64

João Carlos Milioni
As pescarias no Tietê ..... 69

Jorge Duarte Rodrigues
Paisagem de infância na Vila Nova ..... 73
Armazém do Bertinho Ferrari, o precursor dos supermercados ..... 76

José Alcione Pereira
Entrevistas, pessoas e fatos ocorridos na cidade ..... 79

Katia Auvray
O velho Tancredo: primeiro Grupo Escolar de Salto ..... 82

Maria Christina Noronha Liberalesso
Cada um com seus problemas ..... 88

Maria Damien Ignácio Pacheco
Pedágio na Ponte do Salto ..... 93

Marilena Matiuzzi
Buru, porque me encanta ..... 98

Mércia Falcini
O quintalão: um quintal de todas as crianças ..... 103

Odair Schiavone
30 anos adoçando Salto ..... 109

Rogério Carlos Lamana
A família Lamana de surdos ..... 113

Rose Ferrari
Infância verde-amarela ..... 117

Valter Lenzi
Lembranças de um menino da década de 50 ..... 123

Virgínia Soares Liberalesso
Uma história – Um jubileu ..... 129

# Apresentação

O principal objetivo deste livro é resgatar, registrar e documentar fragmentos da história, da cultura e da sociedade saltense, que eram transmitidos de maneira informal até o momento.

Para tanto, um grupo de escritores, membros da Academia Saltense de Letras (ASLe), selecionou algumas dessas histórias que ora publicamos nesta coletânea.

Por meio da leitura deste livro, saberemos que "havia na então Praça Paula Souza um casarão onde funcionara por algum tempo a sede da extinta Sociedade Instrutiva e Recreativa Ideal – o Clube Ideal – nascido em 1927, onde também, pela grandiosidade de seu prédio, fora o local de um movimentado hotel. Esse casarão, isolado no meio da praça de terra batida, tinha sua frente para o referido largo, em um dos lados o jardim público e, aos fundos, o vasto terreno margeando o Rio Tietê. Ocupava parte do espaço onde hoje está o Pavilhão das Artes e seu calçadão." – trecho de "O saudoso Coleginho da Praça", de Antônio Oirmes Ferrari.

Também iremos descobrir que, "embora seja costume referir-se à cidade de Salto como 'terra de Tavares', em alguns círculos saltenses, é notório que não foram ele e sua gente os primeiros a ocupar a área onde hoje se localiza o município, que abrigava, ao início da colonização portuguesa na América, aldeamentos dos índios Guaianás (ou Guaianazes), do grupo Tupi-Guarani. Consta que a aldeia aqui localizada chamava-se Paraná-

-Ytu. Foram esses índios que deram à cachoeira o nome de Ytu Guaçu, que significa Salto Grande em língua nativa. Assim, fica claro que esta cachoeira acabou dando nome a duas cidades: Salto (em português) e a vizinha Itu (em tupi-guarani).” – trecho de “Quem foi Tavares? As (in) certezas de um marco inicial”, de Elton Frias Zanoni.

Ou ainda que, como nos conta Francisco Carlos Garcia, na crônica “Gracias a la vida, nono Antônio”, que “atividades na chácara eram comuns, como o churrasco anual do Círculo Católico. Aos domingos, então, lá era ponto de encontro de amigos: Monsenhor João da Silva Couto, Zequinha Marques, Pedro Garavello, Ettore Liberalesso e ‘Berto’ Telesi, seu vizinho e compadre. Nona Ângela matava um frango e, enquanto preparava uma polenta, a conversa seguia com tira-gosto de linguiça e vinho, ambos feitos pelo nono. Homem simples, mas com fama de transformar uvas que ele mesmo plantava em vinho muito apreciado.”

Teremos, ainda, a oportunidade de relembrar “paisagem de infância na Vila Nova”, nas palavras de Jorge Duarte Rodrigues: “O bar e a cancha de bocha do Scallet, na esquina da 9 de Julho, haviam se transformado em imponente restaurante, enquanto a padaria em frente, propriedade da família Bérgamo, agora, em vez de pão, vendia remédios. Desceu em sentido ao Matadouro Municipal, com o coração apertado, lembrando-se da rua batida de terra na qual as boiadas levantavam poeira em direção à morte, e as peladas de futebol se estendiam até ao anoitecer”.

Ou conhecer peculiaridades de entrevistas realizadas pelo jornalista José Alcione Pereira, como esta que ele nos relata: “outra entrevista foi com dona Palmira Milanez, nascida na Itália, que veio para Salto aos 6 anos de idade. Aos 77 anos, ela também se lembrava da visita de D. Pedro II à cidade, quando o monarca visitou uma fábrica de tecidos. Dona Palmira teve 22 filhos (!), informando, porém, que criou apenas 7, que lhe deram 28 netos e 11 bisnetos. Na conversa, fez outras revelações sobre o Dr. Barros Jr., afirmando que ele se casou com uma moça rica, da qual se separou posteriormente e passou a ter uma vida desregrada, de ‘farras’ com moças de diversas procedências. Lembrou-se de uma francesa, uma inglesa, uma italiana e uma cabocla, até que suas condições financeiras chegaram a zero e ele morreu praticamente na miséria”.

Mas isso é apenas o começo desta interessante e rica leitura!

Nas páginas deste livro, o leitor irá ainda conhecer ou relembrar histórias passadas num grupo escolar: "Empertigado e bigodudo 'seu' Paulito Mendes, o porteiro, usava terno risca-de-giz, óculos redondos e relógio preso por uma corrente de ouro, que ia de um bolso ao outro do colete. O relógio era o terror dos alunos que chegavam tarde, ou se atrasavam no recreio. Bastava olhar para o topo da escada para ver 'seu' Paulito junto ao sino, com o relógio numa mão e a cordinha do badalo na outra, pelo menos dois minutos antes do tempo. Parecia se divertir com a tristeza das crianças, que não queriam que o recreio terminasse" – trecho de "O velho Tancredo: primeiro Grupo Escolar de Salto", de Katia Auvray.

Bem como desfrutar das lembranças de uma sorveteria: "Meados de novembro de 1970, Salto amanhecia um pouquinho diferente. Mais doce. Acontecia naquela manhã quente, a inauguração de uma nova sorveteria na cidade. A rua era a Marechal Deodoro e, na altura do número 809, abria-se a porta, pela primeira vez, da saudosa sorveteria Cachoeira.

A responsável por essa proeza era uma senhora muito bondosa, que começou ali seu grande sonho de ser comerciante e de fazer o bem ao próximo por meio de um trabalho que criava com suas próprias mãos." – trecho de "30 anos adoçando Salto", de Odair Schiavone.

E de outras lembranças nem tão doces assim, como nos relata a jornalista Rose Ferrari de maneira intensa no conto "Infância verde-amarela":

"– Corram, corram! Venham ver!

O barulho ensurdecedor das esteiras metálicas no calçamento de pedra se misturava à algazarra das crianças que se esparramavam pela calçada da Rua Nove de Julho.

– Eles vão para a guerra – dizia um dos meninos.

Outro, de olhos arregalados, apontava com o dedo:

– Olha que legal! Sai foguinho da roda!

Depois que passava o comboio, com vários tanques de guerra e caminhões do Exército, cheios de homens armados, desciam a pé centenas de soldados em filas, gritando frases estranhas, que, nós, pequenos, não entendíamos.

Os adultos também saíam à rua para ver e alguns até acenavam alegremente para os militares. Papai, na área de nossa casa, parecia não gostar do desfile. Fazia cara feia e, um dia, disse baixinho:

– Que absurdo! Onde já se viu esses mal-encarados apontarem armas para o povo?".

Porém, isso não é tudo! Há muito mais nas páginas deste livro. Inclusive, as "Lembranças de um menino da década de 50", por Valter Lenzi: "O circo estava armado na praça principal, ao lado do antigo prédio do Coleginho, e apareceu na cidade uma lutadora, Olga Zumbano, da família que deu um campeão mundial de box, Eder Jofre, que fez um desafio aos homens de Salto: pagaria uma considerável importância em dinheiro para quem a vencesse. Apareceu um candidato: Salvador Silveira, que ficou conhecido na televisão como "Índio Saltense", primeiro como lutador, depois como juiz, que sempre decidia em favor dos lutadores inescrupulosos e, por isso, era odiado pelo público. Naquela época, "Índio" não era ainda um lutador, mas possuía um bom físico e era temido pela forma como se comportava com quem não fazia parte do seu círculo de amizades. Vivia de bicos e por isso um bom dinheiro iria lhe proporcionar uma folga financeira, o que o levou a aceitar o desafio e enfrentar a temível lutadora".

Enfim, uma grande variedade de temas que, juntos, nos possibilitam saber um pouco mais de nossa gente, nossa origem, nossa terra.

Um livro agradável e enriquecedor. Um verdadeiro contador de histórias!

Boa leitura.

**Anna Osta**
**Jornalista e escritora**
**Presidente da Academia Saltense de Letras**
**Cadeira 02 – Patronesse: Rachel de Queiroz**

# A saga dos paraibanos

Andrade Jorge
Cadeira 34
Patrono: Oswaldo de Souza Aguirre

A história de Salto é recheada de acontecimentos e fatos inusitados que marcaram indelevelmente sua trajetória no cenário brasileiro. A sua localização geográfica beneficiou-a em muito, desde a segunda metade do século XVII, pois virou rota dos bandeirantes que penetravam em terras não exploradas à procura de pedras preciosas.

De lá aos dias atuais, além dos bandeirantes, os índios, trabalhadores, missões jesuítas, imigrantes italianos e migrantes, principalmente nordestinos e paranaenses, contribuíram para o desenvolvimento de Salto.

Focalizando uma família de migrantes nordestinos prestamos nossa homenagem a todos os não saltenses que ajudaram, uns com a força do trabalho, outros com o intelecto, a terra de Tavares, que se tornou essa acolhedora cidade.

Nossa história está ligada à cidade de Santana dos Garrotes, pois lá moravam as famílias Paulino de Souza e Cirino.

Santana dos Garrotes, cuja população era de 7.266 habitantes pelo Censo de 2010, fica no Estado da Paraíba, na microrregião de Piancó.

Família Paulino de Souza

A família Paulino de Souza vivia na Fazenda Boa Vista, em Santana dos Garrotes. José Paulino era o chefe e estava casado com Francisca Caica de Lima. Ambos trabalhavam na roça.

Na Fazenda Boa Vista nasceu, entre outros filhos de José e Francisca, nosso personagem Francisco Paulino de Souza, que, a exemplo dos demais, com 6 a 7 anos de idade já ajudava na lida da roça.

Quando Francisco tinha 8 anos, os pais se mudaram para a cidade de Santana dos Garrotes, porém continuaram a trabalhar na Fazenda Boa Vista, para a qual iam, todos os dias, de caminhão.

A verdade é que a vida naquelas bandas não era fácil: muito trabalho e ganho miúdo. As crianças quase nem escolas tinham para o aprendizado, tanto que Francisco só foi alfabetizado quando migrou para Salto.

A seca, a poeira do sertão inclemente, a falta de oportunidades, despertaram em José Paulino o desejo de se "aventurar" à procura da melhoria de vida para sua família. Assim, decidiu tentar a sorte no Sul, junto com mais dois irmãos – Manoel e Expedito. A família permaneceu em Santana dos Garrotes. Antes deles, o tio Francisco Sátiro já havia feito o mesmo caminho e se estabelecido desde 1940 no Estado de São Paulo, mais precisamente na cidade de Salto. E esse era o destino dos três irmãos.

José Paulino e seus irmãos demoraram catorze dias para chegar em Salto. Vieram num caminhão que chamavam de "pau-de-arara" (carroceria coberta com lona e dotada de bancos de madeira para sentar). Durante a viagem, se fizesse frio, esfriava tudo; se o tempo estivesse quente, debaixo da lona estava mais ainda; e se chovesse, a água respingava lá dentro. Enfim, era preciso muita vontade para encarar uma viagem nessas condições, mas José, Expedito e Manoel tiraram de letra essas intempéries.

Como já estava acertado, foram morar com o tio na cidade de Salto, na Rua Guararapes, no bairro da Estação. José Paulino arranjou emprego em Capivari, distante de Salto aproximadamente 37 quilômetros, numa usina de açúcar, onde trabalhou por uns tempos. Na década de 1970, conseguiu uma colocação como servidor municipal para trabalhar nas obras da Prefeitura de Salto. Nessa época o prefeito era Jesuíno Ruy.

Em novembro de 1971, trabalhava na construção da ponte sobre o Rio Jundiaí, onde hoje é a Avenida dos Trabalhadores. Na época aquela região era só mato e plantação de eucaliptos da fábrica de celulose existente até hoje. Durante o trabalho foi acometido de um infarto fulminante, chegou a ser socorrido pelo próprio prefeito que naquela hora visitava a obra, mas infelizmente faleceu. Era o dia 7 de novembro de 1971.

Francisco Paulino de Souza, nosso personagem, tinha 11 para 12 anos quando o pai faleceu, e ainda morava em Santana dos Garrotes com sua mãe. A vida continuou e as perspectivas eram as mesmas, ou seja, nada.

Francisco começou alimentar o sonho de deixar sua cidade natal e partir para o Sul, mas ainda era um adolescente. A espera demorou exatos seis anos. Em outubro de 1977, na pequena rodoviária de Santana dos Garrotes, despediu-se de sua mãe, que o abraçou e deu sua benção. A viagem durou eternos três dias. Diferente de seu pai, que viajou num "pau-de-arara", quase vinte anos depois, Francisco levou seu sonho no bagageiro de um ônibus.

Desembarcou na Rodoviária de São Paulo (a antiga, que ficava perto da Estação Ferroviária da Luz). Enquanto esperava o ônibus para Itu (de onde tomaria outro ônibus para Salto) dormiu com a cabeça dentro de sua mala, para aquecer um pouco, pois fazia muito frio. Para o paraibano, acostumado a altas temperaturas, 20º C era um verdadeiro inverno.

A exemplo de seu pai José Paulino, também foi morar com o tio Sátiro, na mesma casa na Rua Guararapes, no bairro Estação. Para demonstrar a solidariedade aos conterrâneos, na casa de Sátiro moravam 28 pessoas em quatro cômodos e, para dormir, espalhavam-se colchões pelo chão. Aos finais de semana, quando chegavam parentes de fora, e não tinham mais lugar para dormir, o jeito era organizar um forró para passar a noite, e a dança corria solta, regada a uma boa cachaça.

O primeiro emprego em terras saltenses foi numa empresa que hoje é uma cooperativa metalúrgica, ao lado da antiga linha dos trens da Sorocabana (Rua Mal. Rondon). Naquela época frequentou a escola de alfabetização de adultos na empresa Emas (que não existe mais). Trabalhou por mais cinco anos em outra empresa de Salto, onde foi admitido como Ajudante de Produção e, por seu empenho e dedicação, chegou à função de Torneiro Mecânico.

Em novembro de 1982 foi admitido na empresa Imarc que, pelas coincidências da vida, ficava na mesma rua onde morava, no bairro Estação.

A Imarc é uma empresa saltense de origem e fabrica escadas, carrinho de pedreiro, banquetas, giricas (um tipo de carrinho para uso em construção), churrasqueiras, e mais uma série de produtos. É um dos orgulhos da cidade de Salto na área empresarial.

Francisco aposentou-se em 2006 nessa empresa, e lá ainda labora até os dias atuais. Paraíba, como é mais conhecido, tem o respeito de todos os colegas e dos diretores, tanto os antigos como os atuais.

Conhece todas as atividades da empresa, tendo atuado nos setores de produção, manutenção e, atualmente, é o chefe da Expedição. As atividades que Francisco aprendeu em sua vida profissional foram na prática e com muito esforço. Assim adquiriu conhecimentos em mecânica de máquinas, solda, maçarico, etc., porque, conforme já se sabe, ele apenas recebeu alfabetização básica. Nas horas vagas, Francisco ataca de garçom em festas organizadas por buffets de Salto e região.

Mas a vida de um homem, como dizem, não é completa se ele não encontra sua metade, e Francisco encontrou a mulher de sua vida. Aos 38 anos de idade, após 12 anos de enrolação ou namoro, casou-se com Irene Cirino.

Irene é o retrato da mulher nordestina: morena trigueira, faceira, olhar astuto, também natural de Santana dos Garrotes. Conheceu nosso Francisco, o Paraíba, lá na cidade quando jovens, mas entre eles apenas olhares furtivos, aquele flerte. Francisco brinca, dizendo que ela já dava "mole" pra ele, mas ela nega. Vai saber!

Irene é filha de Antonio J. Cirino, popularmente chamado de Antonio Caica, e de dona Hozana Galdino. Ao contrário do Paraíba, morava na cidade. Era moça estudada, como se dizia, e no início da década de 80 concluiu o curso de Magistério (mas nunca lecionou). A família era constituída de sete irmãos. Dois deles (João Cirino e Marcos Antonio Cirino), em 1980, partiram em direção à cidade de Salto. Em 1985, chegou a vez de Irene deixar sua terra e vir para Salto. Os irmãos alugaram uma casa na Rua Coelho Neto, na Vila Teixeira, porém seus pais continuaram morando em Santana dos Garrotes.

Depois de dois anos em Salto, Irene foi trabalhar numa empresa multinacional do ramo automotivo, e lá ficou por 13 anos. Nesse período namorou com o já conhecido Paraíba (acho que era amor antigo...) e, em dezembro de 1996, arrastou o homem para o altar. Para não perder tempo, em 1997, nasceu Lucas, filho único, que hoje cursa a faculdade de Direito.

Desde a época em que namorava Francisco, Irene era muito religiosa e participava de atividades na atual Matriz Nossa Senhora do Monte Serrat,

dando palestras nos cursos de liderança cristã, o que fez por 12 anos. Mas o seu serviço religioso não parou aí: por 20 anos foi palestrante no Ministério da Palavra na Igreja Nossa Senhora Aparecida, no Cecap, em Salto, além de catequista, integrante do Apostolado da Oração e Missionária da Mãe Peregrina. Penso que Irene já ganhou um lugarzinho no paraíso.

Atualmente a família mora em casa própria no bairro Marechal Rondon, e rodam felizes em seu carro comprado zero.

São pessoas simples, que vieram do Nordeste à procura de uma vida melhor, e, em terras saltenses, bem distante de sua Santana dos Garrotes, realizaram o sonho, com muito trabalho em acima de tudo e honestidade de propósitos.

Francisco e Irene, Salto aplaude vocês!

---

*Andrade Jorge, jundiaiense, filho do ferroviário Benedito e da tigresa do lar Alice.*
*Poucas virtudes, muitos defeitos, vive e vive sob a égide de seu próprio lema: "Passarei pelo mundo sendo amado ou odiado, talvez os dois sentimentos em igual intensidade, mas jamais passarei de forma indiferente".*
*Membro das Academias: Portal do Poeta Brasileiro, Saltense de Letras, Boituvense de Letras e Artes, Internacional de Letras, Artes, Ciências-Alpas-21.*
*Livros publicados:*
*Encanto e Desencanto – Editora Insano/Campinas*
*Quem é esse ser? Editora A Casa do Novo Autor/São Paulo*
*Contos, En...cantos & Peripécias – Editora Oficina Editores/ Rio de Janeiro*

# Salto assombrado

André Luiz Palhardi
Cadeira 35
Patrono: Aluísio Azevedo

Histórias de assombração existem em todas as culturas. E a cidade de Salto não é exceção a essa regra. Nas duas crônicas que seguem estão relatadas histórias dessas "manifestações fantasmagóricas" do povo saltense.

## Placar Indefinido

– Já disse para não brincar com essas coisas, Bastião! – repreendeu sua esposa Abigail, enquanto Sebastião fazia pouco caso das histórias de assombrações que alguns dos colegas de trabalho da Brasital diziam existir em Salto.

– Não é pouco caso, só acho que esse pessoal é muito medroso e vê assombração em cada sombra da cidade – retrucou Sebastião, tentando se justificar.

– Estou dizendo, é verdade essa história que vou lhes contar – continuou Joaquim, com um tom mudando para mais sério.

Todos na mesa silenciaram. Alguns pararam de comer, outros comiam com mastigadas involuntárias, mais atentos ao causo do que à refeição. O turno da noite na Brasital não era sempre movimentado e era possível conversar um pouco antes de voltar ao serviço.

– Principalmente você, Bastião, deve conhecer essa história por se tratar de jogadores de futebol, uma vez que gosta tanto de correr atrás de uma bola.

Sebastião olhou meio desdenhoso. Orgulhava-se de alardear que era um dos pioneiros do Esporte Clube XV de Novembro e não sabia de nenhuma história de assombração envolvendo jogadores de futebol.

– Meu pai me contou que lá nos anos de fundação da Saltense, na década de 40, houve um grande jogo. Nos dois times todos se empenharam ao máximo, mas, mesmo assim, houve a necessidade da decisão por pênaltis, pois se tratava de uma final. Até aí, tudo normal. O goleiro de um dos times, porém, era irmão de um dos zagueiros do time adversário e, entre os selecionados para cobrar os pênaltis, estava ele. Assim, um irmão se colocaria frente a frente ao outro na disputa pelo campeonato municipal. Os pênaltis foram sendo cobrados, até que chegou a hora de os dois irmãos se enfrentarem. Em um dos lados estava a possibilidade de encerrar o jogo e, no outro, a possibilidade de ganhar outra chance. O jogo estava empatado. Se o zagueiro fizesse o gol, porém, seu time seria campeão. Ele colocou a bola na marca, afastou-se... Olhou para os lados e para o céu. A penumbra da tarde estava começando a se formar. A noite logo chegaria. Olhou para seu irmão ali no gol, preparado para agarrar seu chute. Ele sabia que seu irmão conhecia seu jeito de jogar, afinal jogavam juntos desde criança. E, por incrível que pareça, ali mesmo, naquele campo. Subiam do Bairro da Barra toda sexta-feira no fim da tarde e viravam à esquerda pela Rua José Revel, até chegarem ao campo. Enquanto subiam rolavam uma bola velha e remendada, cruzando a rua de um lado para o outro, fazendo um ruído de algo se arrastando. Quando chegavam ao campo, treinavam vários tipos de jogadas, inclusive pênaltis. Por isso sabia que seu irmão reconheceria seus movimentos e saberia onde ia chutar. Respirou fundo, tomou distância e decidiu como venceria seu irmão. Pam!!! O chute mais forte que já conseguira emplacar. Como uma bala de canhão, a bola saiu da marca e mais rápido que um raio chegou até o guarda-metas, que, com um grande abraço, segurou a bola em seu colo. A torcida e seu time arrebentaram em aplausos e gritos fervorosos de orgulho por uma façanha tão inesperada. Era uma bola impossível de se pegar, não tanto pela posição, mas pela força que

fora empregada. O zagueiro olhou para seu irmão, que deu um leve sorriso, como se dissesse: "Hoje não!". Mas o sorriso petrificou-se em seu rosto e, abraçado à bola, ele tombou no chão. O irmão e mais pessoas do time correram em sua direção. O goleiro tinha sangue saindo por sua boca e nariz. Puxaram a bola, que parecia colada em seu corpo. Seus braços congelaram na posição de agarre e nada os fazia voltar. Minutos depois, para desespero de todos, principalmente de seu irmão, o goleiro morreu. O zagueiro saiu do tumulto sem que ninguém percebesse e foi até o meio do campo. Ajoelhou-se no círculo central, olhou novamente para o céu. Já não parecia tão escuro assim. Sentiu uma pressão forte em seu peito, que logo se transformou numa ardência e subiu para seu pescoço e braços. "Uma dor suportável se comparada ao fardo de matar um irmão", pensou ele. Caiu de bruços e lá ficou. Quando sentiram sua falta já era tarde. Jazia morto no círculo central, tanto foi o desgosto que seu ato lhe trouxe.

O silêncio tomava conta da mesa, até que Sebastião falou.

– Bobagem essa história. Nunca ouvi falar nada... e olha que eu jogo muito futebol!

– Ah, esqueci de um detalhe – completou Joaquim – Os moradores da José Revel dizem que toda sexta-feira, pouco antes da meia-noite, ouve-se o mesmo barulho da bola dos dois irmãos sendo cruzada de um lado para o outro da rua. Dizem que são os dois indo terminar o jogo que até hoje não se sabe quem venceu.

– Boba... – tentou falar Sebastião.

– Bleeeeeemmmmmmm! – soou a sirene indicando que o horário do jantar havia terminado e impedindo Sebastião de concluir seu desdém.

## O morador da cachoeira

Engoliram o que restava de comida e saíram rápido para seus setores. Joaquim e Sebastião trabalhavam juntos na tinturaria. O local era bem ao lado do rio Tietê e, de suas janelas, dava para ver o leve remanso que se forma depois das turbulências violentas da água no salto.

– Por que você não acredita nessas coisas Bastião?

– Não é que eu não acredito... Não sei dizer... Acho que só acreditaria vendo, mas nunca vi...

– Olha, Bastião, não fale besteira! Quem iria querer ver uma coisa dessas? Cuidado com o que você deseja!

– Por que você não vai lá no estoque buscar corante laranja, que acabou. Assim terminamos com esse assusto besta de uma vez!

Quim fez uma cara feia e saiu sem pestanejar.

– Esse Bastião é teimoso como uma mula e ninguém o fará mudar – disse para si mesmo.

Joaquim demorou-se um pouco mais do que usualmente e, voltando, ouviu o badalar do sino da Matriz de Nossa Senhora do Monte Serrat indicando dez horas. Entrando no setor, foi procurar Sebastião. Não demorou para ver que ele estava parado, olhando para o rio por uma janela.

– Vamos, Bastião, precisamos acabar o serviço de hoje!

Mas nada aconteceu. Sebastião não disse nada nem se moveu. Joaquim se aproximou e notou, na iluminação fraca, que o colega estava pálido, imóvel e com olhar fixo no rio. Sua expressão era de pavor, seus lábios pareciam ressecados e trêmulos.

– O que aconteceu? – insistiu Quim, mas nada ainda. – Fale comigo homem! – disse tocando em seu braço.

Num sobressalto Sebastião pareceu voltar a si e começou a falar rapidamente, mas Joaquim nada entendeu. Ele tremia e apontava para o rio.

– Acalme-se, homem! Venha, vamos tomar uma água.

Arrastou-o pelo braço e foram até uma torneira que usavam para tomar água. Bastião tomou quase um litro sem tirar a boca da torneira e depois colocou a cabeça sob a água, deixando que ela escorresse por seu pescoço. Após isso pareceu voltar a si e, com mais compasso, falou o que aconteceu.

– Logo depois que você saiu, eu vim até tanque próximo à janela em que me encontrou e comecei a prepará-lo para receber o corante que estava trazendo, mas algo estranho chamou minha atenção para o rio. Olhei pela janela e, lá embaixo, na calmaria depois da cachoeira, algo parecia reluzir. No início, era uma luz pequena e fraca, como a chama de uma vela. Por uns instantes pareceu o mero reflexo da luz da lua nas águas.

Mas eu não consegui deixar de olhar naquela direção. O brilho aumentou pouco a pouco e passou a iluminar os arredores... – Sebastião parou por um momento, parecendo buscar ou apagar de suas memórias, a sequência de fatos que presenciara.

– Notei, então, um barco, que parecia ser de madeira negra como a noite mais escura. Mas não barco comum, não. Era daqueles que são esculpidos de uma tora maciça. Enegrecidos pelo piche usado para impermeabilizar. As águas, mesmo calmas, faziam um movimento suave, mas o barco vinha implacável e inabalável. Lentamente se movendo em direção à cachoeira, mas sem um solavanco sequer. Não parecia estar em contato com a água. A luz aumentou ainda mais e pude ver que se tratava de um farol de vela ou sabe-se lá de que... Estava preso na frente do barco e, na parte de trás, pude ver um condutor. Meu corpo inteiro se arrepiou quando eu percebi aquela figura, Quim. Era algo estranho. Algo que não era desse mundo. E, mesmo sabendo que se tratava de algo ruim, eu não consegui deixar de olhar. Inteiro de preto, com um manto grande escorrendo. Ele e o barco pareciam uma só coisa. Juntas. Inabaláveis. Naquela hora o condutor, de alguma forma, percebeu que eu o observava e olhou em minha direção. Seu rosto era pálido, mas não um pálido como o nosso. Parecia mais com a cor da lua cheia, branco e acinzentado. Longe e sem vida. Seus olhos eram negros como duas bolas de vidro, sem qualquer outra marca... Achei que ele viria até mim e que eu não conseguiria fugir, pois estava petrificado. Mas, de súbito, ele voltou seu olhar para a cachoeira e o barco pareceu acelerar seu deslocamento. Dentro da névoa que se formava do bruto choque entre as águas e as rochas de granito, o barco desapareceu da mesma forma que surgiu.

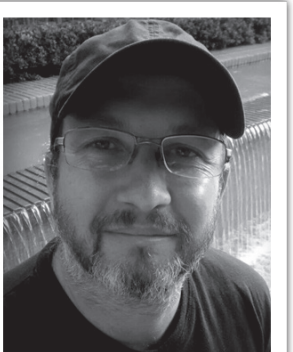
– Nossa, Bastião, nem sei o que dizer!

– Não diga nada. Nem conte isso para ninguém, ou vão achar que eu dormi em serviço e vão me dispensar. Vamos trabalhar que é o melhor remédio.

Voltaram a trabalhar e, pouco antes do horário de sair, Joaquim foi até a janela e olhou na direção do remanso. Não que quisesse ver algo, era mais pela curiosidade que não cessava. Ouviu o sino da Matriz marcar meia-noite e virou-se para ir embora. Olhando de relance para a cachoei-

ra, forçando a vista, pareceu enxergar um pequeno facho de luz vindo de lá de dentro. Na queda d'água de Salto, onde dizem morar o Barqueiro Fantasma.

---



*Me chamo André Luiz Palhardi, sou natural de Salto, tenho atualmente trinta e nove anos de idade. Sou formado em Projetos Mecânicos, Processos de Fabricação, Gestão Empresarial e com pós-graduação em Gestão de Projetos. Trabalhei no segmento industrial por mais de quinze anos, nos mais diversos setores do processo produtivo. Atualmente, trabalho no segmento da Educação Superior, como professor universitário para programas de Engenharia e Gestão no CEUNSP-Salto. Sou leitor assíduo e gosto muito de escrever, tanto literatura quanto assuntos técnicos. Tenho dois livros publicados: "O Império dos 4 Cantos do Mundo" e "E a onda levou... O princípio da liderança". Além deles tenho quatro outros livros em andamento que pretendo concluir em breve.*

# Bonecões da Barra: um patrimônio da cultura saltense

Anicleide Zequini
Cadeira 36
Patrono: Dr. Barros Júnior

Em abril de 1912, a fábrica de tecidos Società per l'Esportazione e per l'Industria Italo- Americana encaminhou ao presidente da Câmara Municipal de Salto, Luiz da Silva Leite, um ofício solicitando a abertura de ruas em um terreno de sua propriedade, situado nas margens dos Rios Tietê e Jundiaí, para a construção de 30 casas destinadas à moradia de seus operários. Em 1919, com a venda da Ítalo-Americana, todas as propriedades, incluindo essa vila de casas operárias, passaram para a Brasital S/A.

No interior dessas "casas da Barra", como ficou conhecida a Vila Operária, convívio dos operários, surgiu uma das mais importantes manifestações da cultura popular saltense, os "Bonecões da Barra", uma alegoria carnavalesca construída com bambu, arame e papel de jornal, em meados dos anos de 1950, pelas mãos de Álvaro Ribeiro, um dos moradores daquela vila.

Os carnavais de Salto sempre estiveram concentrados nos bailes dos antigos salões dos cineteatros São Bento, Verdi e Clube Ideal. Em 1938 e 1939, os bailes eram animados com as últimas modinhas da época como "A Jardineira", sucesso na voz de Orlando Silva; "Miau... Miau", com Aracy de Almeida; "Florisbela", com Silvio Caldas; e

"Tirolesa", com Dircinha Batista, que, segundo o jornal saltense "O Povo", andavam "por aí gritadas pelos rádios e guélas" e, por todos os cantos, ouviam-se "suspiros de camélia", em uma referência à modinha "A Jardineira".

Em meados de 1950, o Carnaval de rua já estava bem mais animado e começaram a aparecer as alegorias que ficaram marcadas na memória da população local, como o boizinho e o Bonecão da Barra. No conturbado ano político de 1954, quando o operariado estava discutindo o salário mínimo, o Carnaval de rua foi original, segundo a coluna "Ser Saltense" do Jornal "O Liberal", possivelmente pela presença do Bloco da Barra e de outro bloco sem denominação – os "sem bairro fixo" -, contendo componentes dos vários bairros da cidade.

Quanto ao "Bloco da Barra", afirmava o Jornal "O Liberal", de 7 de março de 1954, que, "além da originalidade das figuras", coisa que havia muito não se encontrava em Salto, com os boizinhos, os índios, a "gaiolinha" de transporte, patos e outras caracterizações individuais, notou-se a presença do que denominaram de "Gigantes". Mas a grande atração mesmo foi a mensagem que levaram em seu estandarte: "Muita paz nos entendimentos do salário", as quais expressavam "o pensamento dos operários saltenses".

Os "Gigantes" a que se refere este artigo poderiam ser o que, posteriormente, ficaram conhecidos como os "Bonecões da Barra", criados por Álvaro Ribeiro.

Lembranças de Claudete, filha de Álvaro Ribeiro, apontam a década de 1950 como marco da chegada de sua família à cidade de Salto, época que coincide com a primeira notícia encontrada no jornal saltense sobre a participação do "Bloco da Barra".

Álvaro trabalhou primeiramente como vendedor, depois como operário da Brasital e, por último, montou uma oficina de carpintaria e marcenaria vizinha à Vila Operária da Barra, em frente ao Rio Jundiaí. Foi nesse local, ao lado de Pedro Alves, também conhecido como Pedro Cascudo, dada sua habilidade como pescador, que organizou o "Bloco da Barra".

Um dos grandes animadores do "Bloco da Barra", e que mereceu destaque do jornal "O Liberal", de 1961, foi Sansão Pereira, um "entu-

siasta folião". Segundo lembranças de sua neta Mônica Pereira Martins, Sansão e grande parte de sua família, como seu irmão e seu filho, sempre participaram do Bloco que, segundo Valdir Alves, filho de Pedro Alves, era organizado e custeado com recursos arrecadados pelos moradores da Vila Operária por meio de rifas, festas e um "livro de ouro" para doações em dinheiro das casas de comércio da cidade. Destacam-se também a presença de Vicente Girardi e Wilson Cazzamatta na organização do bloco.

Mas foi na oficina de carpintaria de Álvaro Ribeiro que tudo começou. O interessante é que ele utilizava materiais disponíveis nas imediações para a construção do bonecão. Assim, em um bambuzal existente na chácara de propriedade de Romeu Somossa Cortez, perto do Bar da Ponte, as crianças da Barra iam buscar bambu, matéria-prima para a armação do corpo do bonecão. Segundo sua filha Claudete, Álvaro construiu muitas outras atrações, entre elas, o boizinho, a cartola, o cavalinho e uma carruagem para o Rei Momo e sua corte. Era também naquele local, segundo Valdir Alves, que se guardavam as alegorias.

A armação do corpo do bonecão era feita apenas com dois materiais: bambu e arame. Álvaro transformava o bambu em sua oficina, após ele ser retirado do bambuzal, por meio de uma serra de marcenaria, em tiras bem finas, pois quanto mais finas as tiras, mais leve ficava o bonecão. Aí começava-se a confecção da armação do corpo, fazendo-se as argolas que iriam dar o tamanho da circunferência do bonecão. As tiras nas transversais, amarradas com arame, davam a sustentação vertical para o corpo, deixando-se sempre, na parte superior do corpo, um espaço para o encaixe da cabeça.

Feita a armação do corpo, costurava-se a "vestimenta do bonecão", como disse Valdir Alves, que dava à alegoria uma identidade, pois poderia ser roupa de mulher ou de homem. Os tecidos eram comprados na fábrica Brasital pelos próprios operários, que, por serem funcionários, conseguiam preço melhor. A costura ficava por conta das mulheres. Conta Claudete Ribeiro que os tecidos para as roupas do bonecão, por serem gigantes, eram geralmente estendidas e cortadas na calçada, o que se tornava uma atração à parte.

*Os últimos bonecões feitos pelo artista Francisco Ribeiro encontram-se no Museu da Cidade de Salto*

A cabeça do bonecão começava a ser feita, segundo Valdir Alves, sobre uma armação em arame. Por ser um material flexível, o arame foi o material escolhido para dar a forma do rosto, nariz e orelhas. Depois de moldada a cabeça, a armação era revestida com tiras de papel de jornal. Valdir, ainda criança, e amigos da mesma faixa etária ajudavam no corte das tiras de papel, pois tinham a habilidade adquirida na prática de fazer "papagaios" ou "pipas".

Cortado o papel, era a hora de passar a cola, feita com água e farinha de trigo. Mas a técnica não era tão simples: após passar a cola nas tiras de papel com um pincel, as mesmas eram coladas em camadas sobre o arame. Para acrescentar uma nova camada de tiras era necessário esperar a secagem da anterior e, assim, sucessivamente, até o momento em que Álvaro dava o sinal, indicando o final do trabalho. O interessante é

que essas cabeças eram secadas ao sol, em cima de um muro em frente à oficina. Depois eram recolhidas para a oficina e ali pintadas – rosto, olhos, orelhas, boca e os cabelos, utilizando-se para isso, tintas que pudessem resistir à chuva. Os braços eram feitos de tecido e recheados com palha ou espuma já usadas ou sobras de colchões e amarrados ao corpo do bonecão. As mãos, em forma de luvas, eram recheadas com algodão ou palha.

Os primeiros bonecões não se pareciam com nenhuma pessoa em especial. Como diz Mônica Pereira Martins, "os bonecões não tinham personagens como hoje", eles eram a "criação da invenção deles", ou seja, pintavam um rosto engraçado ou, então, outro rosto que pudesse provocar alguma reação na criançada. Os bonecões, depois de desfilarem no Carnaval, eram guardados pendurados na marcenaria de Álvaro, que os reformava e dava outras feições no Carnaval seguinte.

Conta Valdir Alves que o "Bloco da Barra", com os bonecões, saía da Vila Operária e percorria as ruas da cidade sem um trajeto predeterminado. Mas o que não deixavam de fazer, a pedido dos operários, era esperar a saída dos mesmos no portão da Brasital, às 22 horas. Diziam eles: "vai buscar nós lá na fábrica!". Os bonecões não eram apresentados apenas no Carnaval. Dado o sucesso que sempre fizeram com crianças e adultos, eles também eram levados a outros encontros, como os comícios que aconteciam por ocasião de campanhas políticas.

Após o falecimento de Álvaro Ribeiro, um de seus filhos – Francisco Ribeiro, conhecido como "Tico Boca", passou a confeccionar os personagens do "Bloco da Barra", empregando a mesma técnica de seu pai: bambu, arame e papel de jornal. Os dois últimos exemplares dos bonecões construídos por Francisco Ribeiro, utilizados em 1990 no desfile do bloco carnavalesco "Unidos da Última Hora", de Salto, foram posteriormente doados para o Museu da Cidade de Salto, onde se encontram em exposição.

Atualmente, os bonecões não são mais confeccionados pelos moradores da Vila da Barra. A técnica original também não é mais empregada, mas eles continuam sendo a principal atração do Carnaval saltense. Os bonecões hoje têm feições que remetem a personalidades, a maioria delas sem nenhuma relação com a História do Carnaval saltense, como foram Sansão Pereira, Álvaro Ribeiro e Pedro Alves.

**Agradecimentos:**

A Rosi Mari Aparecida Ferrari, que ajudou a encontrar os descendentes das famílias do criador do bonecão e organizadores do "Bloco da Barra", de modo que se pudesse resgatar esta história.

A Claudete Ribeiro, filha de Álvaro Ribeiro; ao Valdir Alves e sua irmã Valdira Alves Zaccharias, filhos de Pedro Alves, e à Mônica Pereira Martins, neta de Sansão Pereira.

---

*Anicleide Zequini é saltense, filha de Francisco Zequini e Dirce da Costa Zequini. Também é doutora em Arqueologia Histórica pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo e mestre em História Social do Trabalho pela Universidade Estadual de Campinas. É autora dos livros "O Quintal da Fábrica: a industrialização pioneira do interior paulista, Salto-SP séculos XIX e XX", e "A Fábrica de Papel de Salto: 110 anos de Evolução e Tecnologia" e coautora do livro "Banda União dos Artistas: 100 anos de luta e glória". Membro da Academia Ituana de Letras e da Academia Saltense de Letras, Anicleide é autora de artigos de divulgação e científicos. Trabalha como pesquisadora no Museu Republicano "Convenção de Itu", extensão do Museu Paulista da Universidade de São Paulo.*

# Os heroicos pracinhas saltenses

Antônio Oirmes Ferrari
Cadeira 07
Patrono: Machado de Assis

Encantou-me a cabecinha de garoto de 8 anos, quando a pequenina Salto do ano de 1945 compareceu em massa à Estação da Estrada de Ferro, para receber em seus braços os heroicos pracinhas conterrâneos, que lutaram em campos da Itália, defendendo o nosso país e a democracia contra o nazi-fascismo, durante a Segunda Guerra Mundial. Em verdade, pouco ou quase nada se escreveu, ao longo desses anos, sobre esses heróis saltenses e, não fosse uma lápide esculpida em granito existente no jardim defronte à nossa histórica Igreja Matriz, os quatro nomes de nossos pracinhas teriam caído em total esquecimento.

À guisa de rememoração histórica, em 1944, o Brasil enviou 25.445 pracinhas (soldados) à Itália para lutar ao lado dos Aliados – americanos, ingleses, franceses e soviéticos - contra o Eixo, formado por alemães, italianos e japoneses. Ao final da Guerra, em 1945, lamentavelmente, nada menos de 465 dos combatentes brasileiros perderam a vida nos campos de batalha. Felizmente, os pracinhas nossos conterrâneos retornaram sãos e salvos. Graças a Deus! Criança, lembro-me das rezas que senhoras faziam, cotidianamente, aqui em Salto, durante a triste Guerra, suplicando as graças de nossa Padroeira.

Naquele setembro inesquecível, da chegada dos nossos heróis, como menino que se encantava com tudo que via de bonito, lá estávamos com muitos outros colegas, com o uniforme do Coleginho, ao lado das duas

outras escolas, então existentes em Salto, o Grupo Escolar Tancredo do Amaral e a Escola Anita Garibaldi.

Eram só três as escolas, então, aqui existentes. Logo chegava o trem e com ele os nossos conterrâneos, bravos heróis. Ao som das duas corporações musicais presentes, os escolares entoaram o lindo "Hino aos Pracinhas Saltenses", letra e música do talentoso maestro Silvestre Pereira de Oliveira, de saudosa memória. Uma casa comercial mandou imprimir a letra do hino, que fora então distribuído à grande multidão presente. Este traduzia o ufanismo e a alegria do povo, pela volta triunfal de seus pracinhas:

I

"Salve! Salve! expedicionários saltenses; Salve! Salve! grandes heróis do Brasil.
Nós vos saudamos alegres, contentes, a vossa volta ao nosso País
Eis que a Pátria convocou os seus filhos, para unidos conquistar a Liberdade
Filhos de Salto não fostes esquecidos, como saltenses soubestes ter fidelidade".

CORO

"Brasileiros...Brasileiros, deste querido torrão
PRACINHAS SALTENSES, recebam nossa eterna gratidão".

II

"O Brasil enviou seus filhos adorados, à Itália o Fascismo combater
E o Nazismo malfadado - combater, lutar e vencer.
Mas na luta por uma causa justa, Deus lá do Céu vos veio proteger
Aparecida cobriu com seu manto, os brasileiros veio defender"

CORO

"Brasileiros... Brasileiros, deste querido torrão" ... (Bis)

III

"Quando estavas no campo de batalha, escutavas o troar do canhão
E cantavas esta canção: "lá bem longe na minha terra querida
Os passarinhos vivem sempre a cantar, vou lutar, vou dar a minha vida
E o nosso Brasil sempre, sempre, haverá de triunfar"."

O estribilho final - "Brasileiros... Brasileiros, deste querido torrão, PRACINHAS SALTENSES recebam nossa eterna gratidão" foi praticamente cantado por toda aquela multidão. Pena que não houvesse na época a tecnologia de hoje, para documentar aos pósteros esse momento inenarrável. Gente de todas as idades presente, muitos choravam de emoção. Nossos expedicionários voltavam à querida terrinha, depois da árdua batalha. Todos queriam tocá-los, cumprimentá-los, abraçá-los.

Desse local, seguiu-se o grande desfile, até as escadarias da nossa Igreja Matriz, com escolares, as corporações musicais e o povo participando. Lembro-me que o então jovem Geraldo Sontag organizou um grupo de moços, que possuíam jeeps, camionetas e motocicletas , os quais enfeitaram seus veículos com as cores verde e amarela, ao passo que um grupo de senhoras, tendo à frente a inesquecível presidente local da Legião Brasileira de Assistência, Maria Theodora Liberatore Vitale, desfilara com vestimenta branca, simbolizando a paz que se havia alcançado com o término da nefasta Guerra e a vitória dos Aliados contra as terríveis forças do nazi-fascismo.

Nas amplas escadarias de nossa Igreja Matriz, aguardava o desfile o venerável monsenhor João da Silva Couto, acompanhado das diversas irmandades daquele templo sagrado. Os quatro heroicos pracinhas conterrâneos foram mais à frente e receberam as bênçãos do monsenhor Couto, que invocou a perene proteção de Deus e de nossa Padroeira, Nossa Senhora do Monte Serrat.

Das escadarias da Matriz, chegaríamos ao ponto culminante daquele dia festivo para a população, daquela Salto pequenina de 1945, orgulhosa de seus quatro filhos, os quais conquistaram feitos gloriosos, vividos além-mar, com toda sorte de sacrifícios, para que pudéssemos continuar a desfrutar da paz e da liberdade, com a vitória das Forças Aliadas, na Segunda Grande Guerra Mundial.

No jardim existente defronte à nossa Igreja Matriz, a cidade expressava, num belo monumento esculpido em granito e com letras gravadas em bronze, sua gratidão imorredoura aos Pracinhas Saltenses. Diante de autoridades civis, militares e eclesiásticas, além de grande multidão, usou da palavra sempre eloquente Oswaldo de Souza Aguirre, na época o orador oficial da cidade nas grandes comemorações, exaltando o feito dos

quatro expedicionários saltenses. Ato contínuo, os quatro pracinhas descerravam o monumento feito em sua homenagem, onde estava gravado para sempre:

*SALTO*
*Em homenagem e como imperecível gratidão, aos heroicos expedicionários*
*SARGENTOS: LUIZ FIOCO e MÁRIO BURATI*
*SOLDADOS: PEDRO CINCÍLIO e SEVERINO HENRIQUE ALVES DE ARAÚJO.*
*Setembro de 1945.*

Naquele dia Salto gravara perenemente no bronze a gratidão de sua gente aos nossos pracinhas, heróis nacionais, aos quais – por mais que passem os anos - esta terra lhes será eternamente grata, por sua bravura e patriotismo nos campos de batalha, em defesa da democracia e da liberdade.

# O saudoso Coleginho da Praça

Antônio Oirmes Ferrari
Cadeira 07
Patrono: Machado de Assis

Encantou-me no passado de menino e encanta hoje a minha lembrança dos áureos tempos, a figura inesquecível de minha primeira escola, onde recebi formação e informação, onde assimilei as primeiras letras, que ora se uniam, ora se separavam, assim como os números que se somavam, subtraíam, multiplicavam, dividiam...

Quanta curiosidade! Como é bom aprender! Mestras gentis e dedicadas ensinavam e nós aprendíamos! E o prédio, então, de linhas bonitas, encantava minha meninice. Para mim, será sempre o saudoso Coleginho da Praça.

Sua história é muito bonita. Havia na então Praça Paula Souza um casarão onde funcionara por algum tempo a sede da extinta Sociedade Instrutiva e Recreativa Ideal – o Clube Ideal – nascido em 1927, onde também, pela grandiosidade de seu prédio, fora o local de um movimentado hotel. Esse casarão, isolado no meio da praça de terra batida, tinha sua frente para o referido largo, em um dos lados o jardim público e, aos fundos, o vasto terreno margeando o Rio Tietê. Ocupava parte do espaço onde hoje está o Pavilhão das Artes e seu calçadão.

Graças aos esforços do pároco, o saudoso Padre João da Silva Couto, que mais tarde receberia o título de Monsenhor, no dia 7 de novembro de 1936 chegava à cidade de Salto um grupo de abnegadas religiosas da Congregação das Filhas de São José. Foram pioneiras a Madre Dositea da Ré e as Irmãs Plaudila Sartori, Eugênia Vendrami e Otília Serafim. Era o

dia glorioso de instalação da Escola Paroquial Sagrada Família, chamada desde seu início, carinhosamente, pela população de Coleginho. Foram dias de muitas festas, com eminentes autoridades municipais e estaduais presentes, além de religiosas. Uma figura ímpar destacou-se nesse episódio inesquecível: a benemérita senhora Aurelina Teixeira, legítima proprietária daquele vetusto casarão de linhas bonitas. Essa venerável cidadã outorgava, na ocasião, à Paróquia de Nossa Senhora do Monte Serrat a escritura de doação do prédio nº 12 da então Praça Paula Souza, para ali instalar-se a Escola Paroquial, depois Externato Sagrada Família.

*Vista parcial do Coleginho, na então Praça Paula Souza*

Celebrada a primeira missa no local, com a presença, inclusive de D. José Gaspar de Affonseca e Silva, bispo auxiliar de São Paulo, os presentes foram conhecer de perto as dependências da nova escola. Nos dias seguintes efetuaram-se as devidas adaptações, bem como iniciaram-se as matrículas para o próximo início das aulas.

Passaram-se os anos e a bem organizada escola foi marcando presença na vida da pequena cidade. A indústria Brasital, sempre presente nos marcantes feitos daquela época, construiu às suas expensas, ampla e confortável capela junto ao prédio, dotando-a de todo o mobiliário e de uma pequena torre com vistoso sino, que as madres faziam tocar quando havia

missa na capela do Externato. A ainda pequena cidade ouvia, então, logo de manhãzinha, o bimbalhar do sino, anunciando que no dia seria celebrada a Santa Missa naquele local.

Tempos depois, passados vários anos, com quase 6 anos de idade, também passei a fazer parte do querido Coleginho. Meus pais matricularam-me no Jardim de Infância – hoje seria a Pré-Escola – cujas crianças eram conduzidas pelas saudosas madres Fortunata e Otília. Nosso uniforme era um aventalzinho branco e ali aprendíamos as primeiras noções de boas maneiras, o respeito para com o próximo e as orações, com as quais se iniciavam as aulas de cada dia. Havia também o horário do descanso, quando debruçávamos sobre as carteiras para o sono reparador. A atenciosa Madre Fortunata, com a temida varinha na mão, repreendia quem não se achegasse ao silêncio para o sono coletivo. Aos 7 anos, já no 1º ano Primário – hoje Ensino Fundamental – familiarizei-me com as primeiras letras e os primeiros números, sob o comando da Profª Olinda Hyppolito, de saudosa memória. Parece que descobríamos um "novo mundo", com aqueles sinais gráficos – as letras – que ora se uniam, ora se separavam e expressavam, no papel, o que queríamos dizer... E os sinais numéricos, então? Somavam, subtraíam, multiplicavam, dividiam... Tudo era novidade! Sentíamos o "milagre" da alfabetização, como uma luz que se descortinava em nossas cabecinhas.

Nos anos subsequentes, tivemos mais duas mestras, que, como a anterior, marcaram sobremaneira nossa infância. Foram elas a figura marcante da mestra Irmã Maria Nazarena Corrêa, nas classes dos anos subsequentes, até o 4º e último ano, e como substituta eventual a também saudosa Profª Maria de Lourdes Guarda. Foram anos inesquecíveis. Lembro-me com carinho das festas em louvor a São José Operário, patrono da Congregação, as quais aconteciam na primeira semana de maio, quando o Coleginho promovia exposições de trabalhos dos alunos, novenas e tríduos preparatórios e suas salas de aula eram embandeiradas festivamente, assim como a capela e o pátio de recreação. As abnegadas madres convidavam as autoridades e o povo para participar. E a pequena cidade, que não contava na época com mais escolas – além do Coleginho, o Grupo Tancredo do Amaral e a Escola Anita Garibaldi tão somente – participava ativamente, com sua população vivendo fervorosamente as festas em louvor ao patrono da Congregação. Nós, os alunos, aguardávamos ansiosamente o fecho da semana festiva, quando as madres nos re-

comendavam que comparecêssemos "bem arrumadinhos", para a histórica foto coletiva, sob a égide do saudoso fotógrafo Juca Pinto, vizinho da escola.

Anos mais tarde, objetivando a construção da Concha Acústica e a extensão da praça, foi permutado o hoje inesquecível prédio do Coleginho por um vasto terreno, na Avenida D. Pedro II. A comunidade, ao lado das abnegadas religiosas, em memorável campanha que envolveu praticamente a cidade toda, edificou o prédio da hoje Escola Sagrada Família, inaugurado festivamente no dia 9 de fevereiro de 1958. O suntuoso casarão do passado não existe mais. Ficou a saudade do Coleginho da Praça, que tanto encantou meus tempos de criança. Que pena! Poderia ter sido preservado... Hoje seria, talvez, por sua suntuosidade e história, nossa Casa da Cultura, localizada na principal praça da cidade. Infelizmente, não se pensou, naquela época, em preservá-lo. Hoje, só nos resta lamentar.

---

*Antônio Oirmes Ferrari é casado com Nídia Hyppolito Ferrari, tem dois filhos e três netos. É formado em Letras, com especialização em Língua Portuguesa e Literatura Luso-Brasileira, pela PUC/Campinas. Por concurso público exerceu as funções de Catedrático de Português e, em seguida, de diretor de escolas estaduais durante cerca de 30 anos. Foi também Diretor do Conservatório Municipal "Maestro Henrique Castellari", por 10 anos, além de secretário municipal da Cultura e Turismo, em 1996, e secretário municipal da Educação (2001-2004). É também bacharel em Direito, inscrito na OAB/SP- sob o nº 19.408. Foi vereador por 15 anos (1964-68, 69-72, 77-82). Integra o jornalismo saltense há anos, com seções sobre o idioma pátrio, literatura, poesia, educação e esportes. Desde 2000, é diretor da Faculdade Sant'Anna de Salto. É autor de várias obras, entre elas "Nosso Idioma de Cada Dia" e teve participação das Coletâneas I e II da ASLe. É membro fundador da Academia Saltense de Letras, tendo exercido a Presidência por cinco anos.*

# Urubatão

Augusto Gasparini Filho
Cadeira 12
Patrono: São Francisco de Assis

Nossa terra – nossa gente
e a falta que o povo sente
do folclore refinado,
pobres mortais que partiram,
mas que em vida aderiram
ser alguém mais engraçado.

"Bi-Bi, Fon-Fón", "Zé Macaco",
"Dito Mé" – um bom mulato
e um tal de "Zé Batatão".
Mas nestes versos rimados
peço licença, prezados:
– Vou falar do URUBATÃO.

Jamais conheceu tristeza,
acostumado à pobreza
numa vida embaraçada!
Um cara um tanto falante
que soltava a cada instante
uma enorme gargalhada.

Vendedor de loteria
e os milhões que prometia
em discurso entusiasmado...
Justificava mais tarde:
– Tenha paciência – aguarde,
o azar correu do seu lado!

– É só arriscar novamente,
agora o seu pé tá quente,
faça uma nova fezinha...
E pra conseguir "dobrar"
era capaz de jurar
fazendo uma ladainha.

E quantas rifas vendia,
lombo... pernil... quem diria?
Prontinhos pra degustar...
– Mas, se for o felizardo
e também do seu agrado,
me convide pra almoçar.

Nas piadas que fazia,
uma vasta antologia,
às vezes, tipo charada...
Se porventura, sem graça
ele encerrava na raça
soltando uma gargalhada.

Certa vez, um milionário,
(descrevia em tom lendário),
fez ao demônio, alvoroço;
que com toda honestidade
lhe daria uma propriedade
cada 10 anos mais moço.

O velho foi regredindo,
a idade diminuindo,
vejam só o que aconteceu:
pois voltando a ser criança
e revivendo sua infância
pegou sarampo e morreu.

Daí, seu desembaraço
fazia ecoar no espaço
um gargalhar muito além,
zombando do milionário
que, transformado em otário,
morreu sem ter um vintém!

Gostava de uma "caninha",
da branca ou da amarelinha
sem questionar procedência.
– É mais gostosa a cachaça
quando se bebe de graça,
pois não causa dependência!

Disciplina no trabalho
sem nunca pegar atalho
ao jeito de sua maneira.
Na indústria, dedicação,
e nos vagões da estação
descarregando madeira.

Seu rancho, bela morada,
não aspirava mais nada
ao viver a realidade...
Pelas frestas do telhado
vendo um céu todo estrelado
era só felicidade!

Calceteiro empedrador,
por ser bom trabalhador
filiou-se à Prefeitura;
ele mesmo se zombava
e com reserva explicava
mais esta sua aventura.

Tendo comprado fiado
produto de seu agrado
ficou pendente a pagar...
Dava voltas à distância
sempre atento à vigilância
para em frente não passar.

Porém, lhe diz o feitor:
– Nova empreitada, senhor.
E logo lhe determina:
(veja se tem cabimento)
– Revisar o calçamento
em frente à loja da esquina.

Foi, porém, num certo dia,
que perdendo a euforia
Urubatão reclamou...
Disse estar muito cansado
e apesar de contrariado
nossa cidade deixou.

Os dias foram passando,
os amigos questionando
como estaria sua saúde.
Descobrir o paradeiro
do amigo e companheiro
seria uma bela atitude.

As buscas na região
perdiam-se na solidão
sem uma luz à distância...
Todo esforço perecia
sem um sinal de alegria,
e nem mesmo uma esperança.

Mas ninguém imaginava,
e a todos desagradava
qual fosse um golpe mortal;
a nota que, recebida,
e a cidade sacudida
com a notícia fatal!

Logo o assunto ganhou asas
chegando a todas as casas
na triste forma que inspira...
Muitos diziam, Senhor,
ajuda-nos, por favor,
que tudo seja mentira!

O povo se lamentava,
tristeza é que não faltava
aos amigos que ficaram,
pois a cruel despedida
é dor sem ser dividida
e muitos até choraram.

E um escritor, muito amigo,
lavrou comovente artigo
descrevendo o "passamento"...
E o Taperá, da cidade,
jornal da comunidade,
deu luz ao falecimento.

O próprio Legislativo,
tal qual um gesto afetivo,
programou-lhe uma homenagem,
com vereadores presentes
e oradores eloquentes
lembrariam do personagem.

Outros, porém, mais devotos
expressariam seus votos
ao som da Ave-Maria,
agendando em calendário
entre orações e o rosário
a missa em sétimo dia.

E na Terra de Tavares,
nas ruas, praças e bares
ouviam-se lamentações,
pois no vazio da cidade
predominava a saudade
em todos os corações.

Eis, porém, que, de repente,
e a própria história não mente
um gargalhar de explosão...
e em meio a tanta euforia,
todo o povo se arrepia
com a volta de Urubatão!

Bem-humorado e sadio
provocava um calafrio
nos amigos que encontrava,
e ao soltar a gargalhada
a multidão assustada
logo se desesperava.

Quando alguém de longe o via
gritava: "Virgem Maria,
Santo Deus, que faço agora?"
E Urubatão, gozador,
soltava a todo vapor
seu gargalhar, sem demora.

Daí veio a explicação,
para a morte, a solução:
"Urubatão, não morreu..."
– Foi um tal de Waldomiro
que deu o último suspiro,
e era homônimo seu!

E uma vez esclarecida,
com a morte desmentida
acabou todo embaraço.
Mas, se alguém, mais atrevido
perguntasse "e o falecido?"
Lá vinha seu risadaço!

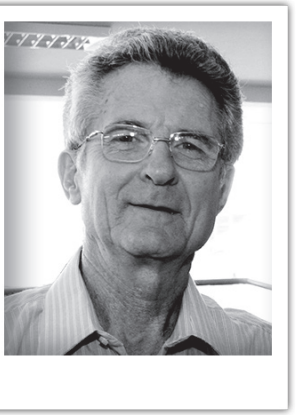
Mas o tempo foi passando
depressa, quase voando,
tal qual passa hoje em dia;
e Uruba foi decaindo
seu gargalhar, se inibindo
e perdendo a alegria.

Já de bengala na mão
que apoiava contra o chão
lentamente adoeceu...
E entristecendo a cidade,
veio a dura realidade:
– Urubatão faleceu!

Ficaram muitas lembranças,
nos adultos, nas crianças,
da voz, do seu gargalhar,
onde a memória imagina
risadas em cada esquina
que até parece escutar.

E a lembrança que nos resta,
qual fosse linda seresta
tomada pela emoção,
é reviver na memória,
nos idos de nossa história
a história do URUBATÃO.

**Fontes consultadas:**
**Arquivo do jornal Taperá.**
**Arquivo do Museu da**
**Cidade de Salto**
**"Ettore Liberalesso".**



*Augusto Gasparini Filho é natural de Salto/SP. Nascido em 21 de outubro de 1944, é casado com Maria N. B. Gasparini, cujo enlace deu origem a três filhos: Taísa, Rodrigo e Randal, e três netos: Tainá, Taiane e Enzo. Completam a família o genro Hércules e as noras Andréa e Denise.*

*Fez o curso primário no Grupo Escolar Tancredo do Amaral e o ginasial no Colégio e Escola Normal Estadual Professor Paula Santos. Concluiu o curso de Técnico em Contabilidade na Escola de Segundo Grau Junqueira Ortiz, em Itu.*

*É Bacharel em Direito pela UNIP - Sorocaba. Diplomou-se também em Radialismo na Faculdade Anhembi-Morumbi, em São Paulo. Atuou como bancário por mais de 30 anos e mantém há 28 anos programa matinal na Rádio FM 90 – Salto. Faz parte também da União Brasileira de Trovadores. É membro fundador da Academia Saltense de Letras.*

# Fragmentos da memória

Cristina Maria Salvador
Cadeira 20
Patrono: José Francisco Archimedes Lammoglia

Pela pouca existência de registro escrito, recorremos à memória de amigos parceiros, que vivenciaram os mesmos acontecimentos e participaram das mesmas realizações, em Salto.

No final da década de 50, um grupo de jovens estudantes saltenses, encabeçado por Raphael Hippólito, João da Rós, Ênio Rigolin e João Batista Miloco, residentes em São Paulo, inconformados com o marasmo cultural que vivia a pequena cidade, na época, decidiram fazer algo para diminuir a distância existente entre estudantes e trabalhadores.

Fato que veio ao encontro de recém-formadas professoras normalistas, dentre elas: Maria Damien Ignácio, Odméia Maranhão e Emilia Gil, que se encontravam também incomodadas pela separação que naturalmente ocorreria após a formatura do grupo, o qual se solidificara em grandes amizades.

O ideal seria encontrar algo que permitisse a sua continuidade. Esse desejo se uniu ao daqueles jovens, que, residindo fora, tinham ideias, mas não havia tempo útil para colocar em prática o sonhado. Integrar as intenções foi fácil. As professoras seriam a parceria ideal na pequena Salto.

Assim nasceu o Centro de Orientação e Cultura (COC) no dia 26 de abril de 1959. Naquele momento, as reuniões ocorriam no Círculo Ope-

rário Saltense, na Rua Dr. Barros Junior, quando foi eleita uma diretoria provisória. Na presidência, Raphael Hippólito, e vice, João Batista Miloco; secretária, Maria Damien Ignácio, e vice, João da Rós; tesoureiro, Onofre de Angelo, e vice, Odméia Maranhão. Ênio Rigolin, o orador. Para o Conselho: Antônio Oirmes Ferrari, Odilo Della Paschoa e Walter Panossian. Com o tempo, outras pessoas compraram a ideia e passaram a fazer parte do grupo.

Um manifesto, de autoria de Antônio Oirmes Ferrari, foi distribuído à população para divulgar a proposta, com destaque para a isenção política. O referido manifesto teve grande repercussão na pacata cidade de Salto. Assim sendo, entusiasmado, o grupo deu início às atividades. O jovem Décio Zanirato Júnior foi responsável pelo logotipo do Centro de Orientação e Cultura (COC).

Desde o início, o Centro já contava com uma pequena biblioteca aberta à comunidade, organizada por João da Rós, e uma sala de leitura, com carteiras cedidas pela Madre Romana, diretora do Escola Sagrada Família (Coleginho). Livros adquiridos por meio de doações de voluntários e de recursos obtidos com a rifa de um rádio portátil. A função de bibliotecária era exercida por professoras e normalistas.

Um jornal foi editado quatro vezes, face às dificuldades materiais. João Batista Miloco entregou a Ettore Liberalesso o que o COC tinha como seu arquivo. Material encaminhado ao então futuro Museu da Cidade.

Além da biblioteca, era plano a implantação de cursos de Admissão ao Ginásio, de "Madureza", de Alfabetização de Adultos, todos ministrados por voluntários. Palestras e conferências também foram promovidas. Em destaque, a do psicólogo João de Souza Ferraz, residente em Limeira.

Com a intenção de angariar fundos, por sugestão de João da Rós, que participara de um baile, na Universidade Mackenzie/SP, nos mesmos moldes, foi organizado o Baile da Balança, no dia 25 de julho de 1959.

Evento ocorreu no salão da Sociedade Instrutiva e Recreativa Ideal (SIRI), cedido pela diretoria, representada pelo presidente Mario Éffori. A reunião dançante constituiu-se num dos grandes acontecimentos sociais daquele ano, inclusive pela impecável organização. Foi um sucesso.

Independente de ser sócio, foi cobrado um ingresso irrisório dos homens e das mulheres, pelo peso de seu corpo, em benefício do COC, para compra de carteiras para as salas de aula. Duas balanças foram colocadas na portaria do prédio e, ao entrar, todos passavam por elas. Coube a Édio Miquelon, casado com a saltense Laís Tereran, o prêmio de participante mais pesado. Baile memorável.

Na decoração, balanças confeccionadas com bandejas foram colocadas nos lustres do salão, com a finalidade de oferecer um ambiente de penumbra. O receio do presidente era de que pegassem fogo, segundo Íris Éffori. Felizmente, tudo ocorreu como o planejado, do início ao fim.

O conjunto musical foi improvisado. José Bigatti, ao piano; Dindo (operário da Brasital), exímio no violão, e Giribita (motorista de caminhão) deu um show com sua bateria. O conjunto ensaiou à tarde e à noite e apresentou-se com sucesso. No período da tarde, Íris Éffori e Elenice Terezinha Salvador se reuniram com Bigatti para sugerir músicas a serem apresentadas. Todos contribuíam, de acordo com suas possibilidades.

Durante o evento, várias atividades: "dança das velas"; "dama tira o cavalheiro" – a mulher convida o par para a dança; a um sinal dado, "troca de damas" – o cavalheiro deixaria sua dama e continuaria com a mais próxima. Brincadeiras que contribuíram para maior animação dos bailarinos, bem como daqueles que apenas observavam. Aquele encontro dançante merece ser citado como uma das grandes realizações do COC. Foi o inesquecível Baile da Balança.

No dia 6 de março de 1960, João Batista Miloco assumiu a presidência, João da Rós a vice-presidência e Desdêmona Ignácio, a secretaria.

O Centro mudou sua sede para a Rua José Galvão e, finalmente, para o "Sobradinho do Tomirotti", situado na Rua 23 de Maio, local onde permaneceu durante o resto da sua existência.

Vale destacar a criatividade e iniciativa daqueles jovens, que foram se agregando a outras pessoas, que, em suas horas de lazer, se dedicaram a ações importantes à cidade. Uma delas, o empenho para resgatar a comemoração do Aniversário da Cidade.

No dia 16 de junho de 1960, pela manhã, foi realizada missa cam-

pal na Praça Antônio Vieira Tavares, defronte à Igreja Matriz de Nossa Senhora do Monte Serrat, celebrada pelo pároco-auxiliar Luiz Gonzaga Camargo.

Ao término da missa, foi improvisada uma tribuna onde diversos oradores fizeram uso da palavra focando dados da formação da cidade. Além dessas atividades, o evento contou *com a participação de João Ferraro e Alfredo Gonzales na organização do desfile pelas ruas Dr. Barros Junior e 9 de Julho até a Praça da Bandeira. Um discurso de saudação foi proferido por Paulo Miranda Campos no palanque improvisado na carroceria do caminhão de Ênnio Lenzi.* (Miloco, 2013*).*

Um almoço foi oferecido na Cooperativa Operária Saltense às autoridades, convidados e aos esportistas, que, no período da tarde, participariam, no Clube de Regatas Estudantes Saltenses, das competições masculina de basquete e feminina de vôlei.

Esportistas da Capital, da Escola Superior de Educação Física da Universidade de São Paulo, aceitaram o convite de João Batista Miloco, então professor de Educação Física, para jogar com estudantes saltenses. Vale destacar a participação do maestro Silvestre Pereira de Oliveira, bem como a Corporação Musical Saltense e o trabalho da jovem equipe de colaboradores do COC. Todos merecem ser lembrados.

Não foi só o aniversário da cidade que contou com a organização do Centro, como também, a primeira exposição de produtos industriais envolvendo as indústrias locais. Evento idealizado por Ismar Ferrari e que se efetivou no prédio da Escola Estadual "Prof. Cláudio Ribeiro da Silva", recém-construído na Praça XV de Novembro, no período de 4 a 11 de setembro. Inúmeras firmas expuseram seus produtos. No dia da abertura, ela foi visitada por mais de 3.000 pessoas. Um sucesso na cidade.

João Batista Miloco passou o cargo de presidente a Onofre de Angelo (1962), deste a Valdemar Rigolin e, em 1964, a Jarbas Tupinambá Florindo.

Depois de alguns anos, novo grupo tentou reerguer o COC, mas infelizmente não conseguiu. A cidade havia passado por profundas transformações sociais e culturais. Hoje, quase ninguém se lembra mais do COC, exceto poucas pessoas que vibraram com sua existência e, ao fazê-lo, sentem uma alegria imensa por ter participado de tal empreendimento em prol da população saltense.

**Bibliografia**

Miloco, João Batista. Reminiscências: Uma data importante: 16 de junho de 1960, *Jornal Taperá*, 08/junho/2013.

---

*Cristina Maria Salvador é Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP. Também é Psicopedagoga, Pedagoga e licenciada em Letras. Normalista, atuou nas redes pública e particular de ensino. Assumiu a coordenação pedagógica (Pedagogia e Formação de Professores) na Universidade São Judas Tadeu, em São Paulo. Participou dos grupos: Estudos da Transdisciplinaridade – USJT/SP; Estudos e Pesquisas da Interdisciplinaridade - GEPI e da Cátedra Paulo Freire – PUC/SP. Atuou em mesas redondas, simpósios, palestras e publicou artigos em livros e revista. Aposentada das redes pública e particular, integra a Academia Saltense de Letras – ASLe desde junho de 2013.*

# Eu e a Ponte Pênsil

Cynara Lenzi Veronezi
Cadeira 18
Patrono: Dante Alighieri

O sábado amanheceu ensolarado e quente, o sol batia na janela do meu quarto e, mesmo antes de me levantar, já sentia o cheiro de café fresquinho sendo coado naquela hora por minha mãe, que preparava a mesa com a bengala que o padeiro deixara de madrugada em nossa porta, juntamente com o leite.

A sensação que eu tinha é que os finais de semana eram dias especiais, dias em que os ponteiros do relógio passavam vagarosamente. Uma sensação de alegria invadia minha alma, pois sabia que meus pais não iriam trabalhar e a escola estava fechada, para que pudéssemos sentir saudade dela na segunda-feira. E não é que eu sentia?

Antes de qualquer outra coisa, após pensar e pensar sobre a importância do final de semana, resolvi, então, levantar-me da cama, pois minha barriga roncava e necessitava de algum alimento.

Eu adorava uma xícara de leite quente com café bem docinho, porque deixava o sabor do pão muito mais saboroso. Aquelas manhãs de "não fazer nada" eram deliciosas!

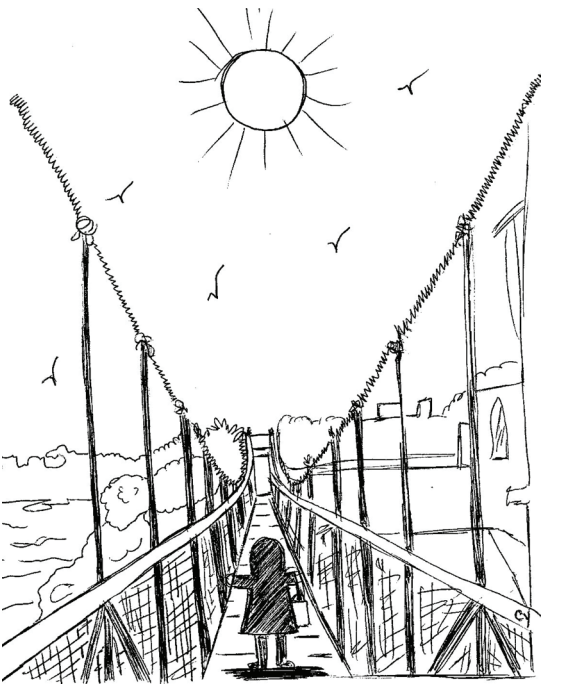
O papo da manhã estava bom, mas eu, ansiosa por saber onde poderíamos passear, era insistente e, por mais respeito que tivesse aos meus pais, a curiosidade era grande. Minha mãe, cansada do trabalho da semana e também dos afazeres domésticos que só ela sabia resolver, respondia

que talvez ficássemos em casa mesmo, durante o dia e, após irmos à missa, poderíamos sair para comer algo.

Meu irmão, Valtinho, gostava mesmo de um bom jogo de futebol com os amigos da Vila Nova. Os seus parceiros sempre estavam dispostos a mais uma partida, o que deixava aquele terreno em frente à minha casa cheinha de garotos, que apareciam de todos os lados da Rua Floriano Peixoto e adjacências.

De tanto eu insistir, aconteceu o que eu mais queria: iríamos passear! Minha mãe concordou, então, que nosso passeio fosse realizado naquela manhã e organizou toda a louça para depois. Pediu para eu me trocar (sabe, naquela época, as "roupas de sair" ficavam separadas das roupas de ficar em casa). Nós, crianças, não tínhamos variedades de roupas como as crianças têm hoje em dia. Era até mais fácil, pois o nosso "look" estava sempre pronto.

Vesti-me rapidamente, pois pensei "se meus pais mudassem de opinião", eu já estaria pronta e eles, como excelentes pais, não deixariam uma garotinha prontinha para sair, ter que se trocar de novo por causa de um passeio cancelado, não é mesmo? Antes mesmo de sair do quarto, não me esquecia de pegar minha bolsa, que, para mim, era como um amuleto. Aonde eu ia, tinha que levá-la comigo.



Todos prontos e arrumados, meu pai, então, seguia para a garagem retirar nosso lindo carro amarelo: era um Passat 78, que eu achava o máximo! Espaçoso como ele só, talvez um pouco barulhento...

Ter carro era uma grande alegria para nós, crianças, além do trânsito tranquilo, as ruas sossegadas e os trajetos breves, não existia engarrafamento e chegávamos mais rápido aos destinos. Por um tempo, já no carro, fiquei a pensar onde iríamos, mas não quis nem perguntar, para que meus pais ficassem com dúvidas e talvez isso atrapalhasse o passeio.

A casa da vovó Inês e do vovô Vitório era um dos destinos que certamente meu pai visitaria, mas aquele dia, como era surpresa, ele não deu dica nenhuma de aonde iríamos. Minha mãe talvez soubesse, mas não contou e, naquela hora, achamos melhor só curtir.

O nosso destino começou a ser desenhado quando percebi que as águas do Rio Tietê estavam ficando mais visíveis. Descemos do carro e, quando meu pai estacionou, não me contive e fiz a pergunta que tanto queria:

– Aonde vamos, mãe?

Ela deu uma risadinha e mandou-me perguntar para o meu pai. Então veio a resposta:

– Você não queria passear? Vamos à Ponte Pênsil!

Essa ponte, com mais de 100 anos, está situada sobre o Rio Tietê, na minha cidade querida de Salto. Naquela hora meu coração quase saltou pela boca, agarrei em meu amuleto, quer dizer, em minha bolsa e quase a arrebentei toda, pelo medo que estava sentindo ao lembrar da conversas em sala de aula, na Escola Paula Santos, quando as crianças, após os finais de semana, vinham contando que a ponte era um terror, que balançava de um lado para o outro, quase te jogando pra dentro do rio Tietê, que ela estava se desfazendo, que a gente, ao caminhar por ela, talvez não pudesse voltar, etc, etc, etc...

Confesso, aquela ponte fazia parte do universo dos medos que eu tinha! Sabia que meus pais tinham me levado quando pequenina, mas tudo bem, porque eu não entendia nadinha e memória daquele antigo passeio eu nem tinha. Mas, quando eles me contaram que aquela não era a primeira vez que eu e meu irmão passaríamos pela Ponte, que já tínhamos ido algumas vezes no colo de minha mãe e de meu pai e que fora tudo bem, só confirmaram o que eu já sabia: eu sempre tive medo de altura! Sentia que não iria aguentar ter que atravessar, agora uma garota mais velha e sem o colo dos meus pais.

Deixei tudo isso em segredo. De dentro de mim veio um medo muito grande ao observar, por entre as grades, toda aquela água correndo por baixo dos meus pés e eu sem condição nenhuma de fugir. O arrependimento me veio à mente e confessei, cá com meus botões, o arrependimento que sentia por pedir aos meus pais que fossem passear naquele sábado. Eu quis sair de casa naquele dia tão lindo, quando poderia simplesmente andar de bicicleta, brincar com minhas amigas em frente de casa mesmo. Elas não tinham a "sorte que eu tivera" de estar naquele lugar tão, para mim, assustador!

Minhas pernas começaram a não me obedecer e, quanto mais eu andava, achava aquela ideia de passear sobre uma ponte que balança muito sem graça, sem alegria, por fim: seria horripilante! Eu tinha pouca idade para morrer, pensava. Naquele momento me veio à mente o comentário de quem passara sobre a tão famosa Ponte Pênsil e a sensação que comentavam depois. Foi quando me deu vontade de também vencer meu medo e seguir aquele caminho.

Quando estávamos nos aproximando do local, encontramos várias pessoas que também aguardavam a hora de atravessá-la. A fila era grande. Todos que estavam ali tiveram a mesma ideia que nós. Um alívio veio de repente em minha alma, pois ouvi de meu pai que precisávamos dar um tempo, até aquelas pessoas todas atravessarem a Ponte Pênsil e foi o que fizemos. Meus pais resolveram, então, dar uma voltinha próxima dali, para vermos o Rio Tietê, que corria, por entre grandes pedras e cachoeiras. Coisa maravilhosa, imaginava eu. Para mim, tudo aquilo era impressionante, fantástico, muita água que corria e já chegava mais e mais...

Só que minha maior preocupação era ainda andar sobre a Ponte Pênsil. Meu Deus, para quem queria passear, naquele dia ensolarado, aquilo estava sendo forte demais. Notava que só eu estava sofrendo. Meu irmão Valtinho não esboçava medo algum, meus pais muito menos. Mas a hora chegou! Precisava também ter a coragem que meus amigos da classe tiveram: enfrentar passo a passo e andar firme e forte sobre a tão famosa ponte. As filas tinham acabado e nós estávamos liberados para realizar o percurso. Duvidei se passaria ou não por ela. Então veio à minha mente que não era mais aquele bebezinho de colo, precisava mostrar que já era crescida e sem medo (mal sabiam todos, o meu conflito interno) e por

mais que meu corpo dissesse não, minha mente me lembrava que agora era a hora.

Passo a passo, iniciei o meu caminho, sempre na esperança de que aquela tão famosa Ponte Pênsil terminasse logo ali. Que nada, quanto mais passos eu dava, mais sentia que ela não tinha fim. E, pra ajudar ainda mais meu caminho, crianças me ultrapassavam, mostrando-me o quanto eu era medrosa. Mas sabe, senti que só olhava pra baixo e resolvi subir minha cabeça para o horizonte, olhando muito além do que meus olhos pudessem alcançar! Nesse momento, senti uma liberdade em meu corpo, como se algo que me segurava desaparecesse. A sensação de quase voar deixou-me confiante em cada passo que eu dera na volta do caminho!

O desafio de ter vencido cada pedacinho daquela ponte só me deu a certeza de que eu não poderia desperdiçar aquele momento que ficou inesquecível em minha mente! (Além de poder contar aos meus amigos de classe minha aventura de final de semana). E todo o medo daquele passeio acabou-se e pude desfrutar realmente aquela manhã ensolarada, com minha família, num lindo sábado de sol!

E foi o que aconteceu...

---

*Cynara Aparecida Lenzi Veronezi nasceu em Salto, SP, no dia 17 de outubro. É filha de Valter Lenzi e Zuleima M. M. Lenzi. Casada com Danilo Veronezi, tem três filhas: Isabela, Isadora e Yasmin. É formada em Pedagogia, a função de professora do Fundamental 1.*

*É colaboradora do Jornal Taperá, de Salto, desde 2002, na coluna "Historinhas", publicada nas edições de sábado. Lançou em 2010 seu primeiro livro chamado "Historinhas" e, em 2014, "Histórias pra Contar" (coletânea das publicações do jornal). É sempre convidada por escolas para interagir com os alunos, que leram suas histórias e realizaram projetos de leitura e escrita.*

*Apaixonada pelas Letras e pela Educação são as crianças, sua principal inspiração para escrever.*

# De bar em bar, vou beber a vida que eu sempre quis

Eloy de Oliveira
Cadeira 31
Patrono: João Cabral de Melo Neto

Ao contrário da eterna pergunta sobre quem nasceu primeiro: o ovo ou a galinha, na história dos bares foi a cerveja quem surgiu antes. E ela não foi inventada como se pode imaginar, mas descoberta. Remonta a cerca de 10 mil anos a.C. a origem da primeira cerveja no mundo.

Relatos de pesquisadores ingleses, franceses, irlandeses e norte-americanos informam que foi o povo da Suméria (região onde hoje é o Golfo Pérsico) quem primeiro observou o fenômeno da fermentação natural que deu origem à bebida, mais tarde batizada de cerveja.

Por ser uma tarefa restrita à casa, os primeiros cervejeiros do mundo eram mulheres. Elas se especializaram tanto no ofício que a Suméria cultuava uma deusa da fabricação de cerveja e da própria cerveja: Ninkasi. O nome significa "a senhora que enche a boca".

Só por volta do ano 4.000 a.C. é que foram criados os primeiros bares do planeta e na mesma Suméria. Na época, eles eram chamados de taberna ou taverna. O objetivo era claro: reunir pessoas para consumir bebidas alcoólicas, as cervejas, e comer comida local.

As tabernas evoluíram ao longo do tempo e deram origem a outros formatos de bares. Um dos mais conhecidos são os *pubs* londrinos. *Pub*

é um diminutivo de *Public House* ou Casa Pública. No início, eles eram como as tabernas: produziam sua própria cerveja.

O bar mais antigo do mundo ainda em funcionamento fica na Inglaterra. É o *Ye Olde Fighting Cocks*, da cidade de St. Albans. Ele foi fundado em 1539. Os *pubs* se popularizaram na Inglaterra e na Irlanda, mas já nos séculos 12 e 13 não produziam mais cerveja.

Em 1590, a França deu outra cara às antigas tabernas, criando barras à frente dos balcões para afastar consumidores agressivos de quem servia. Norte-americanos conheceram as tabernas francesas e criaram os bares como se conhece hoje. A "barra" virou "bar", como é em inglês.

Com o passar do tempo, os bares deixaram de ser um mero ponto de encontro e passaram a ser um importante local de lazer e entretenimento para as pessoas e se popularizaram em todo o mundo, chegando inclusive ao Brasil, trazidos pela família real, em 1808.

## A tradição em Salto

Só quase um século depois é que os bares aportaram em Salto. No final do século 19 nem eram chamados de bares. Por vender de tudo, eram empório, bazar, armazém e comércio de secos e molhados. Sem boas ligações rodoviárias, a cidade tinha de ser autossuficiente.

Em 21 de julho de 1890, segundo relata o professor e historiador Elton Zanoni, surgiram os primeiros alvarás para bares ou comércio de secos e molhados. No começo do século 20, Salto tinha 8 mil habitantes e seu território se resumia ao que hoje é o centro velho.

Os primeiros bares voltados à venda de bebidas e comidas rápidas surgiram só na década de 30. O inaugural foi o chamado Bar do Seu Zé, que funcionou no espaço onde hoje está o restaurante Dom José, no meio do quarteirão da Rua José Galvão entre a 9 de Julho e a 23 de Maio.

Na década de 40, surgiu o Bar Mossoró, esquina da 9 de Julho com José Weissohn, que dois anos depois se tornaria o Bar do Boni. Na década de 80 foi ainda o Bar do Salto. O Bar do Boni, de Aristides Boni, foi um marco. Durou 34 anos e mudou-se para a Rua 9 depois. Ele era o bar das novidades.

Nos anos 40 surgiu também o Bar do Zacarias, dos irmãos Oswaldo e

Olívio Terazan, na Rui Barbosa com Augusto Mazza, que começou como armazém e existiu por 36 anos. Hoje é o Bar do Luciano. Na época existiu ainda o primeiro bar de mulher, o Bar da Zoraíde, na Casa de Pedra, na Rua José Galvão.

## Longevos e marcantes

A década de 50 foi pródiga no surgimento de bares. Um dos mais longevos foi o Bar do Holandês, na Avenida Dom Pedro II em frente à Praça XV, de Henrique Crown, cujo nome real é Hendericos Joabs Antonios Crown, e Zacarias, que era de Porto Feliz: durou 50 anos.

Outro marcante da época foi o Bar do Jair, que era de Jair Cruz. Ele funcionava na esquina das Ruas 9 de Julho com Monsenhor Couto, onde hoje é o Banco Mercantil. Era tido como o Bar dos Boêmios. Muitos artistas tocavam lá. O bar fechava depois das 23h.

Fundado em 54, um ano antes do Bar do Jair, o Bar do Espanhol funcionou na Rua 9 de Julho em frente ao Bar do Boni, perto da hoje Praça Paula Souza. Depois, virou Bar do João Bianchi. Por fim, foi o Bar do Walter Nardelli, conhecido pelos lanches e comidas que fazia.

À época, o empresário, que se tornaria dono da maior empresa de ônibus de Salto, já era bem relacionado. O líder que dominou a cena política local por 20 anos, Vicente Schivittaro, o Chinchino, era frequentador. Assim como vereadores e altos funcionários públicos.

Outro bar dessa época, o Bar do Gustão, na Avenida Dom Pedro II, tornou-se um dos mais populares da cidade. Fundado na década de 50, existe até hoje e ficou famoso por ser um dos poucos a oferecerem música ao vivo para a comunidade ligada ao rock.

É dessa época ainda o Bar do Pierin, de Pedro Garcia, na esquina das Ruas Dr. Barros Júnior com Itapiru. O então deputado estadual Archimedes Lammoglia costumava ir ao local para ler os jornais do dia e conversar com a população.

Também de 50 é a Venda Santa Lúcia, um bar que durou três anos apenas e funcionou no Conjunto Comercial Orlando Guella. Logo depois surgiu em seu lugar o Bar e Armazém José Dias, que existiu até o ano 2000. Esses dois bares eram os últimos em direção a Campinas.

Onde hoje é o banco Santander, funcionou na década de 50 o Bar do Carzola. Um pouco acima da esquina onde hoje funciona a loja Pernambucanas, na Rua 9 de Julho com Dr. Barros Júnior, foi o Bar Paulista, de Olavo de Arruda Mello.

Entre a praça principal e o bairro da Estação, Ruas José Galvão com Prudente de Moraes, surgiu também na década de 50 o Bar Internacional. Conhecido pelos campeonatos de bochas, ele era da família Rampazzo. Depois, foi da família Muller e terminou se tornando o Bar da Zita.

Na década de 50, surgiu ainda o Bar da Ponte, fundado por Romeu Cortez e o irmão Beco. O local ficou conhecido por oferecer o chope preto e por ter inventado o sorvetão, que foi levado para Itu.

## Os *points* da década de 60

No início da década de 60, surgiu um bar de destaque no lugar do Bar do Jair Cruz, o Bar Di Lelli. Conta o empresário Benito César Begossi, que Antônio Di Lelli, o proprietário, montou o bar depois de se desencantar com a barbearia que mantinha. O bar virou *point*.

Também é dessa época o Bar do Expedito, que funcionou na Avenida D. Pedro II e depois na Rui Barbosa. Fundado por Expedito Teresa, ele ficou conhecido depois que a sua pizza caiu no gosto popular. Mas o proprietário deixou o negócio após a morte de um filho muito jovem.

Outro bar/pizzaria, que se tornou famoso nessa época e persiste até hoje, é o Bar e Pizzaria Scallet. O empresário Indalécio e a mulher Irma iniciaram o estabelecimento em 1966, quando a família se mudou para a cidade. Começaram como mercearia e depois criaram o bar.

Nesse período surgiu ainda o Bar da Rita, que funcionou na Rua Rio Branco, perto de onde hoje está uma lotérica. Ele era tido como bar de alta rotatividade. Lá, seriam combinados encontros amorosos. Talvez por ter um espaço reservado nos fundos. Existiu até década de 80.

Comandado por André Luiz Pardim, irmão do secretário de Cultura do município, Marcos Pardim, o Arena's Bar, na esquina da Rua Albuquerque Lins com a Avenida Dom Pedro II, começou há dois anos

com esse nome, mas na década de 60 foi o Armazém do Merlin, que também funcionava como bar.

Na esquina das Ruas Marechal Deodoro com Quintino Bocaiúva, surgiu em 1967 o Bar do Feijão, que durou até 1975. Depois, ele foi vendido e virou o Bar do Jesus. Vieram ainda o Bar do Palmeiras, o Bar do Barbosa, o Bar do Chavão e o Bar do Nelson.

Após todos esses donos, surgiu no mesmo local ainda o Bar do Vavá, que durou 26 anos. Vavá é irmão do vereador João Leite Ramalho (PMDB). Hoje ele está afastado do negócio. O bar foi então adquirido por Cláudio Rogério Guzi, o Pardal, e virou o Bar do Pardal.

O Bar do Bim funcionou onde é o estacionamento do supermercado Paulistão, na esquina das Ruas 23 de Maio com José Weissohn. Na época, começou a funcionar o Bar do Sbrissa na Rua Joaquim Nabuco. Este durou 50 anos. Em 60 surgiu o Bar da Pedra na Rua José Galvão.

Pouco depois de 1960, foi criado o Bar do Altino, na mesma rua. Em frente ao antigo Cine Verdi foi montado o Bar do Birello. Na José Weissohn, entre a Rua 9 de Julho e a 23 de Maio, foi criado o Bar do Cabanãs. Em 1965, surgiu ali ainda o Bar da Cooperativa.

## De 70 até os tempos atuais

Fundado em 1972, na esquina da Avenida Dom Pedro II com a Rua José de Almeida Teixeira, pelo português Antônio dos Santos, já falecido, o Bar Último Gole existe até hoje e foi um desafio quando foi fundado, pois havia apenas aquela avenida na região.

O local foi escolhido por ser ponto de ônibus de Salto para Capivari. O nome veio do fato de a cidade terminar ali. Quem vinha do sítio pelos lados de Capivari encontrava o primeiro gole. Quem ia para o sítio, o último gole. Mas o português ficou só dois anos com o bar.

O atual dono, Genézio Chimim, de 68 anos, se interessou e o comprou em sociedade com um irmão, chamado Sérgio, já falecido. Eles já tinham tido o Bar do Fiorio (hoje o Bar da Luiza), no bairro Bela Vista. Sérgio ficou no negócio até 1983. Depois, fundou outro bar na Estação.

O então Bar do Sérgio existiu por nove anos. Em 1992, Sérgio comprou o Bar da Ponte, que comandou até morrer, em 2007.

Na década de 80, surgiu o Bar do Nenê Leão, que funcionou no interior da Associação Atlética Saltense. Outro bar ligado ao esporte da época foi o Bar do Jamur, na Rui Barbosa, onde se reuniam campeões de truco. Na década de 90, a mesma rua ganhou o Bar do Pico (hoje Mel e Limão).

Já em 2000, foi criado o Bar da Mãe, na Rua 9 de Julho, saída para Campinas. Ele funcionou até 2016. Fechou por causa da duplicação da via, que impediu frequentadores de pararem em frente. No mesmo ano, surgiu o Bar do Abisolon, perto da rodoviária, tido como de alta rotatividade.

Nos últimos anos, os bares focaram em segmentos, como a Budega do Zé Careca, no Icaraí, e o Buteco do Edilson, no Saltense, com produtos do norte. Tem ainda Toca Bar, na Praça XV, bar de palmeirenses; e Primus e Cristiano, em frente à Casa Dico, voltado para jovens.

## Outros registros no tempo

Outros bares de Salto: Bar do Português (funcionou onde hoje é a Cia Presentinhos), Bar 13 (na Rui Barbosa), Bar do Olavo (Ruas 9 com Barros Júnior), Bar do Bastião Nicácio (na Avenida Dom Pedro II) e Bar do Pernambuco (esquina da Rio Branco com Tiradentes).

Também o Bar do Piva (na Rua 9 de Julho, onde hoje é a Casa da Formiga), o Bar do XV de Novembro (onde é uma farmácia na Praça XV e que era ligado ao clube de futebol), o Bar do Arlindo (Jardim das Nações) e o Bar do Pântano (na Rui Barbosa em frente do Clube Ideal).

Houve ainda o Bar do Tagiba (esquina da 9 de julho com a Quintino Bocaiúva), o Bar do Haroldo (em frente ao Bar do Scallet onde foi o Bar do Tagiba), o Bar do Sbrissa (que funcionou inicialmente na Rua 9 de Julho onde hoje é a Droga Raia e depois no sobrado onde hoje funciona a Sanesalto).

Além de todos esses bares da história, Salto ainda tem hoje 328 estabelecimentos do tipo, segundo cadastro da Prefeitura. Há, portanto, uma

infinidade que não entrou nesta listagem. Mesmo entre os do passado nem todos entraram por falta de informações e documentos.

Enfim, os bares se multiplicam e existem há tanto tempo, porque são pontos de encontros públicos que fazem a gente se sentir em casa.

**Fontes de pesquisa:**

LENZI, Valter. Crônicas da Cidade. Itu: Ottoni, 2002.

LIBERALESSO, Ettore. Salto – História, Vida e Tradição. São Paulo: Imesp, 1987.

Revistas: Taperá, de 1969.

Portais na internet: "Conexão Jornalismo", "Mega Curioso", "UP Humor", "Club Beer", "Papo de Bar" e "Portal da Educação".

Entrevistas: Benito César Begossi, Aparecida Boni, Genézio Chimim, André Luiz Pardim, Carlos Terezan, Cláudio Rogério Guzi, Fátima Mendes e Arlindo Graça.

Apoio técnico: Elton Zanoni, Ricardo Elmi, Tálison Paiva, Nelson Lisboa e Valter Lenzi.

---

*Eloy de Oliveira é jornalista diplomado desde 1985 e profissional de marketing na área de comunicação integrada desde 2010.*
*Nascido em Pederneiras, pequena cidade agrícola no centro geográfico do Estado de São Paulo, viveu apenas três meses na cidade.*
*Passou a infância em Indaiatuba, para onde o pai havia se mudado a fim de trabalhar como metalúrgico em Campinas.*
*Aos oito anos, mudou-se para Salto, onde esteve a maior parte da vida, tendo morado circunstancialmente em outras cidades.*
*Tomou gosto por escrever literariamente a partir da vitória em um concurso de contos promovido no colégio, aos 17 anos.*
*É autor de contos, crônicas e poesias. Foi premiado em vários concursos. Premiações que valeram participações em cinco outros livros.*

# Quem foi Tavares?
# As (in)certezas de um marco inicial

Elton Frias Zanoni
Membro Correspondente em Florianópolis/SC

Considera-se como a data da fundação de Salto o dia da bênção da capela dedicada a Nossa Senhora do Monte Serrat, ocorrida em 16 de junho de 1698. E o fundador, o capitão Antonio Vieira Tavares – então proprietário do sítio Cachoeira, cujas terras correspondem hoje a parte da cidade de Salto. Antes de falecer, Tavares fez a doação do sítio Cachoeira à capela por ele construída. E na escritura de doação, datada de 1700, fez constar que era vontade dele e de sua mulher, Maria Leite, que a capela permanecesse para sempre naquele local, onde hoje está a Igreja Matriz, sob a mesma invocação que a capela pioneira. À época, quem observasse o horizonte a partir daquele ponto teria vista privilegiada para a cachoeira – algo que se tornou impossível com a instalação das primeiras tecelagens, a partir de 1875.

O trabalho de recuperação da memória do fundador de Salto coube a Luiz Castellari[1], autodidata, autor de *História de Salto*, que empreendeu competente pesquisa, decifrando manuscritos do final do século XVII e início do século XVIII. Antes disso, pouco se sabia sobre a ocupação pioneira das terras à direita do *Ytu Guaçu* – o salto d'água no rio Tietê.

Nascido em meados do século XVII, Tavares vivia no sítio Cachoeira desde aproximadamente 1690, com sua mulher, alguns familiares e escra-

vos. A propriedade fora obtida por duas escrituras de datas de cartas de sesmarias – uma forma existente, no Brasil colonial, para se tornar proprietário de terras. Para assistir missa aos domingos, na Vila de Itu, Tavares e seus familiares tinham de atravessar o rio Tietê – e não há registro da existência de uma ponte ligando as duas margens nessa época. Além disso, nosso fundador alegava sofrer de grande moléstia – o que dificultava ainda mais o seu deslocamento.

Com base nesses argumentos, somados à sua devoção religiosa, solicitou formalmente às autoridades católicas que o autorizassem a construir em seu sítio uma capela dedicada à Senhora do Monte Serrat. Para tanto, pediu autorização também para usar os bens móveis de uma capela fundada por seu pai, Diogo da Costa Tavares[2], localizada em Cotia, hoje cidade da Grande São Paulo. A licença para construir a capela no sítio Cachoeira foi concedida em fins de 1695 e, em 16 de junho de 1698, o padre Felipe de Campos, a benzeu.

Passados dois anos e meio da bênção da capela, Tavares e sua mulher, Maria Leite, firmaram uma escritura de doação do sítio Cachoeira à capela de Nossa Senhora do Monte Serrat recém-fundada, mas impunham algumas condições. Além da já mencionada localização da capela, que não poderia ser alterada, especificaram que a doação só seria consumada por falecimento de ambos, marido e mulher. Doariam ainda as peças de *gentio da terra* – como eram chamados os escravos índios – e demais escravos de origem africana. A casa na qual residiam também estaria entre os bens doados, excetuando-se apenas dinheiro, ouro, prata, cavalos, armas e roupa branca. E é sobre a localização dessa casa que paira um grande mistério. Em que ponto do sítio Cachoeira ela estaria localizada? Possivelmente próxima de onde se construiu a capela, embora não exista hoje nenhum vestígio material nem documento escrito que nos dê qualquer indicação. Vale lembrar que a capela construída por Tavares resistiu até 1928, quando foi demolida para que se construísse em seu local a atual Igreja Matriz, concluída em 1936.

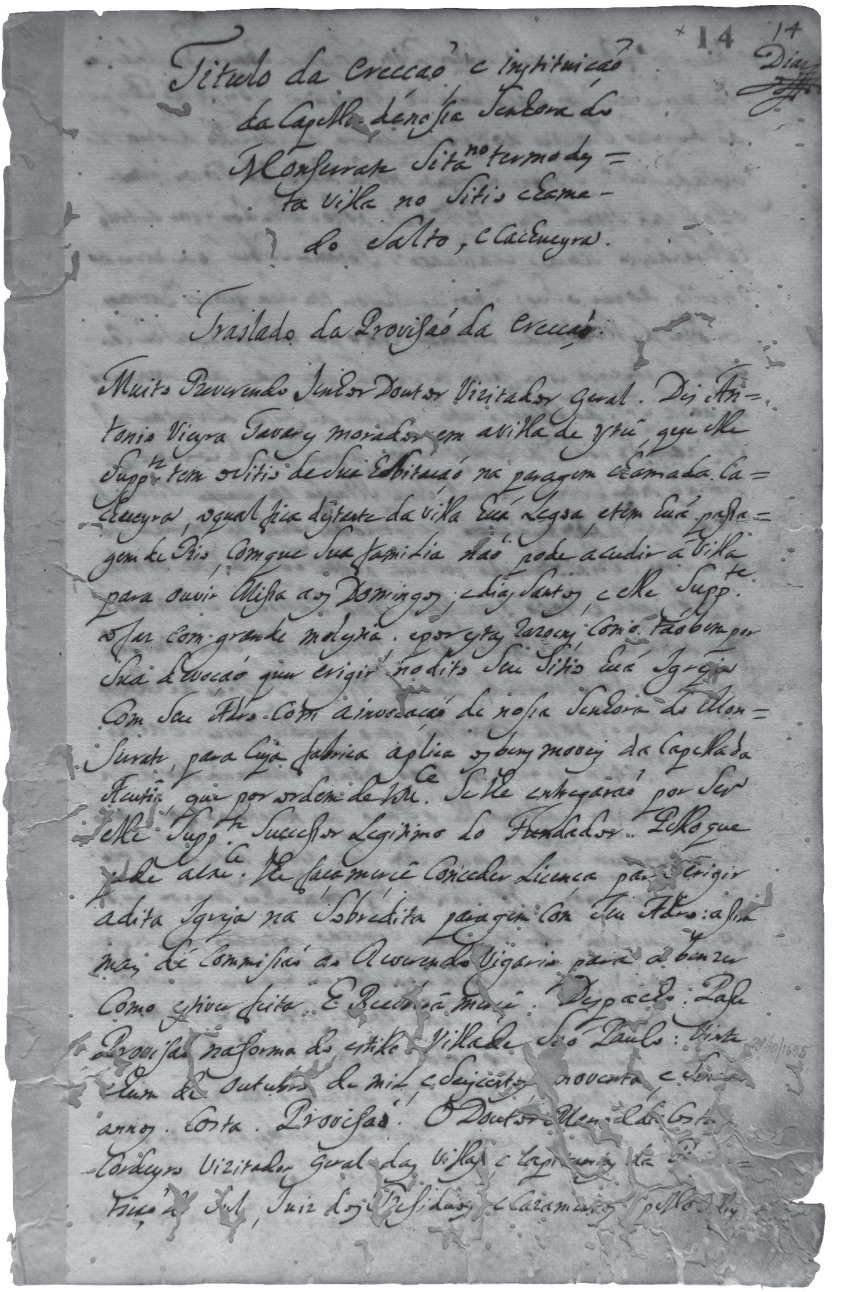
Quando chegou ao sítio Cachoeira, Tavares era casado com Maria Leite, sua primeira esposa, filha de Paschoal Leite Furtado e Mécia da Cunha. Com ela, falecida em 3 de maio de 1704, não teve filhos. Cerca de um ano depois do falecimento da primeira esposa, o fundador de Salto casou-se

com Josefa de Almeida, filha de Manoel Antunes de Carvalho e Ana de Almeida, do Rio de Janeiro. Desse casamento, nasceram: Antonio, que ficaria conhecido por frei Antonio do Monte Carmelo; Braz de Carvalho Paes; Manoel, que se tornou irmão leigo da Ordem do Carmo; Francisco, que foi mestre em Filosofia; e Maria, que se casou com um sargento de milícias de Itu.

Antonio Vieira Tavares faleceu em 4 de dezembro de 1712, sendo sepultado na capela-mor da Igreja dos Franciscanos, em Itu. Em seu testamento, nomeou seu filho Braz Carvalho Paes como administrador da capela que ele havia construído em suas terras, assim como declarou deixar todos os seus bens, inclusive o próprio sítio Cachoeira, à referida capela. Seus restos mortais foram transferidos para Salto em 21 de junho de 1981 e desde então se encontram no interior da capela existente no Monumento à Padroeira, inaugurado no ano anterior, no bairro hoje denominado Jardim Itaguaçu.

Embora seja costume referir-se à cidade de Salto como "terra de Tavares", em alguns círculos saltenses, é notório que não foram ele e sua gente os primeiros a ocupar a área onde hoje se localiza o município, que abrigava, ao início da colonização portuguesa na América, aldeamentos dos índios guaianás (ou guaianazes), do grupo Tupi-Guarani. Consta que a aldeia aqui localizada chamava-se *Paraná-Ytu*. Foram esses índios que deram à cachoeira o nome de *Ytu Guaçu*, que significa Salto Grande em língua nativa. Assim, fica claro que esta cachoeira acabou dando nome a duas cidades: a Salto (em português) e à vizinha Itu (em tupi-guarani).

Há registros que mencionam o ataque que, em 1532, os indígenas empreenderam contra Martim Afonso de Souza – primeiro donatário da Capitania de São Vicente. Dentre os líderes guerreiros, menciona-se o *Cacique de Ytu*. Sendo essa ocorrência de época em que a Vila de Itu ainda não existia, acredita-se que seja uma referência ao chefe dos índios que viviam pelas terras da atual Salto. O Museu da Cidade, inclusive, exibe urnas funerárias, pontas de flechas e outros fragmentos de cerâmica recolhidos nos arredores, que testemunham essa presença. Esses indígenas, assim como outros das margens do Tietê, foram repelidos ou aprisionados nas investidas das primeiras bandeiras paulistas, que os levaram para abastecer de mão de obra as roças nas vilas do planalto.



Titulo da Creação e Instituição da Capella denossa Senhora do Monserrate Sita no termo desta Villa no Sitio chamado do Salto, e Caieyra.

Traslado da Provisão da Creação.

Muito Reverendo Senhor Doutor Vizitador Geral. Diz Antonio Vieyra Tavares morador em a Villa de Ytú, que elle Supp.te tem o sitio de sua habitação na paragem chamada Caieyra, aquella distante da Villa cuia legoa, e meia, para a gente do Sitio, comque sua familia não pode acudir a Villa para ouvir Missa aos Domingos, e dias Santos, e elle Supp.te ser com grande moleza. e por este respeito tem, como tambem por sua devoção que erigir no dito seu Sitio cuia Igreja com seu Altar com a invocação de nossa Senhora do Monserrate, para cuja fabrica aplica o bem movel da Capella da Rustia que por ordem do Ill.mo Sñr elle Supp.te entregará por ser elle Supp.te Successor Legitimo do Fundador. Pello que pede a Vossa Mercê conceder Licença para erigir a dita Igreja na sobredita paragem com seu Altar: a sua mercê de Comissão do Reverendo Vigario para a benza como pede. E Receberá Mercê. Despacho. Passe Provisão na forma do estilo. Villa de São Paulo: dezasete dias de Outubro de mil, e seiscentos noventa, e sinco annos. Costa. Provisão. O Doutor Manoel da Costa Cordeyro Vizitador Geral das Villas, e Capitanias da Repartição do Sul, Juiz dos Resíduos, e Capellas pello Illm.

# A certidão de nascimento de Salto: o pedido de Tavares para construir a capela, no ano de 1695

Transcrição preservando-se a grafia original:
Título de erecção e instituição da Capella de Nossa Senhora do Monserrate, sita no termo desta villa no Sitio chamado Salto, e Cachueyra.
Translado da Provisão de ereção

*Muito Reverendo Senhor Doutor Visitador Geral Diz Antonio Vieyra Tavares morador em avilla de Ytú, que ele supp.te tem o sitio de sua habitação na paragem chamada Cachueyra, oqual fica distante da Villa húa Legoa, etem húa passagem de Rio, comque sua familia não pode acudir a Villa para ouvir Missa aos Domingos, edias Santos, e elle supp.te sofrer com grande molestia epor estas razoens, Com tão bem por sua devoção quer erigir no dito Sitio húa Igrejia com seu Adro com a invocação de nossa Senhora do Monserrate, para cuja fabrica aplicada os bens moveis da Capella da Acutia que por ordem de Vm.ce selhe entregarão por ser elle supp.te sucessor Legitimo do Fundador que (...) lhe faça mercê Conceder licença para erigir adita Igreja na sobredita paragem com seu Adro; assim mas de comissão do Reverendo Vigario para benzer como estiver feita.*

1. Nascido em Salto em 1901, Luiz Castellari era filho do maestro Henrique Castellari, que dá nome ao Conservatório Musical de Salto. Luiz faleceu precocemente, aos 47 anos. Foi um de seus filhos quem doou ao Museu da Cidade de Salto, nos anos 1990, os originais de seu livro *História de Salto* e da pesquisa original, com todas as notas tomadas por seu pai, em diversos arquivos públicos e eclesiásticos. Tais textos, embora publicados apenas em 1971, por iniciativa do então prefeito de Salto, Jesuíno Ruy, foram concluídos em 1942. Luiz muito se esforçou por publicar sua pesquisa à época, sem, contudo, obter sucesso.

2 Sobre o pai do fundador de Salto, um português, sabe-se que foi casado duas vezes, sendo a segunda com Catarina de Lemos, e que morou muito tempo em Cotia, onde faleceu em 1659. Participou, junto com o lendário irmão Antonio Raposo Tavares, de expedições visando expulsar os holandeses de Pernambuco e da Bahia, entre 1639 e 1642. É de se imaginar, portanto, que tenha se dedicado ao aprisionamento de índios para o trabalho escravo nos engenhos, como o irmão. Já Fernão Vieira Tavares, avô paterno do fundador de Salto, era português e chegou ao Brasil em 1618, tornando-se capitão-mor da capitania de São Vicente em 1622.

*Elton Frias Zanoni, membro correspondente da ASLe, é licenciado em História pela Unicamp e mestre em Ensino de História pela UDESC. Em Salto, foi historiador e coordenador do Museu da Cidade entre 2006 e 2010 e professor da rede particular de ensino. Esteve envolvido de perto com ações que resultaram na criação do Memorial do Rio Tietê e do Complexo Turístico da Cachoeira, dentre outras ações museológicas. Em 2010, dirigiu o documentário "O homem e a cidade", que aborda a trajetória de Ettore Liberalesso. Mudou-se para Santa Catarina em 2011, tendo atuado como professor de História. Atualmente é Diretor Acadêmico do Colégio Catarinense, vinculado à Rede Jesuíta de Educação. Mesmo à distância, pela internet, administra desde 2011 um grupo de compartilhamento de fotos antigas, congregando mais de 10.000 saltenses num esforço contínuo de preservação da memória da cidade e de sua gente.*

# Gracias a la vida, nono Antônio

Francisco Carlos Garcia
Cadeira 13
Patrono: Monteiro Lobato

**Tempo e espaço –** Chegando à Rodoviária e ao Instituto Federal pela Rio Branco, a rua muda de denominação para Avenida Getúlio Vargas. Na Rio Branco, vemos casas, restaurante, escritório, postos de combustíveis. Também por ali estão o Clube dos Aposentados, o prédio onde a Nutriplus faz merendas, o Salão de Festas APAE, a Escola Leonor Fernandes da Silva. No entorno, mais residências, o Sindicato dos Metalúrgicos, o Clube dos Casados e as instalações da APAE.

Parece ironia improvisar esse mapa em tempos de Google Earth. A intenção, porém, é enfatizar as transformações do lugar, a partir dos anos 50, meados de 60. Não existem fotografias desse período, mas, se existirem, serão em preto e branco, diferentes do colorido da minha imaginação. Saltenses com 60 anos ou vindos depois, não imaginam o oásis que foi o lugar antes de a cidade crescer. Era a chácara Vendramini do meu bisavô, o "nono da chácara" como o chamávamos. Daquele idílio, a única preservação está no nome da paralela acima: Rua Antônio Vendramini! Só isso!

**Lembranças –** Pablo Neruda, poeta chileno escreveu *"Confieso que he vivido"*; aproprio-me da felicidade desse título e também confesso ter vivido o final de um tempo e um lugar de natureza verde, cheiro de mato e orvalho. Com 62, sou de um tempo em que famílias se visitavam e faziam isso caminhando, porque ninguém tinha carro. Televisão em preto e branco e com chuvisco era coisa de poucos. Telefone? Piorou! E novamente

serei óbvio, mas os jovens de agora, com contatos virtuais a qualquer hora ou lugar, não avaliam o mundo em que vivíamos, no qual uma ligação dependia de uma telefonista presente fisicamente! Dessas reminiscências algumas coisas me são vivas: as tais visitas que as famílias se faziam, a missa aos domingos, o apito da Brasital, o sino da Matriz.

**Nono Antônio –** E do meu bisavô Antônio? O que sei? Pouco, muito pouco! Minhas lembranças são flashes na neblina do tempo; escrevendo, resgato o máximo do mínimo que habita em mim. Algumas lembranças eu ainda as tenho; por exemplo, impressionavam-me as orelhas grandes do nono, talvez pela história do Lobo Mau. Para ajudar faltava um pedaço de uma delas!

Lembro-me das visitas dele à casa de minha avó, onde eu passava grande parte do tempo. Aconteciam depois do almoço. Ouço o solado de couro batido em seu passo firme e cadenciado. Vejo seu indefectível paletó, colete e chapéu. Eu espreitava para verificar se o receio de minhas tias se confirmaria. Explico. Elas lhe davam café com leite e pão, que ele, gostosamente, "poxava" na xícara respingando pela toalha. Parece fofoca, mas me lembro delas cochichando: *"Não é possível, parece que ele advinha o dia em que trocamos a toalha!"*.

Depois do café sentávamos juntos no quintal. Embora improvável, não me recordo dele falando comigo, só vejo aquela orelha cortada e o bigode amarelecido. Sinto até o "cheiro de nono". Como eu até achava gostoso, sem saber que não passava de cheiro de fumo. Se não recordo dele falando comigo, lembro-me de algo que me magnetizava: o ritual de preparar seu "paieiro", a habilidade com o canivete, de cortar e esfarelar o fumo na palma da mão, alisar e lamber a palha depois de colocar o fumo nela.

Na chácara onde ele morava, o que vejo é mais vago ainda. Penumbras. Nona Ângela – Angelina como a chamavam – era miudinha. Fazia parte da sala como a cadeira de balanço, onde, literalmente, desaparecia. Com um longo xale no pescoço, ela mais parecia um montinho de roupas por passar. Na sala, uma porta dava para um quarto com pipas de vinho e linguiças penduradas. Soquetes com lâmpadas incandescentes pendiam pela casa e, altas, só podiam ser acesas por adultos. Na cozinha, a pia e o fogão de lenha com picumã no telhado. Uma porta, alguns degraus e lá fora uma área com a "vasca" de lavar roupas antigamente.

Vejo galinhas e pintinhos ciscando na frente da casa. Imagino Filpo, o cachorro marrom e preto do nono, que conheci só de ouvir minha mãe contar. Eu pedia e ela repetia:

– Quando o nono esquecia alguma ferramenta, pedia ao Filpo: "Vá buscar". Ele disparava na direção da casa, latia na janela e nona Ângela lhe passava pela própria janela, numa argola, a ferramenta que o cão corria levar. Parecia uma brincadeira deles, que passou a ser minha também!

**In vino veritas –** Atividades na chácara eram comuns, como o churrasco anual do Círculo Católico. Aos domingos, então, lá era ponto de encontro de amigos: Monsenhor João da Silva Couto, Zequinha Marques, Pedro Garavello, Ettore Liberalesso e "Berto" Telesi, seu vizinho e compadre. Nona Ângela matava um frango e, enquanto preparava uma polenta, a conversa seguia com tira-gosto de linguiça e vinho, ambos feitos pelo nono. Homem simples, mas com fama de transformar uvas que ele mesmo plantava em vinho muito apreciado. Como explicar sua habilidade de vinicultor? Vejamos.

O nono chegou ao Brasil com 8 anos e ficou com a família em Campinas. Depois rodou por Jundiaí e Itaici, bairro de Indaiatuba, até fixar-se em Salto, aos 21. Na vida de expatriado, certamente soube pouco de sua encantadora Treviso, cidade na região do Vêneto, conhecida pelo vinho Prosecco. Talvez essa genética explique sua habilidade vinicultora, já que na vida só fez trabalhar e quase nada conheceu da cidade onde nasceu, seus palácios, praças, pontes e canais que a rivalizavam com a famosa Veneza. Menos ainda deve ter ouvido falar em "La Divina Commedia" ou de um certo Dante Alighieri, que esteve exilado em Treviso.

**Das minhas domingueiras –** Além dos visitantes ilustres, nós também íamos ver os nonos. Na "lonjura" que eu achava a distância, íamos todos em família. Saíamos da Sete de Setembro, dobrávamos a Rui Barbosa e caminhávamos pelo meio da rua deserta. Demorávamos a chegar à esquina onde dobraríamos à direita, cuja referência era onde havia uma casa; havia não, ela ainda está lá com a mesma aparência da época. Sempre que passo ali (ver foto) fecho meus olhos e vejo na imaginação os antigos arredores. Caminhávamos um pouco, cruzávamos a Dom Pedro II e víamos a porteira. Esse trecho eu devo tê-lo feito mais na imaginação do que na realidade. Até enxergo lá embaixo a mangueira e a casa; esta

ficava onde está hoje o Clube dos Aposentados e a mangueira, no dos Casados, informação fiel do falecido primo Braz Vendramini, que lá viveu. A mangueira foi o primeiro dos meus medos; eu subia, mas meu coração palpitava demais para descer.

*Casa na esquina da Rua Rui Barbosa com Luís Dias da Silva ainda existe*

Na casa viviam os nonos, Ângela e Antônio, os tios Luiz, Corina e filhos. Ao lado dela, havia um paiol com os insumos do trabalho diário e, no gramado, um tanquinho de água represada, feito pelo próprio nono. Pequeno e rasinho, nele havia uma pedra grande onde ele passava horas se esquentando ao sol. Em uma manhã, ele veio à cidade, no Tico barbeiro, mas, como havia vários fregueses, deixou o corte de cabelo para outro dia. Voltou e foi descansar na pedra. Pouco depois, foi encontrado morto; tragicamente caiu em decorrência d'algum mal súbito e afogou-se. Eu não vi, mas é como se tivesse visto, pelas vezes que ouvi meu pai contando para alguém. E detalhava: não teve necessidade de fazer a "tópis", porque o doutor assinou o atestado de óbito. "Tópis": está aí uma palavra dita errada e cerimoniosamente, cujo sentido eu demorei a entender. Só sabia que coisa boa não era.

As águas dessa triste lembrança vinham da parte alta da chácara. Seguindo-as chegava-se a um vale que fora a antiga estrada do Buru. Passava-se pela Capelinha do Alfredo Rosa, atingindo a atual Praça XV de Novembro, onde fora o antigo cemitério. Passar por ali era garantia de sobressalto do meu sono de criança. Depois da angústia de não conseguir

descer da mangueira, havia a história do assassinato de Alfredo Rosa e aquele cemitério.

**Para a chácara, para o Buru e para o céu –** O provérbio diz: "*todos os caminhos levam a Roma*". A relação dele com a chácara estava na direção; se ao cruzar a rua que dava na porteira a ideia fosse dirigir-se ao Buru, bastava virar à esquerda na estradinha de terra. Lá embaixo uma ponte cruzava o Ajudante e, então, era só seguir em frente até chegar à Capelinha de Nossa Senhora das Neves, no Bairro Buru, existente até hoje. O nono, católico praticante, nunca faltou às missas de preceito. Era também devoto de Nossa Senhora do Monte Serrat. Participava ativamente na parte profana e religiosa – festas e procissões – em sua homenagem em todo setembro, repetindo o que fizera em agosto à padroeira do Buru.

Assim viveu nono Antônio Vendramini. Ele nos deixou em 1965, mas vive em bisnetos como eu, em trinetos como meus filhos, em tetranetos como os filhos deles e assim continuará vivendo. Foi um simples e, ao mesmo tempo, um sábio como diria Cora Coralina: "*O saber a gente aprende com os mestres e os livros. A sabedoria se aprende com a vida e com os humildes*".

---

*Francisco Carlos Garcia, mais conhecido como Chico Garcia, tem 62 anos. Casado há 38 anos com Rute Castilho Garcia, têm dois filhos e um neto, Juliana, André e Renato, respectivamente. Cursou Comunicações nos anos 70 e, mais tarde, graduou-se em Administração. Fez mestrado em Gestão Estratégica de Negócios, tornando-se professor do Ensino Superior há 15 anos. Integra o corpo docente de instituições como Ceunsp Cruzeiro do Sul, Cnec Capivari e UniSantanna, atuando em disciplinas de sua formação em cursos de Administração, Direito, Comércio Exterior, Logística, Marketing, Administração Pública e outros. Há 20 anos integra a equipe de cronistas do Jornal Taperá, em Salto. É membro da Academia Saltense de Letras – ASLE desde sua fundação em junho de 2008.*

# As pescarias no Tietê

João Carlos Milioni
Cadeira 21
Patrono: João Guimarães Rosa

Hoje pode parecer meio surreal uma afirmação como essa, mas para quem interessar, digo em bom tom que aprendi a nadar nas águas do velho Tietê. Sim, porque naquela época, quando ainda nem existia o jardim tropical que hoje tem outro nome e possui outras diferentes edificações, era comum ver carros e mais carros estacionados sob as árvores perto do rio nos finais de semana, praticamente lotando todos os cantos da Rua José Weissohn. Era sempre uma grande leva de pescadores de outras cidades que vinha até Salto para pescar, porque sabiam que o lugar era excelente e tinha os melhores pontos de pesca da região.

Nos finais de tarde era comum ver centenas desses pescadores voltando para suas casas com bornais e fieiras lotadas de peixes que eram pescados nas águas que corriam entre a grande passarela de pedras que emoldura o "salto das águas" da nossa cidade.

Com a minha família não era diferente; todos aproveitávamos a oferta generosa que o rio nos proporcionava e, acredito que assim era com a maioria dos moradores de Salto. Aos finais de semana, meu pai saía cedo para tarrafear nas margens do rio e, eu e meu irmão, íamos juntos levando um saco daqueles de padaria aonde vinha o trigo, para colocar os peixes que meu pai pescava.

Fazíamos quase sempre o mesmo caminho; começávamos pelos entornos da cachoeira tarrafeando nas locas das pedras e depois descíamos

beirando a margem direita. Quando chegávamos num ponto onde as pedras ficavam mais próximas formando uma passagem natural, nós atravessávamos o rio e passávamos para a outra margem já na ilha onde fica o campo do time de futebol do Avenida.

Quando chegávamos naquele ponto normalmente nosso saco de padaria já estava lotado de peixes, então meu pai olhava o que tinha e falava que era hora de nadar, porque de peixe já estava bom o suficiente e não precisava mais que isso. Daí em diante era pura farra, meu pai pegava a gente pelo braço e pela perna, rodopiava e jogava lá no meio do rio, para depois ir até nós nadando e nos deixar subir em suas costas e voltar nadando juntos até a margem.

Mas, eu e meu irmão não ficávamos só nessas idas com meu pai. Nós tínhamos nossos cantos prediletos e nossas táticas para pescar. Quando íamos à beira da cachoeira bem perto do salto onde caíam as águas, levávamos massa de pão, uma vara com anzol pequeno e uma fieira de cordão de algodão, que era apenas o necessário para que no final da tarde voltássemos para casa com duas fieiras lotadas de lambari.

Aliás, eles fervilhavam nas águas do Tietê; era muito comum ir até o rio e chegar perto da cachoeira para vê-los pulando para fora da água fazendo brilhar ao sol suas escamas prateadas.

Noutros dias quando queríamos pescar outros peixes como a famosa piava de três pintas, peixe reconhecidamente brigador e preferido por muitos pescadores, nós trocávamos de lugar. Descíamos até o bambuzal que havia na ilha do Avenida ou na laje de pedra na outra ponta da mesma ilha. Ali era certeza que com iscas como o milho, tripa de frango, ou coração de boi picado em pedaços pequenos, não tinha erro, era uma piava atrás da outra, daquelas que faziam a vara embodocar e a linha assoviar no meio d'água.

Agora o melhor das nossas aventuras, era quando o rio estava na época das cheias e o pessoal mais velho que morava na nossa rua, organizava a pescaria para começar ao cair da tarde. Nós descíamos até a cachoeira e ficávamos sentados sobre aquela pedra grande e chata na parte de cima, de frente para o spray d'água, que caía forte enquanto o rio ainda estava bufando de tão cheio. Até que o homem que fechava as comportas, aparecia lá em cima perto da ponte e nós víamos as comportas começarem a

subir e a água diminuir seu volume. Nessa hora pulávamos todos na água e colocávamos redes de um lado a outro bem perto da caída das águas e assim, praticamente fechávamos o cerco para os peixes que estavam subindo o rio naquele trecho.

As redes ficavam lotadas de curimbatás, piavas, mandis, mandijuvas, bagres, cascudos, era uma festa, era um banquete da natureza que já limpávamos ali mesmo alguns metros acima numa bica d'água que corria ao lado de um pé de goiaba vermelha, que havia encrustrado entre as pedras. Como nadar normalmente dava fome, o pessoal já colocava o óleo pra esquentar numa frigideira que era colocada exatamente sobre uma fenda entre as pedras onde uma fogueira já ardia em chamas. Depois de temperadinhos no sal, pimenta do reino e limão era só passar no fubá que ali mesmo já degustávamos alguns pedaços de peixe fritinhos na hora. Lógico que para completar a festa, o pessoal mais velho também tomava uns goles de cachaça pra acompanhar, enquanto eu e meu irmão matávamos nossa sede com uma bela Soda Limonada Esportiva geladinha, comprada no Bar do Bin.

Quando voltávamos para casa com os sacos cheios de peixes, as donas de casa já estavam na porta esperando suas encomendas, para fazer no jantar ou no almoço do dia seguinte. Eram três curimbatás pra uma, dúzia e meia de piava pra outra, e assim por diante.

Parece incrível, parece inacreditável, relatar tudo isso, de onde hoje vemos um rio agonizante, uma cachoeira que por várias vezes lançou águas fétidas e negras como petróleo, mas era assim, aconteceu e eu sou prova disso. Tenho certeza que assim como eu, muita gente viveu algo semelhante, no nosso tão querido Rio Tietê e acredito que com certeza gostariam de poder vê-lo tal como era naquela época.

Ver a vida voltar, ver o rio imponente, furioso, brilhante, ensurdecedor com suas águas turbulentas em época de cheia. Ver os peixes saltando ver novamente a vida tomar seu lugar, onde a natureza colocou sua mão.

Parece impossível, mas aconteceu!

*Nascido em Salto, João Carlos Milioni é graduado em Administração de Empresas.*
*Na área da Literatura, tem publicadas obras infantis, um romance ficção, além de uma peça de teatro. Foi premiado várias vezes por sua participação em concursos, nos quais, posteriormente, suas obras foram publicadas em coletâneas.*
*Premiações: IV Concurso Nacional de Literatura - Barueri/SP (1996), 1º lugar nas categorias Conto e Poesia Infantil; Concurso Literário "Manoel Cerqueira Leite" – Itapetininga/SP (2000), 1º lugar na categoria Poesia.*
*Bibliografia: "A brilhante amizade" (1999); "O compadre de João Carrasco", peça teatral (2000); "Planeta Mãe", (2001); e "Obstinado" (2012).*

# Paisagem de infância na Vila Nova

Jorge Duarte Rodrigues
Cadeira 29
Patrono: Pablo Neruda

Indeciso, como quem não quisesse estar ali, desceu calmamente os degraus do ônibus, ainda com o motor ligado, na plataforma do Terminal Rodoviário Municipal. Quando foi embora nem isso a cidade tinha, pensou.

A Rodoviária se resumia a um velho galpão da Rua Monsenhor Couto, próximo à Rua 9 de Julho, no qual a senhora de olhos arregalados, cabelos armados e sempre mal-humorada, olhando por cima das lentes grossas dos óculos, cobrava as passagens dos que se dirigiam para a capital.

Era possível enxergar do balcão da lanchonete, enquanto tomava um gole de café no copo americano, dois táxis no ponto e dentro deles seus motoristas, cabisbaixos, cochilando, de braços cruzados.

Não tinha noção em qual região estava da cidade em que nascera, por isso perguntou à lavadora de copos se sabia se a Quintino Bocaiúva ficava muito longe dali. Ela, por sua vez, perguntou para a moça do caixa, que franziu as sobrancelhas para dizer que essa rua ficava 'pra lá', mas que não tinha muita certeza.

Resolveu então seguir 'pra lá' depois de olhar as capas de revistas na banca de jornais e confirmar com o jornaleiro, que, gentilmente, indicou o destino correto. Foi caminhando pela Rua Barão do Rio Branco sentido centro, espantado com sua extensão, já que essa via mal chegava em direção paralela à Praça XV de Novembro.

Alcançou a Avenida Dom Pedro II e, ao chegar à praça, recordou a antiga Fonte Luminosa, com suas esferas coloridas colossais aos seus olhos de menino, se assustando com a feiura do decadente Calçadão, que sucedeu a outrora avenida completamente arborizada.

Era estranho voltar à cidade que deixara ainda jovem, agora com as ruas movimentadas, cheias de carros e motos, compondo um trânsito confuso e barulhento, tal qual de onde acabara de chegar. Mesmo que trombasse com ex-colegas do Grupo Escolar Tancredo do Amaral, certamente não os reconheceria.

Com mais uma ou outra informação, ele finalmente chegava a sua inesquecível Vila Nova, onde vivera feliz seus dias de infância. Já estava próximo à sequência de casas simples conhecidas no seu tempo por 'Sete Casas', que demarcava o final da Rua Quintino.

O bar e a cancha de bocha do Scallet, na esquina da 9 de Julho, haviam se transformado em imponente restaurante, enquanto a padaria em frente, propriedade da família Bérgamo, agora, em vez de pão, vendia remédios.

Desceu em sentido ao Matadouro Municipal, com o coração apertado, lembrando-se da rua batida de terra, na qual as boiadas levantavam poeira em direção à morte, e das peladas de futebol, que se estendiam até ao anoitecer.

*Antigo Matadouro Municipal*

As construções antigas haviam desaparecido e as que permaneceram ficaram totalmente descaracterizadas. O muro da sua casa, bem próxima ao matadouro, vivia derrubado pela força dos bois desgarrados da manada, que pareciam pressentir o sacrifício que os aguardava.

O matadouro virou garagem de caminhões e a casa velha em que nascera, com seu enorme quintal sombreado por mangueiras centenárias, outrora refúgio de sua infância, desaparecera sem deixar nenhum vestígio, cujo terreno devastado parecia indiferente, cercado por tapumes desiguais.

Dos antigos vizinhos, conseguiu reconhecer um deles, o velho Valter, o pedreiro que foi responsável pela maioria das construções daquela rua e das adjacências, sentado ao sol, no degrau de uma loja de peças automotivas.

Onde houvera sido tão feliz não lhe restavam mais lembranças palpáveis. Em suas retinas, a cidade, que deixou no começo da sua juventude, estava completamente desfigurada e a paisagem da infância, que guardara na mente com tanto carinho, definitivamente já não era mais a mesma que lhe trouxera tanto encanto e felicidade.

# Armazém do Bertinho Ferrari, o precursor dos supermercados

Jorge Duarte Rodrigues
Cadeira 29
Patrono: Pablo Neruda

Por mais de cem anos, a cidade de Salto teve uma referência comercial tão conhecida, comentada e frequentada pelos saltenses que podemos, sem exagero, compará-la a qualquer outro ponto turístico local, como a cachoeira ou a matriz de Nossa Senhora do Monte Serrat.

Falo do Armazém Popular, também conhecido por Armazém do Bertinho Ferrari, cujo nome original foi Grande Bazar Saltense, dado por seu fundador, Estevam de Almeida Campos, no século passado, mais precisamente em 1908.

Desde 1920, esse comércio localizado no centro da cidade, na esquina das Ruas 9 de Julho com a Monsenhor Couto, esteve sob o comando da família Ferrari, primeiro por Hilário, depois por Roberto, avô e pai de Bertinho, que o assumiu definitivamente nos idos de 1950, quando imprimiu seu capacitado e eficiente método de gestão.

A existência desse centenário armazém de secos & molhados, cujo maior apelo de venda era a incrível e excêntrica variedade de mercadorias, proporcionou à cidade desfrutar, muito antes da instalação dos primeiros supermercados, de um genuinamente saltense.

Nesse local, que desde o início preservou a arquitetura original, bem

como sua estrutura interior, com balcões e prateleiras em pinho-de-riga, o freguês encontrava literalmente de tudo.

E esse "tudo" ia da linha trivial de mantimentos, incluindo alguns itens menos convencionais, como chouriço, carne seca, manjubinha e camarão salgado, passando por alpargatas, ferramentas, lampião a querosene, ratoeira, tachinha de sapateiro, fumo-de-corda, gaiola, fluido para isqueiro até cachimbo de madeira e barro, além de uma infinidade de outros extraordinários produtos, que, se fosse descrever, estouraria tranquilamente o número de caracteres a que tenho direito.

A tamanha diversidade do estoque comercializado no Armazém do Bertinho Ferrari levou sua fama para além das fronteiras da cidade. O local serviu de cenário para comercial de televisão da Rede Atacadista Makro, estrelado pelo então garoto-propaganda Fausto Silva, além de ter sido tema de reportagens de várias publicações, como "Pequenas Empresas Grandes Negócios", da Editora Globo, por mais de uma ocasião.

Era comum personagens ilustres da vida nacional, em visita à cidade, conhecerem as instalações do Armazém. Dentre elas, prefeitos, artistas, deputados, o atual governador de São Paulo, Geraldo Alckmin; o ex-presidente da República Ranieri Mazzilli, além do cineasta Anselmo Duarte, dileto amigo do proprietário e freguês de queijo meia-cura.

E esse inusitado estabelecimento serviu de tema para a tese universitária "Atendimento ao consumidor: como sobrevive um comércio tradicional no mundo globalizado", abordada por um bacharelando em Administração de Empresas.

Com a revitalização do turismo empreendida durante a gestão do prefeito Geraldo Garcia, em 2007, o Armazém Popular foi incluído no eixo turístico do Centro Velho, como um dos seus atrativos.

Homenagens não faltaram a Bertinho Ferrari e por extensão ao seu centenário e tradicional armazém. Eleito por três vezes "Comerciante do Ano" pelo Jornal Taperá e pela Associação Comercial, Bertinho, acompanhado de seus balconistas, foi aplaudido em carro alegórico, durante desfile comemorativo aos 308 anos da cidade (2006), graças à carinhosa iniciativa da Escola Estadual Profa. Maria Tereza Guimarães de Ângelo, do Jardim Marília.

Mas o sucesso e a notoriedade alcançados por esse comércio não se credita exclusivamente à extensa malha de produtos ofertados, mas principalmente ao excelente e pronto atendimento que Bertinho Ferrari e sua equipe de funcionários dispensavam a todos que o frequentavam. Em seu estabelecimento não se ficava mais que alguns segundos para ser atendido e sempre com bom humor, atenção, gentileza e cordialidade.

Infelizmente, esse estabelecimento comercial teve um fim trágico. No final de tarde da fatídica sexta-feira, 31 de janeiro de 2014, a cidade, entristecida, tomou conhecimento do incêndio pavoroso que transformara o Armazém do Bertinho Ferrari em ruínas.

Depois de 106 anos de existência, restou apenas a lembrança desse tradicional empório, que, por 58 anos ininterruptos, teve em seu comando um comerciante digno, batalhador, educado e exemplar, que norteou sua atividade pelo bom atendimento e pelo respeito ao cliente.

---

*Jorge Duarte Rodrigues é filho de João Rodrigues e Inês Duarte. É graduado em Letras (Português/Inglês) pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Nossa Senhora do Patrocínio, e Jornalista profissional (MTB 57.968/SP).*
*Trabalhou como mecânico na Eucatex, bancário no Banco Commércio e Indústria de SP e foi proprietário da Livraria Bethânia por 27 anos (1977-2004).*
*Desde 2005 atua no jornal Taperá como cronista, jornalista e revisor.*
*Prêmio Universidade Federal Fluminense de Niterói/RJ de Literatura, com texto selecionado entre as 20 melhores crônicas da Antologia do Cinquentenário da UFF, em 2010, e 1º lugar no Festival de Poemas de Cerquilho, categoria Prosa, em concurso nacional de literatura, em 2014.*

# Entrevistas, pessoas e fatos ocorridos na cidade

José Alcione Pereira
Cadeira 28
Patrono: Eça de Queirós

Uma das coisas mais prazerosas que fiz quando vim para Salto, em 1952, para dirigir o jornal O Liberal, foram as entrevistas com pessoas antigas da cidade, que me fizeram conhecer um pouco da história do local onde vivi por alguns anos. Elas se constituíam numa história viva, e cairiam no esquecimento se seus depoimentos não fossem registrados.

O primeiro que entrevistei foi o velho Tibúrcio de Arruda Campos, soldado aposentado da Força Pública do Estado, atual Polícia Militar. Tratava-se de um homem de difícil convivência com a população, pois não era de muita conversa e estava sempre de cara fechada, metendo medo principalmente nas crianças. Tive que ser muito persuasivo com ele, que, aos poucos, foi se soltando e contou aspectos de sua vida. A coisa mais importante que eu queria saber era sobre sua participação na morte de Alfredo Rosa, um forasteiro, que tinha chegado na cidade e fora suspeito de roubar cavalos, o que nunca se comprovou. Ele negou seu envolvimento, mas não entrou em maiores detalhes. Fez relatos sobre quando chegou à cidade de Salto, que era dirigida por Luiz Dias da Silva, por volta de 1915, dizendo que era "uma cidadezinha suja e esburacada, sem luz, sem comércio, sem água e sem esgoto". Cinco meses depois o velho Tibúrcio faleceu e eu fiz o registro desse fato no mesmo O Liberal.

A segunda entrevista foi feita com dona Rosalina Leal Nunes, esposa do cartorário Silvestre Leal Nunes. Com quase 80 anos de idade, ela tinha espírito jovem e uma conversa cativante. Revelou que nascera em Itu, mas viera muito criança para Salto. Contou que tinha 8 anos de idade quando D. Pedro II visitou a cidade, lembrando-se apenas que, à frente da comitiva, vinham oficiais e soldados vestindo vistosos uniformes preto e vermelho, botões dourados e chapéus cheios de plumas. Ela falou sobre um saltense famoso, o Dr. Francisco de Barros Jr., que, segundo ela, era um homem baixo, gordo e barrigudo, muito rico e caridoso, mas morreu paupérrimo, trabalhando com um carro de boi nos últimos anos de sua vida.

Uma outra entrevista foi com dona Palmira Milanez, nascida na Itália, que veio para Salto aos 6 anos de idade. Aos 77 anos, ela também se lembrava da visita de D. Pedro II à cidade, quando o monarca visitou uma fábrica de tecidos. Dona Palmira teve 22 filhos (!), informando, porém, que criou apenas 7, que lhe deram 28 netos e 11 bisnetos. Na conversa, fez outras revelações sobre o Dr. Barros Jr., afirmando que ele se casou com uma moça rica, da qual se separou posteriormente e passou a ter uma vida desregrada, de "farras" com moças de diversas procedências. Lembrou-se de uma francesa, uma inglesa, uma italiana e uma cabocla, até que suas condições financeiras chegaram a zero e ele morreu praticamente na miséria.

A entrevista mais difícil foi a que fiz com o pai de Archimedes Lammoglia, Domingos Lammoglia, um homem de poucas palavras e sistemático, que não bebia, não fumava e não jogava. Ele era conhecido como "o caixa da Brasital", função que exerceu por cerca de 40 anos nessa indústria saltense, pois merecia a confiança irrestrita dos diretores. Perguntado sobre porque não se aposentava, simplesmente ficou calado, sem me dar a menor atenção, o que exigiu que fizesse outra pergunta. Ele era italiano, tendo chegado ao Brasil quando tinha 13 anos de idade e teve de voltar à Itália aos 20 anos para prestar o serviço militar. Retornou quatro anos depois e se fixou definitivamente no Brasil.

Um carvoeiro alegre e inteligente entrevistei a seguir e, apesar da função que exercia na cidade, era conhecido como "o mais viajado de Salto". Chamava-se Antonio Donatini e também era italiano, tendo deixado a aldeia onde morava aos 11 anos de idade, começando suas viagens primei-

ro pelo próprio país (ilhas de Córsega e da Sardenha), seguindo depois para a África (onde começou a trabalhar como carvoeiro), Estados Unidos (onde se casou com uma mulher que lhe deu quatro filhos), voltou para a Itália, participando da Primeira Guerra Mundial, até que veio para o Brasil. Aqui passou por Santos, Belo Horizonte, Recife, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, chegando em nossa região pela Fazenda Pinhal, em Cabreúva, e dali para Salto, em 1934, aqui permanecendo pelo menos até 1952, quando o entrevistei. Era um carvoeiro poliglota, pois falava francês, inglês, árabe, português e italiano.

Infelizmente, em virtude de outras atividades no jornal, que tomavam todo o meu tempo, tive de interromper essa série de entrevistas, o que lamentei muito, pois era uma forma de conhecer pessoas e fatos numa cidade que passei a amar e para a qual um dia voltei e quero permanecer até o fim de minha vida.

---

*José Alcione Pereira nasceu em 19 de março de 1928, em Caicó/RN. É filho de Adélia Araújo Pereira e Sebastião Pereira da Silva. Casado atualmente com Marlene Bisordi Pereira, tem duas filhas - Cláudia e Marta – e duas netas – Luíza e Júlia.*

*Cursou o antigo Primário e Ginasial em Caicó, Científico e início do curso de Direito em São Paulo.*

*Foi funcionário do Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Empregados em Transportes e Cargas, antes de iniciar a carreira jornalística, aos 23 anos, na Asapress. Trabalhou no jornal O Liberal, de Salto; a seguir na Esso Brasileira de Petróleo, como redator de imprensa; gerente da Lista Telefônica Brasileira; e Editora Abril, onde foi diretor comercial e de publicidade.*

# O velho Tancredo: primeiro Grupo Escolar de Salto

Katia Auvray
Cadeira 16
Patrono: Cecília Meireles

*"Nobre e velho casarão que te levantas*
*bem no seio deste centro operário*
*tão sereno, após vencer batalhas tantas,*
*vês passar hoje mais um aniversário.*

*Tu que ano após ano, sempre acolhes*
*legiões e legiões de estudantes;*
*e a todos com carinho, nunca escolhes:*
*rico, pobre, tanto agora como dantes,*

*sentadinhas em teus bancos escolares,*
*crianças, jovens, vem buscar diariamente,*
*combustível que mantém a luz da mente*
*sempre acesa, após tempos seculares.*

*20 de outubro!! Salto hoje vibra em festa!*
*A alegria nos semblantes é geral.*
*Recebe mais esta homenagem tão modesta,*
*ó meu querido "Tancredo do Amaral".*

Foi com o poema "Tancredo do Amaral", de sua autoria, que a ex-professora Rosa Ferrari Valente saudou a primeira escola pública de Salto/SP – o Grupo Escolar – em 1983, ano em que completou 70 anos. Na abertura da solenidade, a presença de Maria Theodora Liberatori Vitale – ex-aluna formada na primeira turma, em 1915, causou comoção.

Grandes comemorações marcaram a trajetória da instituição: desfiles de várias escolas, concorridas apresentações do Coral do Movimento Carismático da Matriz de Salto, da Orquestra da Sociedade Cultural e do Coral Cidade de Salto.

Não é para menos. O prédio de paredes reforçadas, largas janelas, com amplo jardim fronteiriço, corredores espaçosos e pátio acolhedor faz parte da memória de milhares de crianças, que, com emoção e entusiasmo, iniciaram os primeiros passos na vida escolar e cultural por lá.

Na Salto de Ytu do começo do século XX, a maioria delas frequentava as escolas públicas isoladas, todas funcionando em situação precária. Algumas nas casas dos professores, que muitas vezes não tinham a devida formação. A prática existia desde a independência do Brasil, em 1822, quando a primeira Lei Geral da Educação Pública instituiu o ensino obrigatório para as crianças.

Contar com um Grupo Escolar que atendesse a todos, até o 4º ano, era um sonho de muitos. Em junho de 1908, foi feita uma tentativa para unir todas as escolas isoladas existentes num único prédio. O inspetor escolar Nahor de Moraes Galvão indicou à Câmara Municipal que contratasse um prédio para isso, suficientemente grande para que nele também funcionasse aquela repartição.

Nahor deixou o cargo em outubro sem atingir seu objetivo. Em janeiro do ano seguinte, a Câmara Municipal se reuniu extraordinariamente para oferecer um terreno ao Estado a fim de construir um prédio. A comunidade colaboraria com cem mil tijolos. Nada saiu do papel.

Em agosto de 1910, a mesma proposta foi renovada. O Governo do Estado aceitou a oferta, prometendo que, em pouco tempo, Salto de Ytu receberia a visita de um engenheiro para escolher o terreno, o que ocorreu no mês seguinte. O prédio, onde o Grupo Escolar está instalado, foi adquirido pela prefeitura, na gestão do vereador-prefeito Domingos Fernandes da Silva, e doado ao Governo do Estado. Sua construção foi iniciada em 1911.

*Entrada específica para meninos e meninas se conserva na fachada do prédio até hoje*

Ainda era de terra a então Avenida Benjamim Constant – antiga Rua Atrás do Céu – quando ali se instalou a escola. Em janeiro de 1913, a Câmara pediu à Prefeitura que apedregulhasse as ruas que circundavam o prédio – as atuais Avenida D. Pedro II e Rua Prudente de Moraes.

O Grupo foi oficializado em 20 de outubro de 1913 por decreto, com a anexação de oito escolas isoladas e a criação de mais duas, preenchendo as 10 salas existentes em um único período – o da manhã. Quatrocentos e sete alunos se matricularam no primeiro ano. Em 23 de outubro de 1913 foi nomeado o primeiro diretor interino, o professor Francisco Mariano da Costa – adjunto do Grupo Escolar de Ytu. Oito dias depois a escola começou a funcionar, embora fosse inaugurada apenas em 13 de maio de 1914.

Como no restante do País, a escola mantinha a prática de separar os meninos das meninas, inclusive no Registro de Matrículas. A instituição ainda conserva na fachada, as inscrições sobre as portas que davam acesso a eles.

Lápis, caneta-tinteiro, mata-borrão e caderno de caligrafia eram os materiais usados pelos alunos. Calçados ou de pés no chão – porque sapa-

to era coisa muito cara – os filhos de carroceiros, lavradores, operários, fabricante de charutos, pedreiros, carpinteiros, padeiros e outros tomaram assento nas reluzentes carteiras de madeira importadas da Europa e dos Estados Unidos. Seu formato anatômico mantinha o corpo das crianças na posição correta, o que prevenia a escoliose, de acordo com as orientações dos livros de higiene da época.

Não era fácil conseguir professores formados, e muitos vinham de outras cidades da região, como Porto Feliz, Itu e Tietê – mas eles chegaram: Acylino do Amaral Gurgel, Cláudio Ribeiro da Silva, Dinorah Moreira, Joana Sardenberg, Maria Rodrigues de Azevedo, Marina Sidow, Albertina de Aguiar Paes de Barros e Júlio Pinto Ferreira, entre outros.

O velho sino brandido por "seu" Paulito dava os sinais de entrada, recreio e saída dos alunos. Repousava sobre o piano antigo que, desde 1928, cadenciava os hinos patrióticos do orfeão, criado e dirigido pela professora Benedita de Rezende – que usava um penteado extravagante, e se esforçava para que os alunos não desafinassem.

Empertigado e bigodudo "seu" Paulito Mendes, o porteiro, usava terno risca-de-giz, óculos redondos e relógio preso por uma corrente de ouro, que ia de um bolso ao outro do colete.

O relógio era o terror dos alunos que chegavam tarde, ou se atrasavam no recreio. Bastava olhar para o topo da escada para ver "seu" Paulito junto ao sino, com o relógio numa mão e a cordinha do badalo na outra, pelo menos dois minutos antes do tempo. Parecia se divertir com a tristeza das crianças, que não queriam que o recreio terminasse.

Vestidos com terno e gravata, os serventes – "seu" Frias, Anastácio, Geraldo, Luizinho e Tristão – eram solícitos quando chamados pelos professores que tocavam uma campainha, para que apontassem um lápis ou levassem pela orelha um aluno indisciplinado para um acerto de contas com o diretor.

Também havia os professores chamados de "monstros sagrados" pelos alunos, como Severiano, Lordello, João Cezar, Argentina, Laurinha Lopes, Wanda, Antonieta, Paula Santos, Maria Constança Miranda e Isabel Belo. Muitas e saborosas histórias estão preservadas nos arquivos da

escola, como a de Dona Alice Barbeiro, a pequena professora da classe do porão de 1929.

A professora chorava quando tinha que chamar a atenção dos alunos, marmanjos maiores que ela. Cansada da situação, um belo dia atirou um berço de mata-borrão contra um deles, que, na aula de trabalhos manuais, tecia uma cesta de barbante. Não atingiu o alvo, mas todo mundo se sentou bem quietinho em sua carteira, ao som dos vidros quebrados, aguardando o que viria.

De caderninho e lápis em punho, "seu" Frias perguntava o nome do pai de quem iria pagar o prejuízo, e quem iria à diretoria daquela vez. Dona Alice mandou repor o vidro. Nunca mais chorou e, desde aquele dia, não precisou mais chamar a atenção dos alunos, que viraram anjos.

"Seu" Berreta – o professor grandalhão que não castigava os alunos – também perdeu a paciência. Arrancou abotoado e pela cabeça, o paletó do maior aluno da classe – talvez por ter descoberto que o fulano esvaziara os quatro pneus de seu Fordinho Bigode, que ficava estacionado em frente à escola.

Dona Ana Rita beliscava as crianças, cujos pais davam queixas junto à direção. Quando lhes perguntavam se queriam trocar os filhos de classe, a queixa era retirada. Ninguém queria mudar de professora.

O professor e diretor Cláudio Ribeiro da Silva era circunspecto e se postava de braços para trás no portão de entrada, para dar as boas-vindas aos professores e alunos em cada primeiro dia de aula dos anos letivos.

Maria Constanza Miranda de Campos, a Dona Cotinha, além de ter sido uma das primeiras mestras, foi auxiliar de Direção e Diretora da Escola, lá permanecendo por 25 anos.

O velho Grupo Escolar recebeu o nome de Tancredo Leite do Amaral Coutinho, em 21 de abril de 1932, em homenagem ao primeiro professor primário formado pela Escola Normal da capital, em 1887, a lecionar em Salto.

A escola teve uma importância incomum na vida saltense. Por seus bancos escolares passaram figuras das mais representativas da história da cidade, como o ator e diretor Anselmo Duarte; o deputado Archimedes

Lammoglia; Walter Edgar Maffei, o primeiro médico saltense; o bailarino e coreógrafo Idovar Stahl Filho; Odmar do Amaral Gurgel, o Maestro Gaó, que levou para a América do Norte o ritmo bamboleado do samba; o radialista J. Silvestre; o Padre Darcy Casagrande e tantos outros.

---

*KATIA AUVRAY é mineira de Belo Horizonte. Viveu no Rio de Janeiro, em Salvador/BA e em São Paulo.*
*É professora de História e lecionou durante 25 anos em escolas da capital paulista, de Itu, de Salto e de Indaiatuba. Desenvolveu com seus alunos dezenas de projetos relacionados aos direitos humanos e à importância dos cidadãos comuns na construção do processo histórico. Entre eles, encontram-se os livros "Um lugar chamado Brasil" e "Santa Terezinha", sobre os bairros de mesmo nome, em Itu.*
*Há 15 anos, incorporou os recursos da comunicação e os colocou a serviço da pesquisa social, da valorização da cultura popular e da socialização do conhecimento.*
*É autora do livro «Cidade dos Esquecidos - A vida dos hansenianos num antigo leprosário do Brasil" e da Coleção Magia da História, que, em seus cinco volumes, apresenta a história de Salto ao público infantil.*
*Produziu centenas de artigos, crônicas e ensaios para sites e revistas. Atualmente é articulista do portal itu.com.*

# Cada um com seus problemas

Maria Christina Noronha Liberalesso
Cadeira 17
Patrono: Antoine de Saint-Exupéry

Ao entardecer da vida, a memória recente definha e as lembranças tornam-se abundantes.

Trava-se, a cada dia, uma batalha para separarmos o hoje das reminiscências do passado que insistem em se amalgamar ao nosso cotidiano. Este fato é natural e explicável, sendo consequência de tantas experiências vividas, tantas alegrias e dores, amores e desamores, fatos marcantes e outros tão insignificantes que chegam a confundir a memória de qualquer mortal na fase outonal da vida.

A memória é algo curioso. As recordações saltam, pulam e se sacodem, no tempo e no espaço, como um peixe na ponta de um anzol. Em nossas meditações, dez anos podem parecer um minuto ou um minuto pode nos dar ideia da própria eternidade.

Sentindo aproximar-se o limiar de uma nova vida, profusas lembranças vêm a minha memória como uma torrente na qual se atropelam e confundem-se o passado remoto, o ontem e o agora.

Resolvi então colocar no papel duas histórias que aconteceram em datas e locais muito diversos, mas que têm um mesmo contexto. Se não me apressar, deixarei de prestar homenagem a um emérito saltense que fez com que estas narrativas tivessem um final completamente diferente.

Começarei pela crônica que teve desfecho lamentável. Sempre é bom deixar o nectarino para o final.

Cidade de São Paulo, verão de 2016, seis e trinta de uma manhã chuvosa. O corre-corre é o habitual. Todos estão tensos com os enormes problemas que têm para resolver. As dificuldades de cada pessoa são sempre maiores do que as enfrentadas pelas demais.

Acabei de deixar minha netinha na escola, estou preocupada com dificílimos impasses rotineiros para deslindar.

Ao passar por mais um morador de rua deitado na calçada (já havia visto dezenas durante a última hora), algo me chamou a atenção. Entre as trapagens que cobriam o corpo inerte, algo se mexia. Diminui o passo e apurei o olhar. Dois bracinhos minúsculos tentavam desvencilhar-se dos molambos. Dois olhinhos vivos me fitavam e ouvi: "dá, dá, dá, dá".

Fiquei aturdida, o coração gelado.

Meu Deus, o que será que estava querendo aquele ser tão frágil?

Entendi que deveria dar-lhe algo, porém o quê?

Rapidamente abri a bolsa. Carteira com dinheiro e cartões de crédito, celular, perfume, maquiagem e tantas outras coisas que me pareceram totalmente inúteis ao pequeno ser, que continuava: "dá, dá, dá".

Fitei-o totalmente confusa.

Paulatinamente, uma luz fugaz desabrochou e meus pensamentos se aclararam. Entendi o que aquela criança tentava dizer-me. "Dá, dá, dá" significava tanta coisa... Talvez um pouco de leite para diminuir sua fome ou um agasalho para aquecer seu corpinho, ou um teto para que pudesse ficar abrigada. Esses monossílabos expressavam um pedido desesperado de condições mínimas para existir. "Dá, dá, dá" resumia: "Dê-me uma nesga de esperança para viver".

As pessoas passavam e, condoídas, prosseguiam seus caminhos, envolvidas em seus próprios problemas, protegidas pela carapaça do egoísmo coletivo. Desde muito cedo nos é dito que cada pessoa tem suas dificuldades e deve solucioná-las.

Eu, tentando minimizar a dor imensa que sentia no coração e o peso na consciência, fui até uma padaria e comprei mantimentos que aplacariam a fome daquela família durante o dia. Mas e depois?

O pedido de socorro do bebê não foi ouvido e hoje ele e sua família devem estar sob alguma marquise da imensa cidade de São Paulo, como estão milhares de outros moradores de rua.

Agora relatarei um caso semelhante, que, para sorte de seus personagens, ocorreu em nossa querida cidade de Salto.

Eram cinco da manhã, inverno de 1959, pão e leite sendo entregues nas portas. Das casas vinha o delicioso perfume do café sendo coado. Nas ruas ainda reinava o silêncio. Estava com minha mãe, indo pela Rua 7 de Setembro, ainda de terra batida, rumo à Igreja Matriz, para assistirmos à missa. Algo nos chamou a atenção: pessoas deitadas na calçada estavam cobertas por trapos e havia uma criança choramingando. A ideia de irmos à missa foi abandonada. Voltamos para casa, apanhamos alguns alimentos e um cobertor. Ao entregarmos, descobrimos que sob os molambos estavam uma mulher e três crianças.

Minha mãe sabia que algo mais precisava ser feito. Havíamos nos mudado para Salto no mês anterior. Não tínhamos conhecimento se havia alguma entidade que pudesse ajudar aquelas pessoas. Fomos até a igreja e o pároco nos informou sobre a Sociedade Vicentina. Receosas, fomos até a casa de seu presidente, que, com um sorriso radiante, nos garantiu que a Sociedade São Vicente de Paula resolveria o caso.

Naquele mesmo dia, pouco mais tarde, soubemos que a família havia sido levada para uma das casas da Vila Vicentina e recebido todo o apoio necessário.

Poucos anos mais tarde, descobri que aquele senhor, tão sorridente e prestativo, chamava-se Ettore Liberalesso e que, tanto ele como sua mulher, D. Virgínia, e seus filhos, Anita e Paulo de Tarso, entrariam definitivamente em minha vida para sempre.

Falo com orgulho do meu querido sogro, pai de coração, Sr. Ettore, figura magnífica que deve ter seu nome escrito na história de Salto e gravado profundamente no coração de todos os saltenses que aqui nasceram ou escolheram este prodigioso torrão para ser seu lar.

Por este e por muitos outros motivos amo e me encanto por esta terra, onde nasceram meus filhos e onde mora meu coração.

Bem, agora, terminadas as duas histórias, uma dúvida cruel toma conta de meus pensamentos: será que nós, que fomos privilegiados nesta vida, não podemos ajudar um pouco mais nossos semelhantes abandonados pela sorte?

Será justo fingirmos que nossos problemas são maiores que os

dos demais e, como nos ensina a vida, cada pessoa deverá resolver os seus?

Será que um dia entenderemos de fato o grande mandamento que Cristo nos deixou ao dizer: "Amai ao próximo como a ti mesmo"?

Será que uma vida em que os problemas sejam partilhados é um sonho possível ou será apenas um devaneio utópico?

*Grupo de asilados da Assistência Vicentina, em 1958*

*50º aniversário da inauguração do Abrigo de Velhos da Associação Vicentina, em 2001: Mário Bethiol, Mário Dotta Júnior, Ettore Liberalesso, Pilzio Di Lelli, Francisco Moschini, Edson Marconi, João Marcos Andrietta, Márcio Maestrello e José Fernando Marzulo.*

---

*Maria Christina Noronha Liberalesso é filha de Yolando de Noronha e Diva Prado Noronha. Nasceu na cidade de São Paulo e mudou-se para Salto aos 9 anos de idade. É professora, advogada, formada pela Faculdade de Direito de Itu e com Pós-graduação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Lecionou em Educação Infantil, Educação Supletiva, Ensino Básico, Ensino Médio e no Curso de Graduação em Direito. Atuou como advogada autônoma e prestou serviço junto à Procuradoria do Estado de São Paulo.*
*É surda e pós-graduada em Libras. Viúva de Paulo de Tarso Liberalesso, teve com ele dois filhos e hoje tem cinco netos.*
*É autora do livro «Estudo Etiológico e Legislativo sobre a Surdez". Em 15 de junho de 2014 tomou posse na Academia Saltense de Letras.*

# Pedágio na Ponte do Salto

Maria Damien Ignácio Pacheco
Cadeira 15
Patronesse: Benedita de Rezende

Os primeiros raios de sol tremeluziam sobre as águas impetuosas do rio, que logo abaixo da ponte se despenhavam na formosa cascata. As taperás, graciosas andorinhas que passavam a noite nos desvãos das rochas do lado esquerdo do rio, começavam seu bailado sobre as águas turbilhonantes e, depois, numa revoada compacta, alçavam voo e sumiam no horizonte.

Na pequena pensão de Dona Catharina Pacheco, perto da ponte, começava a azáfama de um novo dia. Lidando para acender o fogo no grande fogão à lenha e preparar o desjejum para os hóspedes, ela gritava para marido:

– Sebastião, venha me ajudar, homem! Essa lenha meio verde não quer pegar fogo!

– Calma, Catharina! Ocê é muito apressada! Precisa ter jeito e paciência para lidar com as coisas.

– Que paciência nada, Bastião, ocê sabe quanto serviço eu tenho para fazer?

Sebastião, pacientemente acende o fogo, enquanto a mulher tagarelava:

– Quando a lenha queimar bem, ocê recolhe umas boas brasas e enche o ferro de passar roupa. Tenho que passar todos os lençóis que troquei ontem.

– Tá bão, Catharina, tá bão!

– Ah! E coloque o caldeirão grande com água pra ferver, porque vou matar e depenar o frango carijó para o almoço... Ah! e não esqueça de cortar mais lenha, deixar no jeito e tratar da criação...

– Não precisa me lembrar. Eu faço isso toda manhã.

– É, mas ocê é muito folgado e lerdo também.

– Não senhora, dona Catharina, ocê que é apressada, cheia de aflição e preocupação...

– É, tudo bem! Mas, se não fosse eu...

– Olhe aqui, mulher, ocê está me desrespeitando. Tá dizendo que não faço nada?

– Não, bem, nem pensar. Ocê é um amor...

Nesse momento, ouvem-se fortes batidas na porta da frente e Sebastião vai atender.

– Bons dias, seu Sebastião, dona Catharina está? Preciso falar com ela.

Sebastião grita da porta:

– Catharina, é com ocê. É o fiscal da Ponte, o senhor José Manoel Lobo.

Catharina chega, enxugando as mãos no avental.

– Bons dias, seu José Manoel, em que posso servir o senhor?

– Bons dias, dona Catharina. Como a senhora já sabe, foi colocado um portão na Ponte do Salto para cobrança de todos que por ali passarem: pedestres, cavaleiros, boiadeiros, carroças, carros de boi... É para recuperar o dinheiro do Conselho, gasto no conserto da ponte.

– Sim, seu José Manoel, estamos sabendo disso e da confusão que essa cobrança está causando. O povo está revoltado... Onde já se viu cobrar pelo conserto da ponte! Isso é obrigação da Prefeitura de Itu.

– Também acho, mas meu problema é o seguinte: para facilitar a estadia dos cobradores e ser de muita necessidade, venho ver se a senhora tem um quarto disponível para alugar, pois sua pensão é perto da ponte...

– Tenho sim, seu José Manoel. São 480 réis por mês.

– Está bem, dona Catharina, está acertado! Mas, aqui entre nós, o que se faz mesmo necessário é uma Força Armada para garantir respeito ao cobrador, que, sendo solitário e vendo-se às vezes atacado por pessoas imorais, tem sido obrigado a os deixar passar sem paga alguma. Isso tem dado motivo ao abandono do cargo pelas pessoas encarregadas da cobrança.

Sebastião dá seu palpite, entrando na conversa:

– Mas, seu José Manoel, os cobradores também reclamam que é mui diminuto o que recebem por seu trabalho, a razão de 12 por cento do cobrado.

– Pois é, por isso já estamos no terceiro cobrador, em tão pouco tempo, desde que principiou a cobrança.

– É verdade, senhor fiscal, que foi preciso demitir um dos cobradores nomeados por embolsar os rendimentos?

– Sim, senhor Sebastião, fiz mudar esse cobrador como delapidador de algum rendimento da passagem, segundo me foi ordenado em Sessão Extraordinária da Câmara de Itu, em 30 de abril deste ano de 1829.

– E de quanto foi o desfalque?

– Faltava para igualar a despesa dos consertos da Ponte do Salto, na receita da passagem cobrada, 40$000 (quarenta mil réis). Mas falta-me ainda a certeza das delapidações.

– Ainda estão falando por aí que o segundo conserto da Ponte para nada serviu e que ela conserva ainda a "linha estrondada" – cutucou Sebastião.

– Pois é, mas sabem que essa cobrança da passagem pela ponte está dando motivo para casos muito engraçados e outros muito sérios?

– Como assim, seu Fiscal?

– Outro dia, o Chico Boiadeiro foi passar com sua boiada e o cobrador contou todas as cabeças do gado, cobrando de todas as passagens.

– E daí, o que aconteceu?

– Vejam só, o Chico enfezou e queria bater no cobrador, dizendo que boi não é gente. Várias pessoas que estavam por ali impediram a briga e o Chico Boiadeiro pagou só a dele.

– Tá certo, o senhor não acha?

– Sim! Mais o mais engraçado aconteceu quando o Zezinho Tropeiro foi passar com a famosa tropinha de burros. Como todos sabem, ele tem verdadeira adoração pelos seus burrinhos, que ele trata como gente, com todo carinho.

– Isso nós sabemos, pois os seus burros têm até nome de gente e todos começam com a letra A.

Quando ele ia passar o cobrador falou:

– Zezinho, eu sei que burro não é gente, mas você vai pagar pela passagem de todos.

O Zezinho se enfureceu dizendo:

– Como, burro não é gente? Os meus são melhores que muita gente! Veja só o Adroardo, o maior e o mais forte deles, o que leva as cargas mais pesadas sem reclamar. O Amarirdo é o mais chorão, mas faz tudo o que eu mando. O Argemiro é o mais posudo, mas é bonzinho e obediente. O Ansermo, o Abelardo e o Antero, formam um trio inseparável, estão sempre juntos. Eu reparto a carga igualzinha pra eles. O Agnardo é o mais lampeiro, gosta de dar suas fugidinhas, mas sempre volta. Agora, o Aparecido é o meu xodó. Quem diria: aquele burrinho magro, fedorento, estropiado, pequenininho, que apareceu no meu pastinho... Ninguém sabe de onde, nem quem era, iria virar esse burrão mais lindo. Uma flor de burro...

O cobrador, cansado de tanta prosa, interrompeu:

– Olha aqui, Zezinho. Chega de conversa fiada. Eu não posso perder tempo. Vá pagando as passagens.

– Pago só a minha, as dos burros não, ora essa!

E lá se foi orgulhoso da tropinha.

– E tem mais, corre, à boca pequena, que a Dona Mariazinha passou com sua charrete pela ponte e pagou por sua passagem e do seu cavalo, só para fazer dengo pro cobrador.

– Mas que gente faladeira!

– Também acho! E não ficou só nisso. O fazendeiro seu Joaquim passou com seu alazão e pagou as duas passagens.

– Mas ele é rico, pode fazer visagem.

Depois da prosa e de boas risadas, o fiscal disse:

– Bem, Dona Catharina e seu Sebastião, como já estamos acertados quanto ao aluguel do quarto, vou indo, cuidar dos meus problemas. Esse cargo de fiscal não é nada fácil. Até mais ver e obrigado.

– Até mais ver, senhor fiscal José Manoel Lobo!

**Fonte:**

CASTELLARI, Luiz. *História de Salto*. Salto: Gráfica Taperá, 1971.

*Maria Damien Ignácio Pacheco é saltense. Professora no Ensino Básico Fundamental, trabalhou por 38 anos na rede estadual de ensino. Dedicada à arte teatral, foi uma das iniciadoras da "Mostra Estudantil de Salto", participando dela por 12 anos. Recebeu premiações no VI e VIII Festival Estudantil de Teatro do Estado de São Paulo, realizado pelo Conservatório Dramático de Tatuí.*

*Integra a Associação Italiana Giuseppe Verdi, a Associação Cultural Corporação Musical Saltense, o Instituto de Estudos do Vale do Tietê e a Academia Saltense de Letras, da qual é uma das fundadoras.*

*É autora do livro "Un dolce recordo..." (2013). Tem escrito peças teatrais infanto-juvenis, crônicas e poesias. Recebeu Menção Honrosa no Prêmio Moutonnée de Poesia de Salto e no Mapa Cultural Paulista.*

# Buru, porque me encanta

Marilena Matiuzzi
Cadeira 39
Patronesse: Cora Coralina

A estrada que leva ao Buru, naquele ponto, bifurcava-se, estendendo-se como pernas abertas, expondo no vértice a igrejinha.

Naquela bifurcação, à direita, havia o armazém do meu avô, mais que centenário, agregado a uma casa, com cômodos grandes: uma cozinha, uma sala e três quartos. Todos os quartos dispostos em sequência naquele corredor, que, ao final, desembocava na entrada interna do armazém.

Gostava de passar alguns dias das férias lá para sondar aquilo que eu chamava de mistérios do lugar.

Passava o dia explorando o pomar, subindo em árvores, dava comida às galinhas, acompanhava a retirada dos ovos, ia até o curral ver minha avó retirar leite da vaca, ou até o rio, onde gostava de colocar os pés na água gelada. Tinha medo de nadar. Isto era fruto de uma proibição que vinha recomendada de casa.

O dia amanhecia cedo para nós, com o som do galo cantando, e a noite também vinha breve, logo depois do jantar, ocasião em que nos preparávamos para dormir, pois não tinha energia elétrica e não havia o que fazer, somente terminar conversas debaixo da luz do lampião.

Minha avó me punha a dormir sozinha no quarto grande, onde a janela, com tramela, olhava para a estrada e para a igrejinha.

O medo me visitava durante as noites, mas daquele medo que atrai, que seduz, que faz a gente se tornar presa dele, só sentindo e provando

de emoções fortes, que nos levam a arrepios, a fechar os olhos e a disparos no coração.

Quando a escuridão total, que não demorava a chegar, vinha, eu ficava ali, encolhida, debaixo do cortinado. Pedia para minha avó acender a vela e que a deixasse acesa até terminar, porque o escuro me assombrava. Minha avó atendia meu pedido alegremente, mas, temerosa de que pegasse fogo no cortinado, em poucos minutos adentrava ao quarto e a apagava, fingindo acreditar que eu já havia dormido.

Eu gostava de ficar espreitando luzes externas pelos vãos do telhado sem forro, porque quando havia luminosidade que fazia sombras nas telhas e madeiras, eu enxergava monstros, gigantes, animais, árvores, um mundo **à** parte.

Também ficava atenta aos sons noturnos, ora o piar de uma coruja, um cão que latia, às vezes conversas e risadas de bêbados, que tinham saído do armazém e ficavam na frente da escola.

Acompanhada de curiosidades, medos e sons noturnos, era vencida pelo sono e acordava com o nascer do dia, com novos sons pela casa, panelas sendo colocadas no fogão à lenha, o chiar da vassoura no piso de tijolo, conversas de minha avó, balde d'água sendo retirado do poço, passos de meu avô pelo corredor, dirigindo-se ao armazém.

Queria hoje poder encher meu coração daquela alegria de quem descobria o quão era vasto, belo e misterioso o mundo e me presentear com um raio de sol daquelas manhãs, que tinham o cheiro da lenha queimada e do café.

Lembro-me de Dona Guiomar, que morava nos fundos da escola do Buru e que gostava de conversar comigo. Ela vinha no final do dia falar de lua e de vento. Era uma negra tranquila, risonha e sábia. Dizia para mim que criança precisava saber ventar. Hoje sei que é verdade, criança precisa aprender desde cedo a desalinhar o que aparentemente está reto, revolver a poeira, as folhas, os galhos secos, porque a vida é quase sempre uma ventania. Sei também que deve aprender a dançar na tempestade: há que se fazer festa quando tudo parece estar perdido, como fazíamos no barro daquele sítio em dias de chuva!

E de tudo o que havia naquele sítio, tudo me encantava, mas o maior encanto era o armazém. Quanto mistério eu via naquele lugar. Passava ho-

ras ali, acompanhando meu avô em tudo o que ele fazia. Interagia com os fregueses como ele. Tinha o Dito, o Tião, a Néia, os filhos do Salvador, a família dos Di Siervo, os Gianotto. Era tanta gente e eu não via a hora passar, de tanto conversar com eles. Perguntava de um tudo para cada um. Queria saber de seus pensamentos, de suas vidas, de seus gostos e desgostos.

Meu avô, com seu sorriso sereno e seus olhos azuis, que às vezes se perdiam em pensamentos distantes, ouvia, ou fazia que ouvia, as prosas do pessoal, pacientemente, enquanto atendia os pedidos, cortando linguiça, pegando o pão, fatiando mortadela, fazendo lanches, entregando arroz, feijão – todos medidos com uma medida de latão -, devolvendo o troco do dinheiro que recebia. Das mercadorias expostas, eu gostava da parte que tinha os doces de batata, de amendoim e de maria mole. Só tinham esses três tipos de doce. Mas eu só podia comer um por dia, depois do almoço, para não atrapalhar o apetite, recomendavam-me.

Minha avó era extrovertida, ria e conversava com todos, além de oferecer o que tinha de melhor, sua comida. Todos os dias tinha alguém que vinha almoçar ou jantar conosco e ela, alegremente, servia o que tinha preparado, gabando-se de saber cozinhar. Ela não resistia e sempre perguntava para ouvir que "sim": "está gostoso?", "quer mais um pouco?".

Dia sim e dia não eu acompanhava minha avó à igrejinha de Nossa Senhora das Neves, que ficava no meio da bifurcação da estrada. Eram meus avós que cuidavam dali. Ela ia para varrer e tirar o pó que se acumulava por causa da terra das estradas que passavam aos lados. Ver a porta da igreja abrir, entrar nela sem mais ninguém, subir as escadarias que levavam ao sino, era uma das aventuras mais fantásticas que existia. Morria de medo dos morcegos que ficavam no alto. Mas nunca os vi, porque nunca cheguei ao topo da escadaria. Minha avó me alertava sobre eles.

O Buru era um lugar tão especial para mim, que eu tinha a certeza de que o mundo acabava ali, que não havia nada depois daquele sítio.

Uma vez, na escola, escrevi sobre o fim do mundo e relatei que o lugar onde se via o fim do mundo era lá.

Como era bom ter o fim do mundo ao alcance do olhar e como era bom pensar que nunca o mundo acabaria enquanto o sítio e todos os seus mistérios existissem. E enquanto meus avós estivessem morando lá.

Uma vez, em uma noite de junho, teve festa junina, meus tios tocavam serestas, tinha quentão, milho verde cozido, doces, canjica, e todas aquelas comilanças desse tipo de festa, com enfeites de bandeirinhas, tudo sob as luzes da lua, estrelas e lampiões. Minha avó preparou a festa para a família e para os vizinhos. A felicidade era muito grande em mim. Perguntei para meus pais se eu podia congelar aquele momento para sempre, assim o mundo não acabaria nunca e ficaríamos para sempre lá.

Meu pai, que não era dado a poesia, me disse, sem saber, uma das mais belas. Disse que tudo muda e deve mudar, mas que eu podia acreditar que aquele momento não ia passar, porque algumas coisas permanecem intactas, e uma delas é o nosso passado, a nossa infância e a nossa confiança na natureza, pois ela é sábia e sabe o que faz, inclusive sabe porque e quando tudo deve mudar.

Os cachorros estavam presos enquanto conversávamos. Eles tinham medo dos fogos que seriam explodidos no ar. Meu pai, olhando-os presos, acrescentou que devemos amar a natureza e os bichos, e por amar devemos desconfiar de tudo o que lembra o esforço do homem em domesticá-los, porque, afinal, nenhum animal nasceu para viver entre quatro paredes, e nem nós. Portanto, não poderíamos ficar ali para sempre, a não ser em nossa lembrança.

Hoje sei que as palavras de meu pai eram verdadeiras, que devemos carregar o rio de Heráclito em nós, para que lembremos que tudo é mutável. Trocando em miúdos, devemos caminhar sem medo de mudar de vida, de casa, de emprego e, quando necessário, de opinião.

Mas as imagens da infância, as lembranças dela, e os sentimentos que provamos naquele tempo, esses sim podem ser congelados e se tornar imutáveis.

O armazém do Buru, com o meu avô Guilherme trabalhando nele; o sorriso e hospitalidade de minha avó Palmira; a igreja Nossa Senhora das Neves entre a bifurcação da estrada; a escola municipal do Buru, onde minha mãe estudou quando era pequena; o rio Buru, com sua água límpida e gelada; o pomar com goiabas, amoras, mangas, limões, laranjas; o paiol; o curral; o galinheiro; as noites cujas luzes eram espreitadas pelas frestas do telhado e com sons de piar de coruja e risadas de pequenos agricultores bêbados; aquela festa junina iluminada com lampião, que foi, sem

dúvida, a festa mais linda da minha vida, tudo isso se congelou e tornou-se imutável em meu coração, em minha lembrança.

E é este lugar, onde estão minhas raízes, e que deixou rios, sons noturnos, céu estrelado e cantos correndo nas minhas veias, que me encanta em Salto.

Conheci outras paisagens, sotaques e culturas. O mundo é tão grande. Mas é no Buru, reverenciando a simplicidade de minhas raízes, porque a vida é ventania, mas também simplicidade, que descobri que tudo o que realmente importa são nossas lembranças e os momentos que vivemos com aqueles que amamos.

Desde aquele tempo eu olhava com curiosidade e fome o desconhecido, pois é lá que costuma morar a poesia. E enxergar o que não está visível aos olhos – isso pode significar muitas coisas, mas eu diria que, entre tantas coisas a serem vistas no mistério, é necessário reconhecer que há em qualquer sombra uma esperança de flor.

---

*Marilena Matiuzzi é natural de Salto. Advogada pós-graduada em Direito Constitucional, poeta e cronista, foi vereadora e ocupou alguns cargos públicos em sua cidade natal. Somente a paixão que tem pelos três filhos, Paulo, Bruna e Lucas, excede a que tem pela literatura.*
*Atua como advogada há mais de 30 anos na cidade de Salto, onde possui escritório próprio.*
*Publicou o livro de poesias "Inquietações" em 2011. Ingressou na Academia Saltense de Letras (ASLe) em 18 de junho de 2011.*

# O quintalão: um quintal de todas as crianças

Mércia Falcini
Cadeira 03
Patrono: Paulo Freire

O tema

A infância sempre me cativou. Primeiro, pela própria vivência: nascida em cidade do interior, numa casa repleta de carinho, desfrutei de um precioso tempo recheado de imaginação, liberdade e criação. Foram muitas as vezes em que imaginei um mundo à parte e o construí com criatividade: caixinhas de fósforos transformadas em máquina fotográfica; cabos de vassoura e pedaços de pano em cabana de índio; ou folhinhas e pedrinhas misturadas em comida de gente. E depois, pela formação profissional, que me fez compreender cientificamente a sensação que já me acompanhava: criança feliz é adulto sensato, equilibrado e bem resolvido.

Por isso, ao aceitar o convite para escrever sobre a cidade de Salto, nesta coletânea que reúne os mais variados temas de sua história, "a infância das crianças no quintalão" foi o tema por mim escolhido.

Só a sonoridade da palavra *quintalão*, antes mesmo de conhecer seu significado histórico, já possibilita um exercício de sentidos prazerosos. Pense comigo: onde moram as coisas livres, espontâneas e permitidas de uma casa? Onde ficam os animais? Onde se pode chutar bolas e fazer piqueniques? Se você já sabe a resposta, imagine-a duplicada, triplicada, quadriplicada... É isso: quintalão é um quintal bem grande, de uso compartilhado.

A história

Segundo registros publicados pelo historiador Ettore Liberalesso[1], com quem tive o prazer de conviver nos primeiros anos da Academia Saltense de Letras, os quintalões na cidade de Salto surgiram por volta de 1920, com a instalação da Brasital S/A – fábrica têxtil de capital brasileiro e italiano –, que oferecia aos seus funcionários, a maioria imigrantes italianos, moradia nas casas da Vila Operária Brasital.

Pode-se dizer que a Brasital dominou parte da vida da cidade até por volta dos anos de 1950. Com forte expansão econômica, a fábrica instalou, além da vila operária, também creche, escola, açougue, cooperativa e armazém. E assim, influenciou significativamente a formação política, histórica e cultural da sociedade saltense.

A Vila Brasital, como era conhecida, compunha-se de 244 casas, distribuídas em quatro quarteirões, localizados, na época, no limite da área urbana da cidade. E no centro de cada um dos quarteirões ficavam os quintalões.

O quintal comunitário foi idealizado para beneficiar os filhos dos operários com um local arborizado, amplo e seguro. Segundo a historiadora Anicleide Zequini[2], amiga e confreira, "se a intenção original beneficiaria as crianças dos operários, o uso efetivo dos quintalões apropriado pelos moradores foi bem mais abrangente. A instalação no seu interior de bens de uso coletivo (tanque/vascas para lavagem de roupas e fornos para assar pão) fez com que mulheres e crianças e, eventualmente, homens, compartilhassem o mesmo espaço."

Mas ainda que os quintalões tenham estendido seu uso para fins domésticos, os relatos que compõem este texto (coletados livremente na minha página do Facebook[3]) mostram que as brincadeiras das crianças, de forma livre, intensa e espontânea, selaram sua intenção original, marcando, como versa o poeta Casimiro de Abreu, um tempo que não volta mais:

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!

As brincadeiras

O tempo de ser criança é curto demais se comparado ao tempo de ser adulto; e só por isso, a tese de que criança precisa ser criança já se legitima. Para ser criança é preciso brincar.

A brincadeira ocupa um lugar especial na vida da criança, porque está em um espaço intermediário entre o imaginário e o real. E é nesse espaço que a criança elabora emoções variadas e antagônicas como o amor e o ódio, coragem e medo, alegria e tristeza. Além do aprendizado emocional, a brincadeira também estimula capacidades importantes, como a atenção, a memória, a imitação, o raciocínio lógico e a comunicação. Ao brincar, as crianças exploram e refletem sobre a realidade e a cultura na qual estão inseridas, interiorizando-as e, ao mesmo tempo, questionando as regras e os papéis sociais.

Antigamente, um dito popular defendia a importância do brincar de uma forma simples e direta: "Criança que brinca, é adulto que trabalha". Recheado de sabedoria, como todo dito popular, suas palavras revelam a ciência do desenvolvimento humano, que compreende "a infância como o chão sobre o qual caminhamos o resto de nossos dias"[4].

As brincadeiras das crianças do século XX não são muito diferentes das do século XXI. Criança é criança em qualquer século. Eu nasci no século XX. Na minha infância, na década de 1970, as brincadeiras das quais eu participava eram: o jogo de taco e amarelinha, pega-pega e mãe da rua, pé de lata e jogo de queimada. Brincadeiras de empinar pipa ou papagaio, de subir em árvores e jogar peteca também fizeram parte da minha infância, que, por sorte, vivenciei em um dos quatro quintalões. Meus avós paternos, imigrantes italianos, foram funcionários da Brasital e, portanto, tornaram-se proprietários de uma das casas da vila operária.

Dessa forma, posso dizer que, ainda que bem na fase final do uso comunitário dos quintalões, eu senti na pele os prazeres proporcionados pela convivência em um quintal de todos.

Mas esses prazeres também fizeram parte da infância de milhares de crianças saltenses. Por meio dos relatos é possível observar a existência de um espaço inter/multicultural, flexível, que dava conta da heterogeneidade das crianças, possibilitando as mais diferentes expressões da infância. Veja só:

*"...meu olhar pousou num cimento (rs) que chamávamos de Quadra! Ficava dentro do Quintalão! Era um espaço limpo, cimentado... e se distinguia no terreno rústico... de terra, grama, mato, pedras, formigueiros, galinhas com seus pintinhos, enfim, um MUNDO aberto pra nós explorarmos! Que delícia! ...mas eu falei do cimento, rs, porque era ali que aconteciam as quadrilhas e danças nas festas juninas! Eu olhava tudo aquilo com deslumbramento! A ALEGRIA e participação solidária das famílias eram expressivas demais. Colorido caipira... cheiro de pipoca e quentão... hum... Tudo registrado na minha memória afetiva! Entre 1956 e 1962 brinquei muito no quintalão! Meus avós e tios paternos moravam na Vila Brasital. Uma outra emoção infantil é que, ao sair do quintal da minha "nona" para o quintalão, já se avistava uma sequência de outros portões, e era através deles que chegavam os amigos para se aventurar no espaço! Tantos portões significavam dezenas de possibilidades de CONHECER outros quintais!!! Na maioria das vezes, entravamos na casa dos amigos pelos portões dos fundos das casas, que davam para o quintalão! E cada quintal... era UM quintal! Como era gostoso observar as diferenças, os gostos e cuidados de cada família! Ver flores diferentes... muitas dálias, rosas (com perfume de groselha, rs.), Quartinho dos fundos... com ferramentas dos pais, varas de pescar... rs! Um MUNDO! Sem contar que sempre tinha um cachorro, pelo menos, fazendo companhia! MUITO BOM! Continuo lembrando... As festas de casamento eram "nas casas" da Brasital, mas se prolongavam além do portãozinho, no quintalão! Tenho imagens das moças, tias, primas, que passavam com bandejas de canudos, picles... hum!!!! feitos em família... e lá no quintalão os homens cantavam e riam tomando chope... "Bateria, vira, vira, vira... VIROU!!! Bateria, vira, vira, vira... VIROU."* (Roseli Della Paschoa Vendramini – 65 anos)

*"Nós, meninos, gostávamos de chutar bola naquele quintalão. Depois da escola, a pelada (com os pés descalços) acontecia todo dia. O difícil era manter a bola cheia. Havia sempre uma vizinha que furava nossa bola... As mulheres não gostavam de a gente jogar bola e xingavam aos berros – bem italianas desbocadas -, porque quase sempre a bola batia nas roupas limpas estendidas nos varais comunitários. Lembro bem das roupas brancas marcadas pela bola suja de terra. Nossa, isso era triste! Mas nossas brincadeiras não eram muito diferentes das de hoje. Bicicleta, taco e pega-pega. O que era mesmo diferente era a liberdade... Ah, isso era bom de verdade, naquele espaço de todo mundo"* (Valter Falcini, 65 anos)

*"O quintalão, na verdade, era um quadrado enorme e que nos extasiava quando o adentrávamos. Era uma forma de encontrar com os amigos para fazer roda de pião, jogar "fubeca" (bolinha de gude), futebol, enfim era o local nosso de lazer. Tenho muita saudade."* (Paulo Miranda Campos Filho, 60 anos)

*"Meu tio, irmão de minha mãe, tinha nos fundos de sua casa um dos quintalões, no qual havia um campo rústico de futebol. Ali, as crianças iam chegando... Nós montávamos times e os jogos aconteciam. Bons tempos aqueles."* (Celso Marini, 49 anos)

*"O que me encantava no quintalão era a liberdade de brincar e as matronas lavando suas roupas naquelas vascas (tanques. Depois, o ritual de estender essas roupas... Era tudo mágico para uma menina de 8 anos."* (Rosana Costa Pinto, 58 anos)

*"O quintalão era nosso local de encontro. Em cada canto era uma realização... um sonho, pois tinha todo tipo de brincadeira: futebol, esconde-esconde, casinha e muitas outras. Sem dizer das mães que ficavam olhando seus filhos brincar. Até lanchinho tinha de vez em quando... Época boa! E o melhor, as casas tinham saída pelos fundos, com acesso direto para o quintalão! Outro detalhe importante era que sempre tinha uma rivalidade entre os quintalões, mas era pouca... kkkk. O meu quintalão era o melhor parque, colônia de férias, que tive na infância: era terra e alguns espaços cimentados... Era garagem para alguns veículos e horta para alguns. Tinha boldo, erva-cidreira, erva-doce, camomila e muito mais... Era um espaço rico em cultura!"* (Márcia Fernanda Rodrigues, 48 anos)

*"Eu achava o máximo atravessar aquele portãozinho que ligava o quintal da casa da vovó ao quintalão. Imaginava ser ali um lugar encantado e secreto, que poucos privilegiados tinham permissão para adentrar, rs! Só essa passagem já mexia com meu imaginário e a minha criatividade."* (Anna Osta, 51 anos)

É fato que o mundo mudou muito e a falta dos espaços para brincadeiras, dos quais os mais velhos se recordam em suas memórias de infância, cria uma série de juízos de valor para a brincadeira infantil – como se

ela estivesse ameaçada de desaparecer. Mas não é verdade. As crianças continuam a brincar num mundo mudado, embora sem quintalão e, infelizmente, sem sequer um quintalzinho.

---

1 "Ettore – Autobiografia mesclada à História", LIBERALESSO, E. – Salto: Mirarte, 2012.
2 "O quintal da fábrica – a industrialização pioneira do interior paulista – Salto SP, séculos XIX e XX", ZEQUINI, A. – São Paulo: Annablume – Fapesp, 2004.
3 Facebook é uma rede social lançada em 2004 por Mark Zuckerberg, Eduardo Saverin, Andrew McCollum, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, todos estudantes da Universidade Harvard. Este termo é composto por face (que significa cara em português) e book (que significa livro), o que indica que a tradução literal de facebook pode ser "livro de caras".
4 Citação de Lya Luft, colunista mensal da revista Veja e professora aposentada da UFRGS

---

*Mércia Falcini, membro-fundador da Asle – Academia Saltense de Letras, é Pedagoga e Psicopedagoga, Especialista em Sistema de Gestão e pós-graduada em Teoria e Métodos de Pesquisa em Educação Física, Esporte e Lazer pela Unicamp e em Formação de Formadores.*
*Com mais de 30 anos de experiência em Educação, atualmente é Diretora Pedagógica da Consultoria e Assessoria Saberes. Cronista, tem crônicas publicadas em diversos jornais da cidade de Salto e região, no site Itu.com e é autora do livro "Conversas Entrelinhas", que reúne uma coletânea de crônicas focadas no desenvolvimento humano e educacional.*

# 30 anos adoçando Salto

Odair Schiavone
Cadeira 09
Patrono: José de Alencar

Meados de novembro de 1970, Salto amanhecia um pouquinho diferente. Mais doce. Acontecia naquela manhã quente a inauguração de uma nova sorveteria na cidade. A Rua era a Marechal Deodoro e, na altura do número 809, abria-se a porta, pela primeira vez, da saudosa sorveteria "Cachoeira".

A responsável por essa proeza era uma senhora muito bondosa, que começou ali seu grande sonho de ser comerciante e de fazer o bem ao próximo por meio de um trabalho que criava com suas próprias mãos.

Todas as manhãs, de forma ininterrupta, levantava-se às 5 horas para começar a fazer os sorvetes, que, logo mais, adoçariam as bocas de muitos saltenses. Eram sorvetes de massa e de palito, o conhecido picolé.

Aos poucos, a notícia da qualidade dos sorvetes da "Cachoeira" foi correndo pela cidade, sem que sua dona tivesse feito qualquer tipo de propaganda. Acreditava na qualidade de seu trabalho e de suas receitas, tendo a certeza de que seus sorvetes falariam por si. E isso foi acontecendo, de tal modo que toda a cidade, que na época era bem pequena, ficou sabendo das delícias fabricadas pela nova sorveteria.

Na época, havia o hábito de crianças de 10 anos para cima pegarem sorvetes de palito, dentro de uma caixa de isopor, e saírem com ela pendurada no ombro, vendendo pelas ruas da cidade, dividindo o valor da venda em meio a meio com a dona. Em pouco tempo a sorveteria "Ca-

choeira" contava com mais de 70 crianças, que compareciam todos os dias para vender os sorvetes pela rua.

Alguns senhores também vendiam sorvetes, mas em carrinhos apropriados, os quais eles empurravam levando a doçura para lugares bem distantes, em vários pontos da cidade.

Essa bondosa senhora era conhecida por Dona Ana, a dona da sorveteria "Cachoeira". Dona Ana nunca media esforços para atender seus fregueses e para manter a qualidade dos produtos e sempre criava novos sabores. Tudo era feito artesanalmente, dentro de casa, sem recursos tecnológicos. O amor ao trabalho e ao próximo era o objetivo que motivava aquela senhora.

Dona Ana sempre procurou saber das dificuldades de seus ajudantes vendedores, fossem eles crianças ou adultos. Chegou a ajudar na aposentadoria de vários homens já com idade avançada. Sempre aconselhava as crianças para o caminho do bem.

No início das atividades da sorveteria não existia ainda a Avenida dos Trabalhadores, que foi aberta alguns anos depois, trazendo para seu comércio um número maior de fregueses. Nas noites quentes do verão, muitas famílias, de diversos pontos da cidade, iam até o comércio para saborear os sorvetes de Dona Ana.

Com o tempo, a Rua Marechal Deodoro tornou-se caminho de volta para as famílias que vinham de Campinas e de Indaiatuba, etc, para passear em Itu ou mesmo em Salto, fazendo parada frequente em frente à sorveteria, aos domingos à tarde, para tomar um sorvete antes de voltarem para suas cidades de origem.

O trabalho incansável de Dona Ana proporcionou-lhe grandes amizades com pessoas de todas as classes sociais. Certa vez, um casal muito simpático começou a frequentar assiduamente seu estabelecimento, sempre conversando e consumindo sorvetes de vários sabores. Eram o Romeu e a Rute, que aparentavam ser empresários e tinham uma vida financeira muito bem construída. Romeu sempre observava o neto de Dona Ana, chamado Evandro, fazendo desenhos em folhas de papel de embrulho. Observando que o menino tinha talento, deu a ele, de presente, um livro grande e todo cheio de gravuras coloridas sobre a vida e as obras do grande artista plástico Salvador Dalí. Influenciado por aquele livro,

Evandro tornou-se um grande artista plástico, que hoje pinta quadros no estilo surrealista.

Os tempo foi passando e, a cada ano, a sorveteria "Cachoeira" apresentava um movimento maior. Chegou, então, a hora de adquirir uma máquina melhor para atender a grande demanda. Dona Ana usou suas economias e comprou uma grande máquina sorveteira, com capacidade para dobrar a fabricação de sorvetes.

E assim 30 anos se passaram com uma velocidade tão grande que Dona Ana quase não percebeu que havia ficado idosa. Todo esse tempo trabalhando no meio da friagem, causou-lhe um reumatismo muito forte e doloroso, que obrigou a bondosa senhora a se afastar do seu querido trabalho.

Dona Ana Santa Rosa Schiavone era minha mãe. Foi muito triste ver sua vida após a venda da sorveteria. Seu trabalho, aos poucos, foi sendo esquecido. Nunca apareceu em nenhum jornal ou televisão. Nunca recebeu nenhum prêmio ou medalha pelos serviços prestados à cidade de Salto.

Hoje, no local da sorveteria, está o ateliê de pintura do meu filho Evandro Schiavone. Aprendi com ela o que é ser humilde, o que é o valor do produto que sai de nossas mãos. Sou escritor de romances e procuro passar aos meus leitores as histórias de amor que aprendi com minha mãe.

Dona Ana faleceu em dezembro de 2006. Salto já não se lembra mais de sua sorveteria, dos seus sorvetes... Por isso, nesta coletânea "Salto, por que me encanta?" presto-lhe esta homenagem.

É um texto simples e verdadeiro, assim como foi Dona Ana. Ela nunca compactuou com a mentira, com o ódio, com a inveja... Com a mesma dedicação com que fazia seus sorvetes, fazia o bem às pessoas que a procuravam.

Hoje reverencio sua memória. Isso não é um romance de ficção, é verdade. Agora não existem mais a sorveteria nem sua dona Ana, mas existem por aí muitas pessoas que foram ajudadas por essa humilde mulher. Quem sabe algumas delas, por meio deste texto, possam se lembrar do quanto Dona Ana foi importante em suas vidas.

Salto me encanta por milhares de coisas lindas e grandiosas. E também me encanta por eu ter nascido aqui e ter tido como mãe a Dona Ana. Que maravilhoso foi ter vivido tanto tempo com essa doçura de mulher!

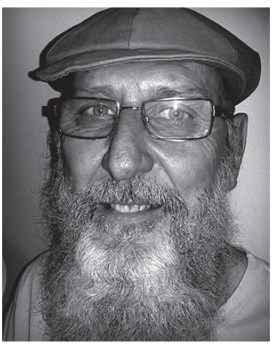
A fazedora de sorvetes adoçou essa cidade por 30 anos seguidos. O doce do sorvete se misturava com o doce do amor que ela dedicou ao seu trabalho durante todo esse tempo.

Você, que está lendo agora, poderá dizer que é óbvio um filho falar bem de sua mãe em qualquer situação. Não se trata apenas de falar e sim de registrar o que milhares de pessoas viram acontecer.

Há noites em que, ao me deitar, meus pensamentos viajam para o passado e parece que posso ouvir o barulho do velho motor da máquina de fazer sorvetes. Ouço aquela gritaria da molecada que chegava para carregar as caixas de sorvetes. Vejo minha mãe cuidando de cada um como se fosse seu filho.

A vida é assim: uns fazem pouco e recebem muito, outros fazem muito e recebem pouco.

---



*Odair Schiavone nasceu em Salto em 5 de abril de 1956. Foi casado com Maria Gilda, com quem teve dois filhos: Evandro e Ellen. Ex-funcionário público municipal, é atualmente escritor e romancista. É deficiente amputado da perna esquerda. Fundou em 1987 a Associação dos Deficientes Físicos de Salto (Adefis). Colaborou para a criação de mais duas entidades, uma dedicada a deficientes visuais, Adevisa, e outra para deficientes auditivos, a Aspas.*

*Sobre questões relativas às pessoas com deficiências, escreveu: "De volta à vida" e "Caminhar Juntos & Deus Nu" e lançou um CD com músicas direcionadas ao tema.*

*É autor ainda das seguintes obras: "As flores não geram crianças" (2004), "O Código 45" (2006), "Um perdão quase impossível" (2008), "A profecia de Antrópikus" (2010), "O amor que veio das águas" (2012), "A guardiã" (2014) e "O testamento" (2016).*

# A família Lamana de surdos

Rogério Carlos Lamana
Cadeira 24
Patrono: Carlos Drummond de Andrade

Em um dia do mês de março de 1967 meus pais pensaram seriamente em ter mais um filho. Nove meses depois eu cheguei a nossa pequena cidade de Salto. Prazer, meu nome é Rogério Carlos Lamana, surdo oralizado, alfabetizado e com conhecimentos da Libras.

Em minha família, entre avós, pais, tios, primos, sobrinhos e netos, somos 25 pessoas com perdas auditivas, desde a surdez profunda a até a mais leve.

Minha irmã Elizabeth nasceu com a audição normal, mas foi perdendo com o tempo. Meu irmão Marcos já nasceu surdo e não teve tempo de aprender a falar. Ele teve morte precoce em acidente de trânsito. Eu, surdo, aprendi a falar, mas tudo errado. Dizia palavras como craúdia, bicicreta e exempro. Escrevia sem acento e pronunciava sem a fonética correta.

Comecei minha vida escolar aos 6 anos na Escola Estadual Professor Cláudio Ribeiro da Silva. Naquela época não existia a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Havia apenas uma linguagem gestual, tipo mímica. Como eu não ouvia nada e via meus que meus colegas falavam, procurava imitá-los e achava que eu falava também! Eu era o pior aluno, o mais triste. Mesmo assim, muito sapeca. Aprontava muito, pois não queria ficar para trás. Lembro-me muito bem de que minha mãe, uma vez, ouviu de uma certa professora que o melhor caminho seria me colocar na Asso-

ciação dos Pais e Amigos do Excepcionais (Apae). Minha mãe relutou e cobrou ativamente a minha permanência na escola regular.

Naquela época todos surdos iam para a Apae por não saberem falar, ler e escrever. E mais: não pensavam, nem podiam se casar. Mas minha mãe, minha heroína, não permitiu. Agradeço tanto por sua luta incansável pelo melhor para mim e meu irmão. Tive boas professoras, assim como ruins, mas uma delas jamais esquecerei: Terezinha de Jesus Marcon, hoje aposentada e lúcida, já perto de seus 90 anos. Ela foi, talvez, a primeira professora a ensinar em Salto a leitura labial, hoje denominada de oralismo.

O segredo dessa maravilhosa professora é que ela pintava os lábios de batom vermelho e isto prendia a minha atenção. Foi assim, olhando fixamente para os lábios de dona Terezinha, que aprendi o oralismo.

Eu tinha entre 7 e 9 anos quando meu tio João Lamana, surdo e mudo (hoje não podemos falar surdo-mudo, e sim surdo), introduziu na minha vida a linguagem dos surdos, tipo mímica. Ele, meu primo surdo, Luiz Pavani, e seus amigos Claudemir, conhecido como mudinho da barra; Darci Côrrea, de Porto Feliz; Tomazela (in memoriam), de Tietê, entre outros, iam a São Paulo, na Associação dos Surdos e Mudos de São Paulo, para aprender a linguagem e me ensinavam. Eu, claro, adorava ser o único falante a compreender também a linguagem dos surdos e mudos.

Muitos devem ter conhecido, em Salto, meu tio João Lamana e meu primo Luiz Pavani. Eles são surdos sem estudos, vindos da lavoura em Itu. Posteriormente ingressaram na Prefeitura de Salto para trabalhar como calceteiros, onde estão até hoje, mesmo depois de aposentados. Mesmo sem conhecer a escrita, são experts em calçamento com pedras de granito. O Parque das Lavras, o entorno e as escadarias do Monumento à Padroeira e, principalmente, as ruas e avenidas da cidade foram pavimentados pelas mãos deles.

O então prefeito Jesuíno Ruy, que os elogiava publicamente e mandava chamar o mudo João Lamana para resolver problemas, e o então secretário de Obras, Alcides Vitorino de Almeida, costumavam brincar com eles sempre que uma nova obra iria começar. Perguntavam se naquele local – uma rua de macaco, como era chamado o paralelepípedo – onde os dois estavam trabalhando se seria um pesqueiro, dada a quantidade de água que acumularia. Diziam isso para desafiá-los, pois sabiam que eles não tinham conhecimentos técnicos, usavam apenas a linha para nivelar as ruas.

Passei minha infância na Vila Ideal, sem nunca poder ter amigos surdos, apenas familiares próximos. Eu achava que era o único surdo. Fui crescendo sem saber ler, escrever e falar corretamente e fui motivo de gozação na escola. Minha mãe sempre me levava à escola segurando pelo meu braço e meu pai ia me buscar. Eu tinha vergonha disso, porém, hoje reconheço o valor da superproteção que me deram. A então diretora da escola, Maria Damien Pacheco, se recorda com carinho do jeito durão de minha mãe, de querer o melhor para seus filhos surdos.

Eu, porém, não sabia que era surdo. Um dia, quando tinha uns 10 anos, fui levado à Unicamp, em Campinas, para um teste em um aparelho enorme, cheio de setas e luzes, porque naquele tempo não existia Fonoaudiologia em Salto, muito menos testes de precisão com audiômetro. Na época, conseguia ouvir os sons, mas não os distinguia. A profissional da Unicamp também recomendou que me colocassem na Apae, mas minha sempre poderosa mãe se recusou. Fui muito fraco na escola, tanto que fui reprovado na terceira e na quinta séries. Depois que fiz 14 anos desisti de estudar, pois queria trabalhar.

Ingressei primeiramente na Confecção Continental, depois na Sun House e, aos 19 anos, fui para a Eucatex Madeira, por intermédio de Otávio Formigoni. Comecei como auxiliar de afiação de ferramentas e saí, por vontade própria, como profissional mecânico A.

Nesse tempo, quando tinha 18 anos, conheci Suzana, que tinha 16. Foi amor à primeira vista. Nos conhecemos num Baile dos Namorados, no Clube dos Trabalhadores, e estamos até hoje juntos e felizes. Falei a ela que nosso filho poderia nascer surdo, pois a surdez é hereditária, mas ela não se importou. Nosso filho realmente nasceu com perda auditiva progressiva.

Um dia, em 1999, falei para meu pai que estava cansado de ser surdo e ninguém ligar para mim. As escolas técnicas não me aceitavam, faculdades nem existiam na região, e eu queria ser profissional. Meu pai me levou ao Serviço Social da Prefeitura. Quem trabalhava lá era Odair Schiavone, hoje um grande amigo, a quem respeito muito. Ele desenvolvia na ocasião o projeto "Caminhar Juntos" e me convidou para uma reunião de pessoas interessadas na inclusão dos surdos em Salto.

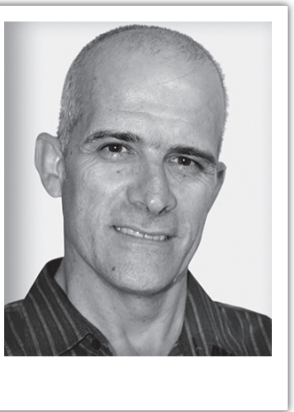
No começo confesso que não aceitei, mas no dia marcado fomos eu e minha esposa. E depois em várias outras reuniões. Numa delas vi uma

senhora, mãe de um surdo, passando mal. Avisei Odair, mas ele questionou: "Como você sabe? Ela apenas está dormindo...". Na realidade ela estava quase enfartando. Levei-a ao pronto socorro e deixei minha esposa na reunião. Quando voltei, umas três horas depois, a reunião já havia acabado. Minha esposa me contou, toda orgulhosa, que, por minha atenção e capacidade de observar o próximo, fui escolhido para ser vice-presidente da nascente Associação Saltense dos Pais e Amigos dos Surdos (Aspas). Depois, no dia da eleição, me escolheram para ser o primeiro presidente.

Num primeiro momento trabalhamos para que a Aspas fosse reconhecida, para depois começar a lutar pela inclusão no mercado de trabalho e, em seguida, pela implantação da Libras, que se deu em 2002. Hoje tenho orgulho dos amigos e das pessoas surdas que passaram pela Aspas. Muitos chegaram crianças e hoje são casados, têm filhos e estão bem encaminhados na vida.

Isto não tem preço!

---



*Rogério Carlos Lamana nasceu em 23/12/1967. É filho de Geraldo Lamana e Tereza Vidal Lamana. Casado com Suzana dos Santos Lamana, tem dois filhos: Bruno e Michel.*
*É surdo de nascença e aprendeu a falar e fazer leitura labial sem apoio profissional. Concluiu o Ensino Médio. É instrutor de Libras, com certificado pelo Ministério da Educação. Atualmente, ministra aulas de Libras e dá assistência a empresas. É um dos sócios fundadores da Associação Saltense de Pais e Amigos dos Surdos (Aspas), da qual é também coordenador geral.*
*Lamana é autor das seguintes obras: "Língua Brasileira de Sinais: Libras – Módulo I", "Língua Brasileira de Sinais: Libras – Módulo II", "Língua Brasileira de Sinais: Libras – Módulo III", "Língua Brasileira de Sinais: Libras – Módulo IV" e "Somente apaixonado" – poemas.*

# Infância verde-amarela

Rose Ferrari
Cadeira 38
Patrono: Mário Quintana

– Corram, corram! Venham ver!

O barulho ensurdecedor das esteiras metálicas no calçamento de pedra se misturava à algazarra das crianças que se esparramavam pela calçada da Rua Nove de Julho.

– Eles vão para a guerra – dizia um dos meninos.

Outro, de olhos arregalados, apontava com o dedo:

– Olha que legal! Sai foguinho da roda!

Depois que passava o comboio, com vários tanques de guerra e caminhões do Exército, cheios de homens armados, desciam a pé centenas de soldados em filas, gritando frases estranhas, que, nós, pequenos, não entendíamos.

Os adultos também saíam à rua para ver e alguns até acenavam alegremente para os militares. Papai, na área de nossa casa, parecia não gostar do desfile. Fazia cara feia e, um dia, disse baixinho:

– Que absurdo! Onde já se viu esses mal-encarados apontarem armas para o povo?

Mais tarde perguntei a ele se aqueles homens estavam treinando para a guerra. Disse que não, pois não havia guerra alguma. Só queriam aparecer.

Era 1970, o mesmo ano em que comecei a frequentar a escola, o Externato Sagrada Família. Nós a chamávamos de "colégio", e não de "co-

leginho", como depois ficou conhecida. Era colégio, porque era grande, bonita, limpa e bem organizada. Era uma escola rigorosa, administrada pelas freiras do Instituto das Filhas de São José, que, para nós, eram simplesmente as "madres".

Em meus primeiros anos escolares, além de aprender a ler e a escrever, fiz muito duas coisas: rezar e cantar. A primeira prática deveu-se a uma razão óbvia: aquela era uma escola católica, mas a segunda teve outras motivações...

Lembro-me, como se fosse hoje, do chão do pátio da escola, que brilhava mais que o piso da sala da minha casa, lotado de crianças uniformizadas. Éramos centenas, organizados em filas, dos menores para os maiores e guardando a distância de um braço. O burburinho cessava à primeira palavra da Madre Adele:

– Prontinho!

Invariavelmente, depois disso ela iniciava o sinal da cruz, que deveria ser acompanhado por todos, e puxava o Pai-Nosso. Encerrada a oração, nos dava recados importantes, como a festa de coroação de Nossa Senhora, no mês de maio; dias e horários dos ensaios da fanfarra; ou que turma seria responsável naquela semana pela Homenagem à Bandeira.

No colégio daquele tempo, assim como em todas as escolas do País, o estímulo ao patriotismo era diretriz governamental que ninguém ousava desobedecer. Por trabalho exaustivo de nossas professoras, sabíamos cantar o Hino Nacional Brasileiro com perfeição, apesar de quase nada entendermos da difícil poesia de Joaquim Osório Duque Estrada. Cantávamos também de cor o Hino à Bandeira, o Hino da Independência e até a Canção do Exército!

Quem estudou nos anos 70 e não se lembra? "*Nós somos da Pátria a guarda / Fiéis soldados / Por ela amados. / Nas cores de nossa farda / Rebrilha a glória / Fulge a vitória*". Sim, éramos tratados como pequenos soldados da Pátria, "o futuro do Brasil".

Foram tantas cantorias que hoje, passados mais de 40 anos, ainda tenho vivos na memória versos ufanistas como aqueles de uma música da dupla Dom e Ravel, que fez enorme sucesso quando foi gravada pela banda Os Incríveis.

"*Eu te amo, meu Brasil, eu te amo/ Meu coração é verde, amarelo, bran-*

*co, azul-anil/ Eu te amo, meu Brasil, eu te amo/ Ninguém segura a juventude do Brasil"*, entoavam milhares de crianças, diante da bandeira nacional.

A composição não fazia apologia política, mas caiu como uma luva para os interesses dos militares, que, desde 1964, governavam o Brasil sob regime ditatorial e difundiam a ideia de um "Brasil grandioso" por meio de diversas campanhas publicitárias, entre elas as dos slogans "Pra frente, Brasil", explorando o sucesso da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo de 1970, e a do "Brasil – ame-o ou deixe-o".

Quando vi pela primeira vez, colado no vidro de um carro, um adesivo com esses dizeres, mesmo em minha inocência infantil, fiquei muito intrigada. Amar o Brasil era para mim como amar meu pai ou minha mãe. Nunca deixaria de amá-lo. Como poderia existir alguém que não amasse o Brasil? E o que significava aquele final: "deixe-o"?

É claro que despejei essas perguntas diante do papai na primeira oportunidade. Ele explicou que o "deixe-o" significava sair do Brasil, ir morar em outro lugar.

– Que lugar?

– Em outro país, como o Chile, a Inglaterra, a França...

Minhas preocupações aumentaram ainda mais.

– Mas quem escreveu aquilo naquele carro, papai?

– Não foi uma pessoa que escreveu. Aquela é uma frase que o Governo mandou imprimir nos adesivos e distribuiu. Quem quer, cola no carro.

– Você vai colar um no seu carro?

– Não.

– Quem é o Governo?

– É um grupo de pessoas que, hoje em dia, manda no Brasil.

– E como eles sabem que alguém não ama mais o Brasil? Tenho medo que eles pensem que eu não amo mais o Brasil e me mandem embora...

– Não, filhinha, não tenha medo. Aquela frase não é pra você nem pra nenhuma criança.

– E para você, que é grande? Aquela frase é pra você???

– Não. Tire essa preocupação da sua cabecinha. É para os que não concordam com esse governo.

– Você concorda, né, papai?

– Não, mas a frase não é para mim, é para os comunistas, que querem tirar esse governo daí.

Por um tempo aquelas respostas foram suficientes para me sossegar. Voltei às brincadeiras de bola e botão e a colar cromos no meu álbum de figurinhas da Copa, muito empolgada porque saiu o Rivellino, o craque bigodudo que vestia a camisa 11 da seleção.

Não demorou muito, voltei à carga. A pequena cidade de Salto tinha, naquele ano, 22 mil habitantes. Será que tinha algum comunista entre eles?

– Ouvi falar que tem alguns[1] – disse o papai.

– Você conhece eles?

Ele conhecia um: Olavo Tindal Laghi. Em 1964, quando já era casado e pai de duas garotinhas, ele teve sua casa invadida e vasculhada pelo Exército, e depois foi levado para o quartel de Itu[2], onde ficou preso por vários dias no chamado xadrez. Depois foi transferido para o Dops (Departamento de Ordem Política e Social), em São Paulo, onde foi inquerido e torturado durante quase um mês, acusado de fazer propaganda subversiva e tentar reorganizar o Partido Comunista Brasileiro.

Meu Deus! Nosso dentista era comunista! Meu pai disse que, depois de libertado[3], ele largou mão da simpatia pelo comunismo e seguiu sua vida normal. Aquela informação, no entanto, nunca mais saiu da minha cabeça. Sempre que passava em frente à bela casa que o dentista tinha na Rua Dr. Barros Júnior, com a fachada toda em azulejos decorados, pensava:

– Como um homem tão rico e distinto pode ter sido comunista?

Tim Laghi foi realmente um "cidadão prestante", como está escrito na placa de rua com seu nome, no atual bairro Residencial Fabbri. Apreciador da beleza, colecionava orquídeas e foi um dos fundadores da Associação Saltense de Orquidófilos; tinha muitos amigos e pertenceu a diversas agremiações, como a Associação Atlética Saltense e o Lions Clube de Salto.

O fascínio de Tim Laghi pelo comunismo e as acaloradas conversas sobre o tema no famoso bar do Itagiba Martins – dizem seus contemporâneos – foi motivado pela utopia de um mundo melhor[4], que moveu milhares de jovens na busca de uma alternativa ao chamado "capitalismo selvagem".

Anos depois, chegou a hora de estar novamente frente a frente com o comunista: eu precisava ir ao dentista. Apesar do sofrimento que me proporcionava com aquele maldito motorzinho, eu gostava muito dele. Era alegre e conversador, puxava sempre um assunto para acalmar a criançada medrosa. Queria tanto perguntar a ele se tinha mesmo sido comunista... Mas a timidez não permitiu. Seria muita ousadia! Fiquei quietinha, esperando para ver se ele me contava...

Depois de paramentado e, segundos antes de iniciar o tratamento, veio a pérola:

– E você, menina? Tá assistindo a novela "Carinhoso"? Tá bonita, hein!

Entendi: tudo aquilo já era passado e o dentista nada mais tinha a dizer sobre o assunto.

**Referências:**

Depoimentos de Antônio Oirmes Ferrari, João Batista Ferrari, José Roberto de Castro, Márcia Laghi Marangone e Valter Lenzi.

Lei nº 2.383/2002, da Câmara Municipal de Salto, que deu nome às ruas do Residencial Fabbri.

MUSEU DA CIDADE DE SALTO. Banco de História Oral de Salto – Depoimento de Benedito de Quadros, tomado em 12 de março de 1990.

TAPERÁ. "Tim Laghi absolvido pela Justiça Militar". Edição de 27 de agosto de 1966. Salto: Editora Taperá Ltda, 1966.

1 Os sindicalistas e políticos Agostinho Rodrigues e Benedito de Quadros foram presos em 1964 sob a acusação de propaganda comunista. Muitas outras pessoas foram investigadas, entre elas Genézio Migliori, Adelino Matiuzzi, Antonio Ruy, Corinto Antonio da Silva, Roque Leonel Arpis e Miguel Orlandini, todos integrantes da Frente Operária, um movimento político da época, formado por trabalhadores.

2 A unidade do Exército Brasileiro localizada em Itu/SP, em 1966, ganhou a denominação de 2º Regimento de Obuses 105. Atualmente sua denominação é 2º Grupo de Artilharia de Campanha Leve – Regimento Deodoro.

3 Olavo Tindal Laghi foi julgado pela Justiça Militar, com base na Lei de Segurança Nacional. Tendo o criminalista saltense Mário Dotta como seu advogado, foi absolvido por insuficiência de provas em 17 de agosto de 1966.

4 Olavo Tindal Laghi não deixou de se preocupar com a miséria. Em 1971, ao lado de seu pai – Marcos – fez atendimentos odontológicos gratuitos ao povo pobre do Vale do Ribeira, onde tinha um sítio. Não demorou muito, receberam um aviso dos militares: suspendam imediatamente essas práticas "comunistas".

*Rose Ferrari é jornalista, graduada pela Universidade Metodista de Piracicaba e pós-graduada em Português: Língua e Literatura pela Universidade Metodista de São Paulo. Em 28 anos de carreira, atuou nas áreas de Assessoria de Imprensa, Reportagem, Chefia de Reportagem e Edição de Jornais e Revistas. Há dez anos dedica-se também à edição de livros, sendo a atual proprietária da Editora Mirarte, com sede em Salto/SP.*

*Prestou serviços para Prefeitura de Salto, Cervejaria Schincariol (atual Brasil Kirin), jornais Cruzeiro do Sul (Sorocaba), Bom Dia (Sorocaba) e Periscópio (Itu), entre outros. É a atual editora da revista Campo&Cidade (Itu).*

*Foi titular da cadeira de Literatura no Conselho Municipal de Políticas Culturais de Salto no biênio 2014/2015.*

# Lembranças de um menino da década de 50

Valter Lenzi
Cadeira 06
Patrono: Mário Dotta

Fui um menino na década de 50. Ao contrário dos dias de hoje, na época as opções de lazer e divertimento eram poucas. O cinema era a principal, pois a televisão ainda dava seus primeiros passos no país. Como as imagens eram ruins, o rádio continuava sendo o principal meio de comunicação eletrônico, por isso a grande maioria das famílias tinha em suas casas aqueles aparelhos grandes e feitos de madeira, pois os portáteis ainda não existiam. Havia várias alternativas para o lazer e o divertimento, que permanecem bem guardadas em minha memória:

**Cinema –** Lembro-me da primeira vez que fui assistir a uma sessão cinematográfica. Foi numa matinê, num domingo à tarde, no Cine Rui Barbosa, que no início da década de 60, passou a chamar-se Cine São José. Nesse dia, levei um susto quando um trem vinha em direção à plateia, mas, aos poucos, fui me acostumando e acabei sendo um viciado em cinema, gastando todo o dinheiro que recebia dos meus pais na compra dos ingressos. E, quando não tinha dinheiro, usava de alguns artifícios, assim como outros meninos. Alguns deles: entrar resolutamente no salão, fazendo de conta que havia saído pra comprar doce. Verificar então qual a cor do ingresso e ir até o bar em frente ao cinema para adquirir bala com papel da mesma cor, que o porteiro aceitava como ingresso, sem prestar

muita atenção. Quase me dei mal uma vez no Cineminha da Igreja, quando o porteiro desconfiou, foi atrás de mim com uma lanterna, para me pôr pra fora, o que felizmente não conseguiu.

Ir ao cinema nas matinês de domingo, quando eram exibidos os seriados "Os Perigos de Nyoka", "Flash Gordon" e outros e nos sábados ou domingos, era programa obrigatório. Na década de 50 havia 4 cinemas na cidade: Rui Barbosa, Verdi, Najá e o Cineminha da Igreja. Estes dois últimos só funcionavam nos finais de semana, no Rui Barbosa e Verdi as sessões eram diárias, mas lotação completa só no sábado e domingo, quando havia duas sessões, às 19h15 e 21h15. Por ocasião da apresentação das superproduções, como "Os Dez Mandamentos", "Ben-Hur", "Spartacus" e outras, as filas eram enormes.

**Rádio –** Antes da chegada da TV e praticamente até o final da década de 50, o rádio era o meio de comunicação preferido. A maioria da população sintonizava pelas ondas curtas (que tinha qualidade de som superior) as rádios Nacional, Tamoio e Tupi, principalmente, as três do Rio. É que as emissoras de São Paulo, sintonizadas pelas ondas longas, tinham muito chiado e a programação não era tão interessante como a das rádios cariocas. Até mesmo as crianças ouviam as radionovelas, algumas das quais marcaram época, como "O Direito de Nascer", que se prolongou por vários meses, emocionando as pessoas, tanto que algumas chegavam às lágrimas. Os programas de auditório também eram bastante prestigiados, como o "César de Alencar", apresentado aos sábados à tarde (o de maior audiência na cidade), assim como os de outros apresentadores, como Manoel Barcelos e Paulo Gracindo, estes durante a semana, todos eles na Rádio Nacional. Ouvia-se também alguns programas de humor, dentre eles o "Balança, mas não cai", da Rádio Nacional, que tinha o "primo pobre" (Brandão Filho) e o "primo rico" (Paulo Gracindo); PRK-30, com Lauro Borges e Castro Barbosa, inicialmente na Rádio Mairink Veiga, e outros. Aos domingos, pontualmente ao meio-dia, praticamente todos os rádios da cidade estavam sintonizados no programa "Quando os ponteiros se encontram", em que Francisco Alves, o "Rei da Voz", interpretava suas canções de sucesso.

**Televisão –** Nos primeiros anos da década de 50 havia poucos aparelhos de televisão na cidade. Podia-se contar nos dedos: nas casas de

Luiz Milanez e de Walter Carra, na sede da A.A. Avenida e nos bares do Cocato e XV, ambos na 9 de Julho. Eu brincava, com outros meninos, nas proximidades da casa do Luiz Milanez, na esquina da Avenida D. Pedro II com a Rua 23 de Maio e, quase todas as noites, por volta das 19h30 ou 20 horas, ficávamos por perto para aguardar o costumeiro convite do proprietário para entrarmos e assistirmos aos programas de TV. Com os pés sujos ou empoeirados (as vias públicas ainda não eram pavimentadas), nos acomodávamos no piso da sala e assistíamos a um desfile de chuviscos em preto e branco, interrompidos por saídas constantes do ar, mas os poucos momentos do "Cirquinho Bom Bril", "Teatro Tupi" e de outras atrações ao vivo, para nós eram suficientes. Além de nós, garotos, outras pessoas faziam o papel de "televizinhos", com visitas providenciais em casas onde existia um aparelho de TV funcionando.

**Bandas –** Aos domingos à noite, o "footing" acontecia na praça principal e, além do som do alto-falante, ouvia-se um outro, da Banda Gomes-Verdi, que se apresentava num local cercado por mureta, na área hoje ocupada pelo Jardim Tropical. Lembro-me que meu pai ia sempre assistir a essas apresentações e eu o acompanhava, ficando marcada em minha memória a figura do maestro João Baptista Dalla Vecchia, que depois foi meu professor na Escola Anita Garibaldi. Essa banda também se apresentava em ocasiões especiais, como nos dias 1º de janeiro e 1º de maio, além das procissões, desfiles, etc.

**Teatro –** Existiam em Salto, na década de 50, pelo menos dois grupos famosos: o Artístico Saltense e Teatro de Bolso, além de outros que se apresentavam principalmente no Teatro Verdi, onde já funcionava o cinema. Os espetáculos aconteciam principalmente nos dias úteis, para não atrapalhar a exibição dos filmes e os cerca de 400 lugares ficavam todos ocupados, principalmente quando a principal atração da época, Jaciro Crucello, se apresentava, juntamente com Edmur I. Sala, Leny do Vale Sala e outros. O teatro, porém, não era uma atração permanente, como o cinema, pois as peças eram apresentadas a cada dois ou três meses. Jaciro, ou Ciro, era engraçado no palco e fora dele, com aquele seu jeito de falar que lembrava Mazzaropi, e seu modo desengonçado de andar.

**Circos –** Eu, assim como muitos outros garotos, vibrávamos quan-

do chegava um circo na cidade, que se instalava principalmente no terreno em frente ao antigo prédio do Coleginho, na atual Praça Dr. Archimedes Lammoglia. Com a construção da Concha Acústica, isso não pôde mais ocorrer, mas os circos não foram para muito longe: no terreno hoje ocupado pelo Clube dos Trabalhadores ou Biblioteca Municipal e num outro onde hoje funciona o Supermercado Paulistão, na Rua José Weissohn.

Naquela época os circos atraíam muita gente, principalmente quando apresentavam "dramas", como "Escrava Isaura", "Vida de Artista", "O Ébrio", "Os Irmãos Corsos" e outros. O Circo Irmãos Almeida, que visitava Salto periodicamente, era o mais famoso e tinha em seu elenco um dos integrantes da família, Walter de Almeida, que arrancava suspiros das garotas e até das "coroas", pois era o tipo do galã do cinema americano, com bigodinho, cabelos pretos e lisos. Em "Vida de Artista" e em "Mestiça", cujas letras ficaram gravadas na memória de muitos saltenses, inclusive na minha, ele interpretava as canções-título. Em "Vida de Artista", por exemplo, ela dizia que "*a vida do artista / É alegre e bem feliz / Porque não sabe adivinhar / O artista está sorrindo / Com vontade de chorar*". Em "Mestiça" revela uma "*mestiça formosa, de olhar azougado / Um lenço de cores, nos seios cruzado / Nos lobos das orelhas, pingentes de prata / Que viva a mulata, por quem o feitor / Diziam que andava perdido de amor*".

Esses circos apresentavam também números de acrobacia, de mágica e alguns até o "globo da morte". Porém, os maiores sucessos de bilheteria aconteceram a partir de uma noite em que houve uma luta livre no centro do picadeiro. O circo estava armado na praça principal, ao lado do antigo prédio do Coleginho, e apareceu na cidade uma lutadora, Olga Zumbano, da família que deu um campeão mundial de box, Eder Jofre, que fez um desafio aos homens de Salto: pagaria uma considerável importância em dinheiro para quem a vencesse. Apareceu um candidato: Salvador Silveira, que ficou conhecido na televisão como "Índio Saltense", primeiro como lutador, depois como juiz, que sempre decidia em favor dos lutadores inescrupulosos e, por isso, era odiado pelo público. Naquela época, "Índio" não era ainda um lutador, mas possuía um bom físico e era temido pela forma como se comportava com quem não fazia parte do seu círculo de amizades. Vivia de bicos e por isso um bom dinheiro iria

lhe proporcionar uma folga financeira, o que o levou a aceitar o desafio e enfrentar a temível lutadora.

Como no primeiro combate houve empate, com o circo lotado, outras duas ou três lutas aconteceram, mas então o resultado já era combinado, para atrair o público, até que este se cansou. Nessa altura, porém, todas as partes já tinham saído ganhando: o circo, Olga e Salvador.

**Bailes –** Criança ainda, eu não frequentava os bailes que se realizavam na cidade, mas sabia que o principal clube era o Ideal, frequentado pela elite e que realizava bailes mensais e brincadeiras dançantes quase todo final de semana. A sede era ainda antiga e só começou a ser reformada no final da década, sendo inaugurada no início dos anos 60. Além do Ideal, eram promovidos bailes em outros locais, como no "Salão do Alberico", na Avenida D. Pedro II, onde hoje existe um estacionamento, em frente ao Fórum; no Guarani Saltense A.C., num salão existente ao lado do campo de futebol, com entrada pela Rua Campos Sales e outros menos importantes.

Aliás, no "Salão do Alberico" também aconteciam shows promovidos pela Rádio Cacique e eu era frequentador assíduo, pois havia muitas atrações, como os de calouros, com artistas de Salto e da região, alguns de músicas, outros de humor. Essas apresentações aconteciam em três ou quatro dias da semana e eram uma ótima opção, numa cidade tão carente de divertimentos.

**Esportes –** Fanático por futebol, eu acompanhava as partidas em Salto, que, na época, contava com 3 equipes profissionais: Saltense, Guarani e Avenida, as quais disputavam seus jogos em seus três estádios. Uma outra praça de esportes movimentada era a quadra do Clube de Regatas Estudantes Saltenses, a única existente na cidade naquela época. Ali, realizavam-se partidas de vôlei, basquete e futebol de salão, inclusive com campeonatos, que atraíam bom público.

A prática de outros esportes, como o ciclismo, pedestrianismo e ping-pong (atual tênis de mesa) também existia, embora com menor número de participantes. O ciclismo revelou nos anos 50 destacados corredores, como Ayr Galafassi e Giácomo Dalla Vecchia, que venceram provas nos Jogos Abertos do Interior, além de outras, na cidade e em vários municípios do Estado. As realizadas em Salto aconteciam num quadrilátero formado pe-

las ruas José Galvão, Prudente de Moraes, Avenida D. Pedro II, Ruas 7 de Setembro e José Weissohn e o número de espectadores era muito grande.

Esses acontecimentos que se verificavam na década de 50 não tinham o brilho e a modernidade dos que acontecem hoje, mas quem viveu aquela época lembra de muitos detalhes que não caberiam num espaço como o que me foi reservado, mas têm lugar permanente na minha memória.

---

*Valter Lenzi nasceu em Salto, em 25 de janeiro de 1941. Estudou no Colégio Sagrada Família, na Escola Anita Garibaldi, no Curso Vocacional da Escola Senai, de Itu; no Colégio Paula Santos; no Colégio Regente Feijó, de Itu; no Colégio Campos Salles, de São Paulo; e na Escola de Contabilidade Ortiz Monteiro, de Itu.*

*É casado com Zuleima Maria de Moraes Lenzi. Tem dois filhos: Cynara Aparecida Lenzi e Valter Lenzi Jr e os netos: Isabela, Isadora, Rafaela, Diego, Yasmin e Renan.*

*É jornalista profissional e foi correspondente de diversos órgãos de imprensa, entre eles os jornais: A Gazeta Esportiva, O Estado de S. Paulo, Cruzeiro do Sul, de Sorocaba; e Diário do Povo, de Campinas. É diretor e editor do jornal Taperá.*

*Autor de 11 livros: "História do Esporte Saltense", "Cidade Divertida e Pitoresca", "Crônicas da Cidade", "Momentos", "Croniquetas", "120 Anos da Imprensa Saltense", "Vagueando", "25 Anos da Secretária Eletrônica", "Archimedes Lammoglia", "Cronicando" e "Cabecinha e Salto nos Anos 50".*

# Uma história – Um jubileu[1]

Virgínia Soares Liberalesso
Cadeira 25
Patrono: Mário de Andrade

Era um menino
igual a tantos meninos
que o mundo já conheceu.
Trigueiro, forte,
corria os verde prados
da terra em que nasceu.
Amava o céu limpo,
A voz dos passarinhos
E no arroio claro, ouvia encantado
O canto ritmado
do monjolo que dizia
Pam, pam pam!...

E o tempo passou...
Passou tão depressa
O tempo de ser feliz.
Vieram as responsabilidades...
De manhã, hora certa de ir à escola,
para voltar às trindades.

Depois o primeiro emprego
de menino caixeiro – dias iguais –.
Até que sobreveio a doença grave.
Ante seu rosto encovado
sua mãe, qual anjo assustado
perguntava:
– Meu filho, o que você vai ser?
– Mamãe, vou ser padre.

Já no seminário, ao ver sua cabeleira,
alguém por brincadeira gritava:
Viva o João Felpudo!
(Hoje esse alguém é Dom Aguirre[2]).
Mais e mais o tempo passou.
E veio a sagração.
Ei-lo sacerdote do Senhor,
e na primeira paróquia
oficiou seu primeiro casamento,
o primeiro batizado,
ouviu a primeira confissão,
emocionado, deu a primeira extremaunção.

MAS O TEMPO NÃO PARA!

Novas mudanças!
Casa nova!
Quanto zelo e dedicação...
– Outra vez de mudança?
– Sim, o soldado de Cristo não para...
Mas, por Santo desígnio,
Salto, qual terra prometida,
ficou a sua Canaã...
e aqui deitou raízes...
e do fecundo apostolado
surgiram os frutos.

Vila Vicentina.
Colégio das Filhas de São José.
Nova Matriz.
Imagem nova da Virgem!
... era tão linda a que se queimou...
Igreja de São Benedito.
Círculo Católico! Outras irmandades –
e, na grande messe,

QUANTO EXEMPLO!

Bem me lembro...
As crianças o amavam
e os lábios travessos
que azucrinavam o pobre sacristão,
Zé Batatão, Zé Batatão,
também pediam
– Padre, me dá um santinho?

ooooo

Quarenta e um – Segunda Guerra –
havia amargura e horror.
Nesse ano Padre João
recebeu o título de MONSENHOR!

ooooo

E o tempo passou, passou...
Cinquenta anos de sacerdócio.
Meu Deus, quanta alegria, quanta luta!
Quanta Mágoa!
Quanto pranto no caminho que venceu.

Senhor, Te imploro
pelos cravos da Paixão,
pelas rosas de maio,
pelas girândolas de setembro,
pelos sinos de Natal...
Dai-nos em simplicidade – MENINOS JOÃO!
Dai-nos em zelo e vocação – MENINOS JOÃO!
Dai-nos em valor e bondade – MENINOS JOÃO!
Dai-nos em humildade – MENINOS JOÃO!

Mas, sobretudo,
sobre o ouro deste Jubileu,
dai-nos Tuas bênçãos
Oh Deus!

1 Texto comemorativo ao Jubileu de Ouro da ordenação sacerdotal de Monsenhor João da Silva Couto, em dezembro de 1966. Monsenhor Couto nasceu em Itu/SP, em 8 de dezembro de 1887. Foi pároco da Matriz de Nossa Senhora de Monte Serrat de 1926 até sua morte, em Salto/SP, em 30 de abril de 1970. Admirado pelos saltenses, Monsenhor Couto foi realizador e deixou vasto legado espiritual, tendo papel central no desenvolvimento da cidade.

2 Dom José Carlos de Aguirre (Itaqueri da Serra/SP, 1880-Sorocaba/SP, 1973) foi o primeiro bispo de Sorocaba, cargo que ocupou de 1924 a 1973. Fundador da Faculdade de Filosofia de Sorocaba, foi também atuante no campo de formação de novos padres. Ele e Monsenhor Couto conservaram por toda a vida a amizade iniciada nos anos de seminário.

*Virgínia Soares Liberalesso iniciou sua carreira no Jornalismo. Foi uma das fundadoras do jornal "O Trabalhador", em Salto/SP, ao qual se dedicou durante 35 anos, respondendo pela revisão, editoração e coordenação da oficina, além de ter sido diretora por sete anos.*

*É autora de inúmeros contos e poemas. Lançou os livros "Contos de Antigamente" (2010), "O Tesouro do Guaraú" (2011) e "Devaneio" (2013), este último em parceria com Lázaro Piunti.*

*É membro da Academia Saltense de Letras desde 2014.*